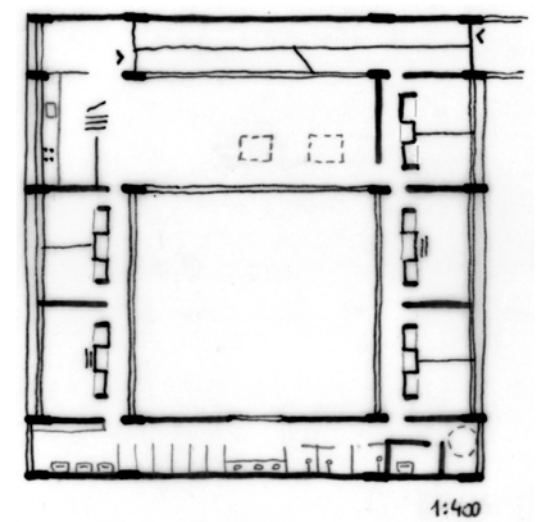


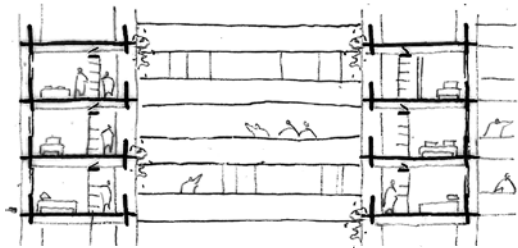
casa pública urbana

ensaios sobre um modo coletivo do viver



camila hon cioffi

Trabalho final de graduação
Orientação Marta Bogéa



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

FAUUSP
Junho de 2019

agradeço

à Marta, por toda sua disponibilidade e acolhida. Suas orientações, sempre muito alegres e inspiradoras, foram de grande motivação para produzir um trabalho do qual sou tão feliz em compartilhar;

ao Alexandre Delijaicov, pelas conversas e orientações iniciais que me ajudaram a compreender o significado de um projeto público e democrático, para todos;

ao Angelo e Zé Oswaldo por aceitarem fazer parte de minha banca e desse momento único;

ao Artur Rozestraten por acompanhar este trabalho e pelas conversas iniciais;

ao Zé, André Takiya, Regina e Luiz, pelos meses de convivência e trabalho, que me mostraram de perto a ética do arquiteto em um escritório público de arquitetura, e que é possível sonhar e seguir projetando;

à Ying, pelo amor infinito e respeito aos meus momentos imersos neste trabalho. Por cada marmita, cada visita, cada palavra sincera;

ao Zé Braz, por comemorar comigo cada etapa concluída para chegar até aqui, por todas as conversas e várias ajudas neste trabalho;

à Ná e Caetano, por todo o carinho e apoio, mesmo com toda a distância e saudade;

à Bella e Francis por compartilharmos juntos, neste último ano, nossos espaços de moradia;

à Tati, pelas conversas semanais e por me ajudar a compreender tantas questões;

ao Renan, por tudo. Por sempre me lembrar que vai ficar tudo bem e me incentivar em todos os momentos. Por todo o seu companheirismo e por cada ajuda - e foram tantas - em todos esses 7 anos de Graduação;

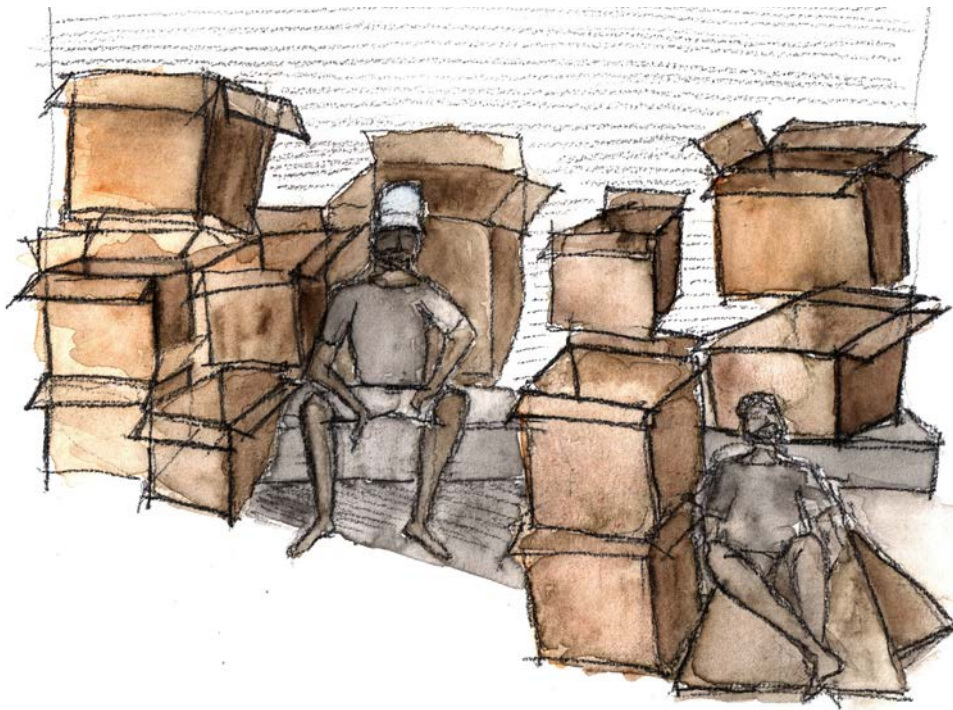
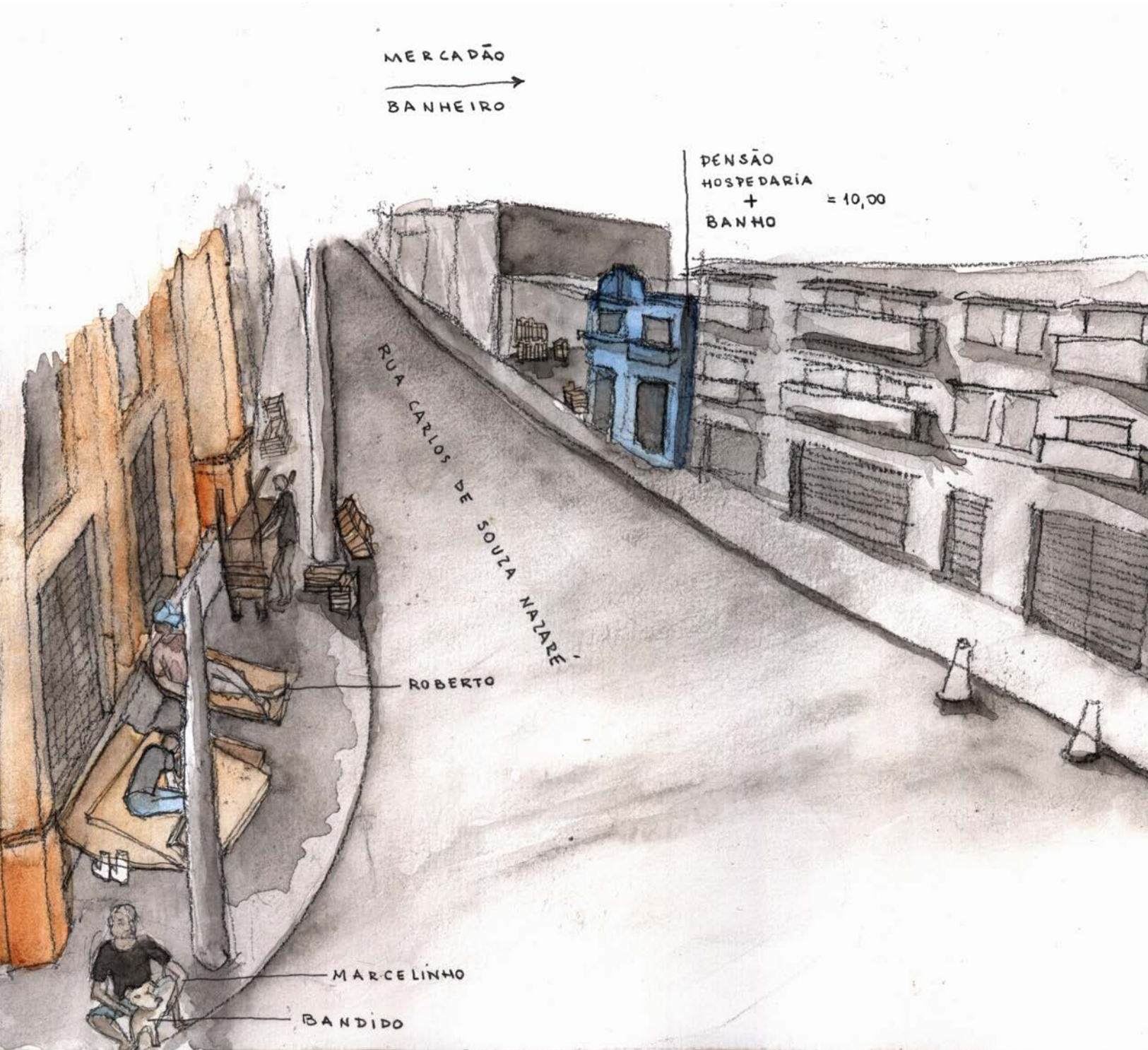
à Giu pela sua disponibilidade e por ter me ajudado fazendo a ponte com SMADS e conversas com assistentes sociais;

à Gennari, por sempre me oferecer ajuda e apoio - mesmo à distância - com seu olhar gráfico e com tanto bom gosto;

às Gabis, Giu, Nathi, Lili, Helenna e Fe pela amizade que se fortaleceu ao longo de nossos anos de FAU;

aos colegas, amigos e professores com quem tive a oportunidade de cruzar caminhos;

à FAUUSP, minha inspiração de Casa Pública, que me acolheu e me ensinou todos os dias através de seus espaços o significado da vida coletiva.



narrativa

que o objeto de estudo aqui é o projeto de arquitetura, esta aproximação se dá por meio de estudos de um espaço não estigmatizado.

Enquanto estudante de arquitetura, este trabalho significou uma possibilidade de sonhar com este lugar. Um lugar de possibilidades para todas as pessoas, e que cumpra - junto com os demais equipamentos públicos existentes - o seu papel de garantir o direito à cidade.



4

porcionaram e que sou inteiramente grata.

No entanto, saindo desses espaços mais difícil é encontrar disponível um local com tantas ofertas de programas de necessidades que nos permitam sentir em casa.

Percebo hoje, também, que as vivências em algumas disciplinas realizadas na FAU contribuíram muito para a formulação destes questionamentos e, inclusive, para a sua extensão a outras realidades de vivências na cidade.

Na disciplina Interdepartamental “Cultura, Paisagem e Cidade”, ministrada pelos Professores Artur Rozestraten e Karina Leitão, cursada em 2017, tive a oportunidade de estender essas questões do corpo na cidade e aproximá-las aqueles que utilizam, dias e noites, os espaços e logradouros públicos como seus locais de permanência e moradia. Se já é raro encontrar um espaço disponível para realizar as atividades acima, imagine para uma pessoa em situação de rua, a qual nas circunstâncias atuais em que vivemos - em que estes serviços básicos são capitalizados e na maioria das vezes ligados ao consumo - possuem seus direitos à cidade bastante restritos e praticamente negados.

Em paralelo a realização desta disciplina, acredito que as vivências durante o tempo em que acompanhei o projeto independente “Yoga de Rua”¹, contribuíram muito para esta aproximação. Pude perceber um pouco mais no outro essas questões que, neste caso, eram ainda mais agravadas, pelos mais variados motivos mas, principalmente, por estes não possuírem esse momento de ‘voltar para casa’. Além disso, todas as quintas feiras nos deparávamos com as mesmas questões: Onde guardar o material utilizado nas práticas, para não precisarmos trazer e levar toda vez? Onde preparar os lanches e refeições que serão servidos após a prática? Será que existe algum lugar onde isso é possível, mais próximo à Praça da Sé? Enfim, muitas questões que envolvem o acesso à cidade e aos espaços públicos que, na maioria das vezes, eram resolvidas de forma improvisada nos espaços privados das casas dos membros do grupo, que raramente eram próximas ao Centro.

É importante ressaltar que a temática das pessoas em situação de rua é abordada neste trabalho no âmbito da arquitetura e do programa de necessidades. Tem-se clareza, portanto, que este tema - bastante complexo - envolve outras disciplinas para seu melhor entendimento e compreensão. No entanto, visto

Este trabalho, desenvolvido neste um ano e meio que se passou, é a síntese de uma série de questionamentos que fui percebendo presentes em meu imaginário, enquanto moradora de São Paulo e estudante de arquitetura.

Foi praticamente neste último semestre, que pude ver com clareza o sentido de busca deste tfg. Busca por possibilidades que respondessem a essas inquietações que apesar de pessoais, só poderiam se concretizar no âmbito coletivo da cidade.

Esta busca se traduz, portando, sob a forma de ensaios. Ensaios projetuais que exploram as possibilidades de espaços públicos na cidade, que nos permitam realizar ações cotidianas, corriqueiras, e que normalmente estamos habituados a realizar no momento em que nos encontramos no ambiente privado e íntimo de nossas casas.

Chamei de Casa Pública Urbana este possível equipamento público que, abrigando os programas e funções da casa, poderia estar na cidade disponível à todas as pessoas, sem restrição de usuários. Seria, então, uma flexibilização de nossas rotinas que são, atualmente, um tanto enrijecidas principalmente pelo movimento pendular “casa - trabalho / trabalho - casa”. Por que não dormir hoje próximo ao local da aula de amanhã cedo? E amanhã, quem sabe, tomar um banho depois do expediente, perto dali?

Relembrando minha trajetória durante esses anos de Graduação percebo que os espaços da USP e, principalmente, da FAU foram, de certa forma, uma Casa Pública para mim. Apesar de minha moradia física estar - em boa parte desse período - em Barueri, foi em São Paulo onde passei a maior parte desse tempo. Portanto, sair de casa pela manhã significava planejar o dia do começo ao fim, uma vez que não seria possível voltar para casa de forma rápida. E imagino que esta situação se repita para muitos outros casos, de pessoas que também utilizam esta cidade como local de realização das atividades cotidianas e de moradia.

Dessa forma, poder tomar um banho no vestiário do CEPE, ou no Anexo da FAU - quando os chuveiros ainda podiam ser utilizados pelos estudantes; usar os armários da biblioteca, ou as gavetas das mesas dos estúdios como armários pessoais; os sofás da vivência ou as redes no piso do Museu - quando ainda existiam - para um eventual cochilo; poder esquentar a marmita no microondas da vivência; entre outras possibilidades, foi uma garantia aos direitos à cidade que os espaços públicos da Universidade me pro-

“(...) se soubéssemos que é bom conviver com os diferentes, todos juntos faríamos tranquilamente cidades melhores.”

(DELUJACOV, Alexandre. *Habitação: ética e projeto*. Revista *Contraste* Nº3. São Paulo: USP; FAU, 2014. p.61).

1. Projeto social autogerido com a proposta de tornar mais acessíveis as práticas de yoga, meditação e alimentação vegetariana para todas as pessoas, sendo o foco as pessoas em situação de rua. Surgiu em 2015 no Rio de Janeiro, onde acontece até hoje no Aterro do Flamengo, Parque Guinle e Praça Paris. Em São Paulo, começou com mais frequência no fim de 2017, e hoje acontece na Praça da Sé, em frente ao Edifício dos Bombeiros. Mais informações em: <https://www.yogade-rua.org/>

Imagens 1 a 3. Desenhos desenvolvidos em campo, para disciplina “Cultura, Paisagem e Cidade”.

Imagem 4. Prática de yoga (projeto Yoga de Rua) com pessoas em situação de rua na Praça da Sé. (Foto: autoria própria).

capítulo um

i. Percursos cotidianos:

entre a casa e o trabalho

um pode simplesmente usar o banheiro sem precisar comprar um café, por exemplo, intensifica-se ainda, pela situação e conjuntura política atual, na qual vive-se uma descrença na coisa pública e que os equipamentos e investimentos públicos são muito mais medidas paliativas, com um viés quantitativo, que omite o qualitativo. Se grande parte da população vive uma condição de *espoliação urbana*⁴, ficando condicionada a esse ritmo cotidiano, morando longe das ofertas de serviço, infraestrutura e equipamentos públicos, a necessidade por uma oferta de equipamentos que promovam maior urbanidade e alternativas a esse estilo de vida atual é urgente.

ii. Público e Privado -

Coletivo e Individual

Seguindo esse raciocínio, um equipamento público no qual investiga-se o programa de necessidades da esfera privada da moradia, esbarra nas questões do coletivo e do individual.

Se a casa é esse símbolo de refúgio e “*gruta do habitat privado*”, como descrito na frase de Certeau ao lado, existe aí uma *poética do habitar*⁵, onde a apropriação do espaço e o sentimento de intimidade se dá por inteiro na manifestação individual.

No entanto, ao descrever a *prática de bairro*⁶, Mayol estende para a rua e para os espaços fora da habitação essa noção de privado, uma vez que ocorre nesses locais, de curtos e habituais deslocamentos próximos à casa, um reconhecimento do lugar. Onde essa poética de apropriação do espaço fechado e íntimo da casa é prolongada para além da *soleira da porta*⁷. Aí, o corpo individual passa a ser um corpo social, na esfera do coletivo, fora do abrigo privado. E mesmo neste ambiente externo, é possível encontrar locais de intimidade e ‘sentir-se em casa’.

Assim como o bairro, os percursos cotidianos e habituais, os caminhos para o trabalho / escola, também são de constante apropriação e reconhecimento pelas pessoas. Resta saber se essa extensão da noção de pertencimento, onde o individual mistura-se com o coletivo, também é prolongada nestes espaços, que na maioria das vezes estão para além do bairro no qual encontra-se a moradia física.

Como se rompessem as bolhas fechadas de espaços privados que deixam nossa rotina truncada com poucos espaços de transição, espaços do entre.

“Quando a esfera pública não oferece mais lugar de investimento político, os homens se fazem ‘eremitas’ na gruta do habitat privado. Hibernam em seu domicílio, buscam satisfazer-se com pequenos momentos de felicidade individuais. Talvez alguns até já sonhem em silêncio outros espaços de ação, de invenção e de movimento.”(CERTEAU, Michel de. v.2, 2012. p. 206).

“(...) um espaço capaz de conjugar interioridade e exterioridade, ao mesmo tempo aberto e fechado. Espaço público, mas arrumado como se fora um ambiente interno de uma casa (...).”

(ARANTES, Otília Beatriz Fiori, 2015. p. 102)

“Por contraste, a relação que liga a moradia ao lugar de trabalho é, na maioria dos casos, no espaço urbano marcada pela necessidade de uma coerção espaço temporal que obriga a percorrer o máximo de distância no menor tempo possível. A linguagem cotidiana fornece aqui uma descrição de extrema precisão: ‘pular da cama’, ‘engolir o café’, ‘pegar o trem’, ‘mergulhar no metrô’, ‘chegar em cima da hora’...Por esses esteriótipos bem vemos o que quer dizer ‘ir para o trabalho’: entrar em uma cidade indiferenciada, afundar-se em um magma de sinais inertes como em um lodaçal, sendo somente guiado pelo imperativo da hora certa (ou do atraso).”

(MAYOL, Pierre, v.2, 2012. p.44).

“É da lógica do sistema que negócios e trabalho passem a preponderar na definição do quadro de vida de um indivíduo moderno.”

(ARANTES, Otília Beatriz Fiori, 2015. p.107).

1. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. Petrópolis : Vozes, 2012.

2. ARANTES, Otília Beatriz Fiori. O lugar da arquitetura depois dos modernos. 3. ed. São Paulo : EDUSP, 2015. p.111.

3. SENNET, apud ARANTES, Otília Beatriz Fiori. O lugar da arquitetura depois dos modernos. 3. ed. São Paulo : EDUSP, 2015. p.114.

4. KOWARICK, Rio de Janeiro: Editora Terra e Paz, 1980.

5. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

6. MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano, 2 : morar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. Petrópolis : Vozes, 2012. p.41.

7. VILANOVA, Artigas. “A casa não termina na soleira da porta”.

A descrição de Pierre Mayol ao lado define bem, de uma maneira geral, o ritmo cotidiano dos moradores de grandes cidades, que enfrentam a correria e, geralmente, longos deslocamentos a partir do momento em que saem de suas casas. Só a palavra “enfrentar” já carrega o peso e significado que parece vir associado a esse percurso cotidiano, que apesar de ser constantemente reinventado por seus sujeitos de maneiras singulares¹, fica limitado à lógica produtivista capitalista.

À essa *vida nervosa e metropolitana*², nós, habitantes da metrópole, facilmente cedemos e nos deixamos levar por esse ritmo quase alienante.

Não é objetivo deste trabalho, no entanto, teorizar a respeito do *declínio do homem público*³, ou sobre o refluxo da vida pública, mas gostaria de, a partir destas noções, destacar um dos pontos motrizes deste trabalho que, como já brevemente indicado nas motivações iniciais, levou ao objeto de estudo.

Associado à essa lógica de funcionamento citada está a noção - de um modo geral - de que da casa (espaço privado) nos direcionamos para o trabalho (espaço privado) e nos períodos do ‘entre’ recorremos - mais uma vez - aos espaços privados e fechados para preenchermos nossas rotinas.

Dessa forma, os logradouros e espaços públicos ficam reduzidos a lugares de fluxos e passagem, nos quais não cria-se muitos vínculos, vivendo-se o coletivo em espaços dedicados, em sua grande maioria, ao consumo. A permanência está, nesses lugares, ligada à presença das pessoas que encontram-se em situação de rua e que, apesar de muitas também possuírem essa rotina de ir trabalhar, a sua ‘casa’ e percurso cotidiano já se dá neste local do ‘entre’, nos espaços da cidade.

Pergunto-me onde estão, nesses percursos cotidianos, entre a casa e o trabalho, os lugares desvinculados ao consumo, nos quais essa coerção espaço temporal descrita por Mayol poderia acontecer de maneira inversa, ou seja, onde o máximo de tempo em, talvez, um mínimo de espaço permita uma desaceleração ou mesmo uma pausa desse ritmo intenso.

Por mais que ainda existam as relações interpessoais, apropriação e reinvenção dos espaços das cidades, como afirma Mayol e Certeau em “*A invenção do Cotidiano*”, esses espaços são na sua maior parte improvisados pelas pessoas. Este sentimento de que são poucos esses lugares, de fato, públicos onde



Imagem 1. “Cochilo”. Exemplo de iniciativa privada que promove espaços para se tirar um cochilo em qualquer período do dia. Foto de cabine individual. (Autoria própria).

iii. Expansão da casa - explosão da bolha

"Aliás tem uma coisa sofisticada, apesar de ser dramática, que é a 'decisão' dos moradores de rua. Todos nós podemos ser moradores da rua. Não quero que se tenha nenhum equívoco com relação a isso, mas eu acho que morador das cidades é aquele que reconhece os equipamentos. No dia em que a gente se livrar, nos livrarmos da âncora da casa própria, teremos alcançado outro patamar de arquitetura e sociedade. Você passaria o cartão e entraria, assim como você passa o cartão e anda de bicicleta, fazendo uma propaganda indireta do Itaú. Agora imagina se o capital achar um jeito de, com o mesmo cartão do bilhete único, você entrar em qualquer lugar, onde tem umas redes espalhadas. Não tem casa mais, explodiu a casa própria."

(DELUJAICOV, Alexandre. Habitação: ética e projeto. Revista Contraste N°3. São Paulo: USP, FAU, 2014. p.64).

"Para além do âmbito coletivo e social que está implícito na sustentação ética do projeto de habitação, está também essa dimensão poética do habitar, da arte que te habita. Consiste em entender que a casa vai muito além do habitáculo reduzido entre quatro paredes. Entender a habitação como abrigo e, esse abrigo construído pelas cidades, as redes das cidades, pelo direito de ir e vir; não pelo confinamento entre quatro paredes, num habitáculo. (...) Um abrigo no qual deseja-se que sob o mesmo teto, esse teto poético, todos possam se encontrar, todos os diferentes, não os mesmos"

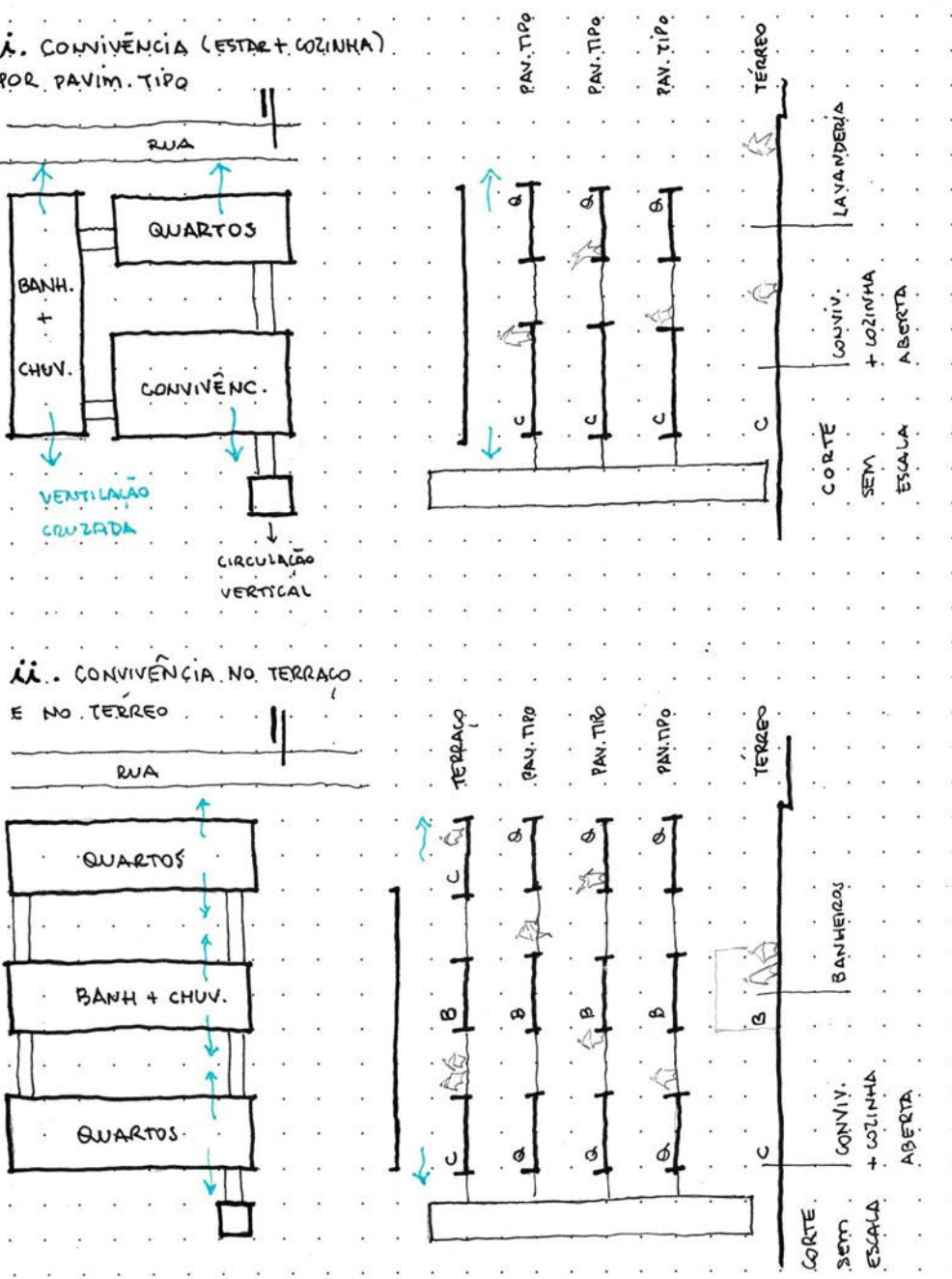
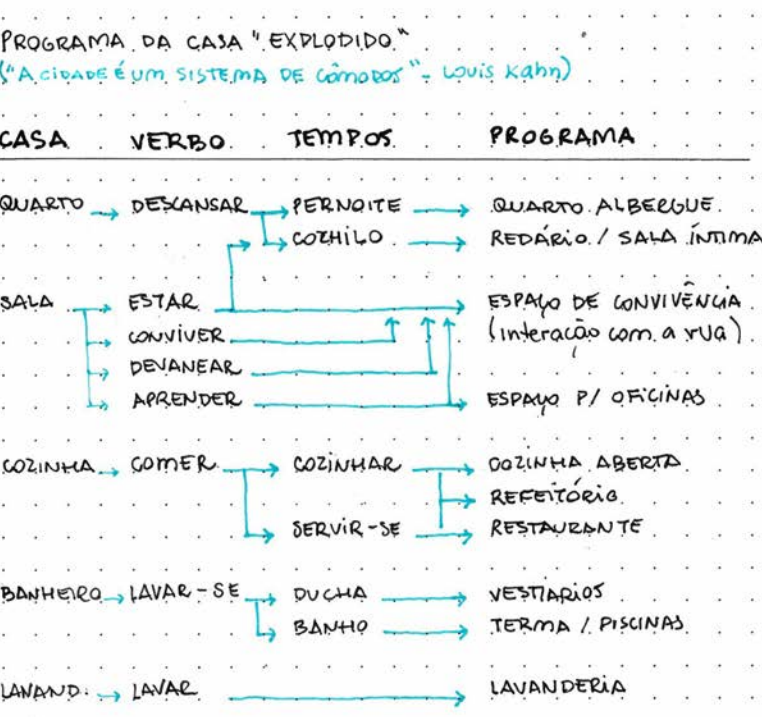
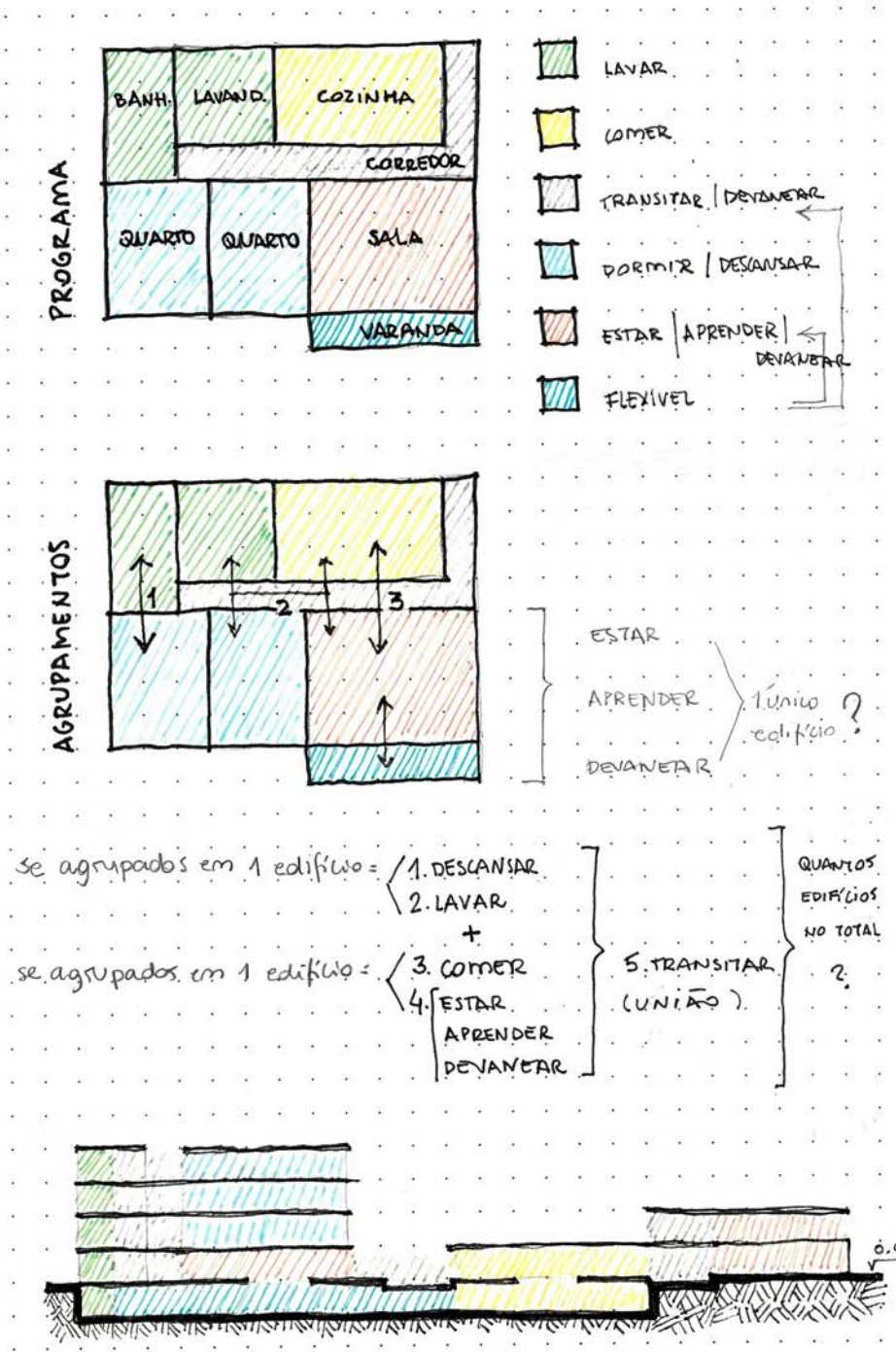
(DELUJAICOV, Alexandre. Habitação: ética e projeto. Revista Contraste N°3. São Paulo: USP, FAU, 2014. p.59).

Parto, portanto, desta noção de que o abrigo está muito além dos espaços da casa, e que se estendem para a cidade - presente nos sistemas de praças, nos equipamentos públicos, nas redes de infraestrutura - e além disso, que nós carregamos essa possibilidade de apropriação de um espaço com o nosso corpo, tomando-o mais familiar, um lugar de pertencimento.

E se é na cidade onde essa poética do habitar individual mistura-se e configura o habitar coletivo, estamos em uma constante relação da parte e o todo, sendo o todo composto por todos os diferentes.

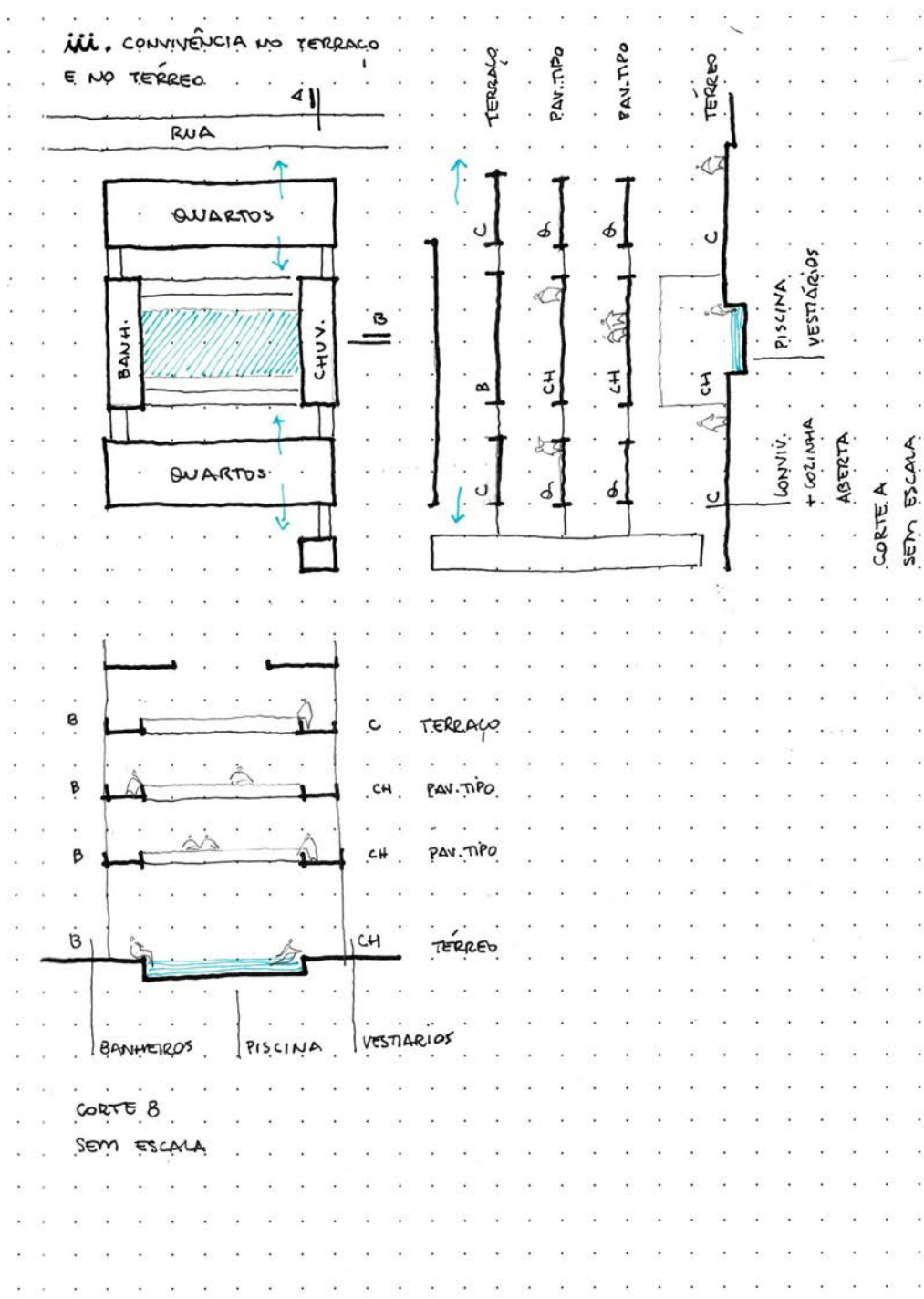
As pessoas em situação de rua, que - mais do que ninguém - permanecem nos espaços públicos, nesta grande habitação que é a cidade, carregam constantemente a sua parte simbólica da casa, seja pelos seus objetos pessoais, seja pelas carroças. Como o professor Alexandre Delijaicov afirma, na citação ao lado, todos nós podemos ser moradores da rua, na medida em que vivemos a maior parte dos nossos dias - de modo geral - nos percursos cotidianos e espaços da cidade.

Como poderia ser esse equipamento público, no qual não ocorra a fragmentação e estigmatização de seus usuários, onde os diferentes possam conviver, como na descrição ao lado?



capítulo dois

i. dos verbos ao programa



“(...) a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz.”
 (BACHELARD, Gaston, 2008. p.201).

“Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, têm tempo para viver e sonhar. Aqui as pessoas se estreitam, se abraçam e depois se separam. Aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidados, provisoriamente dispensado de suas obrigações de trabalho e de representação no cenário social. Aqui o costume permite passar o tempo ‘sem fazer nada.’”
 (CERTEAU, Michel, v2, 2012. p.205).

A partir da escala da casa unifamiliar, o estudo do programa arquitetônico inicia-se pela busca e entendimento das ações do corpo dentro deste universo íntimo.

A casa é o refúgio onde realizar cada uma dessas ações se torna possível de forma espontânea.

Que ações seriam essas, que de tão essenciais e básicas a qualquer ser humano, deveriam ser possíveis de serem realizadas extrapolando os ambientes privados da casa, alcançando, então, os espaços públicos da cidade?

Os diagramas ao lado são frutos dessa estruturação dos pensamentos no que diz respeito à constituição do programa. Tanto na identificação de quais verbos seriam esses, como nas possíveis combinações entre estes espaços para cada ação.

Além das ações do corpo nesse ambiente, os tempos de cada uma delas são essenciais no momento de desenhar e imaginar esses espaços, tendo em vista um projeto mais acessível e universal para uma gama ampla de todos aqueles que dependem de lugares e programas que atendam suas necessidades básicas.

A ação de comer, por exemplo, compreende tanto o ato de ir em um restaurante e servir-se de uma comida preparada, quanto preparar e cozinhar a própria comida. A meu ver, faltam espaços na cidade que nos permitam realizar esta última forma, assim como locais onde seria possível esquentar a comida preparada na própria casa. Portanto, foram considerados necessários espaços que possibilitem tanto o servir-se (restaurante), como o cozinhar (cozinha aberta), estando ambos os programas ligados a um espaço de comer (refeitório).

Quanto ao estar, conviver, devanear, aprender, todos poderiam ocorrer em espaços flexíveis, sem um uso exatamente pré determinado, mas que a partir de suas configurações e desenho tais ações possam se acomodar.

Os programas “molhados” foram identificados a partir do contato coma água, desde o lavar-se, lavar algo e o lazer. O lavar-se envolve diversos tempos de acontecimento, que aqui foram divididos em dois: a ducha rápida e cotidiana e o banho mais lento. Os vestiários são, então, incorporados ao programa, de forma a proporcionar o direito ao banho, tanto por quem está de passagem, quanto por quem permanecerá.

As piscinas, por sua vez, atendem a quem permanecerá e usufruirá da água por um tempo mais longo, associado tanto ao lazer como à fruição. O ato de lavar está diretamente ligado também ao programa de lavanderia e taques.

Por fim, o descansar. Foram então considerados a pernoite, o cochilo ou, simplesmente, a pausa na rotina - por exemplo em espaços de estar, como os espaços de convivência e permanência do galpão principal do SESC Pompéia. Cada uma dessas escalas de ação nos possibilitam experimentar espaços diferentes, sejam eles mais resguardados para a pernoite, como um quarto, sejam eles, apesar de compartilhados mas ainda resguardados e mais silenciosos possibilitando um cochilo (um redário ou uma sala íntima de descanso) ou por fim, o próprio espaço de convivência.

O entendimento do programa ocorreu seguido de sua espacialização. Sob a forma de croquis e plantas esquemáticas (imagens ao lado), tais estudos possibilitaram a formulação de questionamentos sobre a interação desses espaços.

Apesar de no esquema inicial (imagem1), assim como na listagem e descrição acima estes aparecerem ainda muito setorizados, a proposta aqui é justamente o contrário: como agrupar tais programas levando em conta as suas escalas de uso, tanto em relação ao que é mais de uso coletivo ou resguardado, quanto à proximidade entre eles.

Dessa forma, concentrando no térreo e embasamento da edificação proposta os programas de uso mais coletivo, como por exemplo: restaurante/ refeitório, cozinha aberta, lavanderia, espaços de convivência e oficinas, redário e piscinas; a questão volta-se para o pavimento tipo do albergue, onde estão os quartos para pernoite. Programas molhados como os banheiros e chuveiros/ vestiários foram considerados necessários tanto nos pavimentos tipo do albergue, quanto no seu embasamento.

Deveria ou não existir espaços de convivência, cozinha aberta coletiva e de descanso (além do quarto) em cada pavimento tipo?

As imagens ao lado traduzem esse questionamento para o âmbito do desenho, de forma que o estudo i - imagem 3 - considera cada pavimento tipo possuindo, além do programa molhado, o programa de convivência e estar, que inclui também uma cozinha coletiva.

Imagem 1. Croquis: Estudos do programa

Imagem 2. Diagrama: Verbos, Tempos e Programa

Imagens 3 e 4. Plantas e Cortes esquemáticos (sem escala): Relações entre os programas. (autoria própria).

ii. do existente e das referências

Os estudos ii e iii - imagens 3 e 4 - consideram que tais espaços de convivência e cozinha se concentrariam além de no pavimento térreo, também no terraço do edifício, mas não em cada pavimento tipo. No terceiro estudo, o bloco de banheiros e o de chuveiros foram separados, de modo a estudar a integração da piscina no térreo com ambos os blocos molhados, criando percursos entre eles, através de passarelas ou corredores que além de os conectarem, possibilitam visuais para a piscina.

Estes estudos foram fundamentais para perceber que o programa do pavimento tipo do albergue estrutura e organiza um núcleo. Tal núcleo poderia ser entendido como um agrupamento funcional de atividades complementares, e que formam uma unidade de vizinhança, moradia e convivência, quase como uma casa em si.

Portanto, a partir desta noção de núcleo de programas e do questionamento sobre este ser constituído ou não de espaços de convivência e cozinha coletiva (além de quartos, banheiros e chuveiros), busquei no existente e em referências de projetos arquitetônicos as diversas soluções.

O fio condutor que delineou tal busca foi o desenho e conformação deste núcleo de programas citado, assim como a espacialização dos demais programas, mencionados no subitem anterior (aqueles mais coletivos e públicos, e a relação destes com os programas mais resguardados). Além disso, foram estudados os programas de necessidades de certos equipamentos públicos de São Paulo, e também de iniciativas independentes ou privadas que se aproximam da proposta de atividades desenvolvidas.

Para fins práticos as referências estudadas foram divididas em três grupos: 1.Núcleo, 2.Espacialização e 3.Rede.

1.Núcleo:

Diversas soluções de núcleo de programas foram encontradas. A partir das análises e interpretações feitas aqui, pude perceber que em alguns casos, este núcleo é um módulo que se repete e é associado mais de uma vez constituindo o pavimento tipo ou o projeto como um todo. Em alguns projetos - como nas residências estudantis - tal núcleo é modulado internamente a partir do elemento quarto individual ou duplo, e em outros - como nas habitações - este elemento é o próprio apartamento, que da associação de vários apartamentos tem-se o núcleo, com um espaço de convivência em comum.

Algumas vezes, este agrupamento funcional reproduz de certa forma a escala íntima da casa ou apartamento unifamiliar, muitas vezes pela existência de elementos que permitem uma interação, visual, espacial, e integração dos programas de dormitórios com os programas de estar e convívio. Além disso, notei que quando o núcleo é composto por quartos independentes, sejam eles duplos ou individuais - como em uma residência estudantil ou albergue por exemplo - o número aproximado de pessoas abrigadas neste mesmo conjunto é aproximadamente entre 15 a 20, não muito mais do que isso.

Uma vez que tais núcleos reproduzem uma dinâmica que envolve modos de morar, a sua compreensão foi buscada também quando este ocorre de maneira adaptada e apropriada pelos próprios usuários em um espaço não projetado para abrigar tais programas. Essa apropriação, como ocorre por exemplo em uma Ocupação, evidencia as demandas e questões que envolvem a constituição desses núcleos - como por exemplo a existência ou não de uma cozinha compartilhada. Este subitem será, então, organizado em *Núcleos Projetados* e *Núcleos Apropriados*.

1.Núcleo

1a. Núcleos Projetados:

Residência Millan

Ano do projeto: 1970
Local: São Paulo, Brasil
Arquiteto: Paulo Mendes da Rocha

Núcleo = Casa unifamiliar
Constituição do núcleo: 5 Dormitórios dos filhos, dormitório dos pais, escritório, banheiros, cozinha, sala de jantar, áreas de serviço, garagem e área externa com piscina.

Imagens 5 / 6, respectivamente: Planta do térreo. / Corte longitudinal da Residência Millan.

Habitação coletiva Celerina

Ano do projeto: 1973
Local: Celerina, Suíça
Arquiteto: Luigi Snozzi

Núcleo = Apartamento unifamiliar = Módulo que associado lado a lado e de forma espelhada configura o pavimento tipo (22 apartamentos por pavimento).
Constituição do núcleo: Cozinha, sala de estar e jantar, banheiro compartilhado, circulação vertical para cada 2 apartamentos, quartos (quantidade de quartos varia de um núcleo para o outro).

Imagem 7. Implantação do Projeto de habitação coletiva
Imagens 8. Planta pavimento tipo e elevação da habitação coletiva em Celerina.

Pavilhão Suíço - Residência estudantil

Ano do projeto: 1931
Local: Cidade Universitária de Paris, França
Arquitetos: Le Corbusier e Pierre Jeanneret

Núcleo = Pavimento tipo do edifício de 5 andares.
Constituição do núcleo: Sanitários compartilhados, circulação vertical, 15 quartos individuais.
Imagem 9. Planta do terraço, pavimento tipo e pavimento térreo do Pavilhão Suíço.

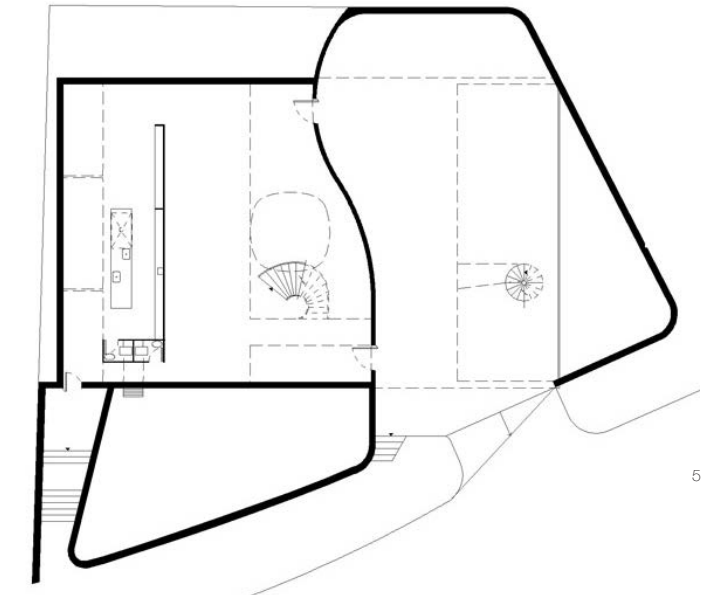
As relações espaciais evidenciadas pelo corte do projeto da Residência Millan mostram muito do que foi considerado aqui como a escala íntima da casa. A relação de mezanino dos dormitórios das crianças e de meio nível do dormitório do casal, permite uma certa privacidade aos quartos, que ao mesmo tempo voltam-se para a sala de estar, a qual possui pé direito duplo e iluminação zenital. A meu ver, elementos como o meio nível, mezanino, pé direito duplo, sala/pátio criam uma interrelação que reforçam a escala aconchegante da casa e ao mesmo tempo íntegra do núcleo. Em certos casos estudados a seguir, tal núcleo se configura como o próprio pavimento tipo da edificação, ou então como uma parte do pavimento - o próprio apartamento - que associada modularmente, constitui o andar como um todo, como é o caso do projeto de habitação coletiva do arquiteto Luigi Snozzi.

Neste projeto é possível perceber uma clara separação de cada bloco de programas que definem e organizam, assim, volumes distintos - lâmina de dormitórios e o bloco de convivência, cozinha e circulação vertical - conectados por corredores passarelas.

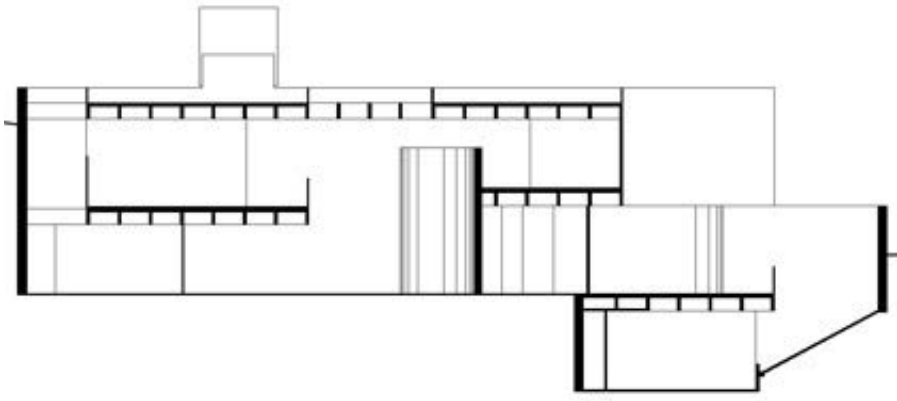
Aqui o núcleo é o próprio apartamento, que associado e repetido de maneira espelhada e lado a lado configura o pavimento tipo da edificação. Na lâmina de dormitórios, existe um banheiro e uma circulação de acesso aos quartos, configurando uma sala íntima. Estes programas conectam-se ao bloco de usos mais coletivos (cozinha, sala de jantar e estar), além da circulação vertical do conjunto. Pela espacialização dos programas em blocos associados, tal projeto poderia ser entendido, por exemplo, como uma associação de quartos individuais ou duplos, que configuram o edifício em lâmina, conectado a um bloco de convivência e circulação, sem necessariamente serem apartamentos unifamiliares, como no caso a seguir.

No Pavilhão Suíço, o edifício de 5 andares e forma de T, também concentra na lâmina o programa de dormir - mas nesse caso são 15 quartos individuais da residência estudantil por andar - e no outro volume, a circulação vertical, acompanhada de sanitários.

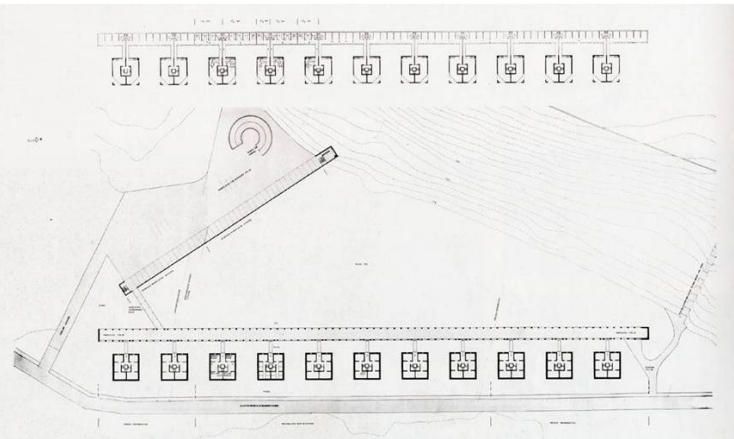
Os espaços de convivência e de uso mais coletivo concentram-se, por sua vez, no terraço do edifício e no pavimento térreo.



5



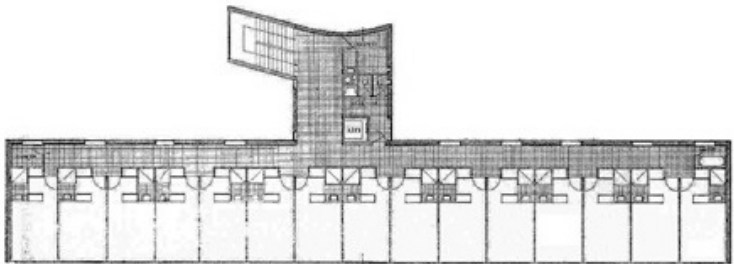
6



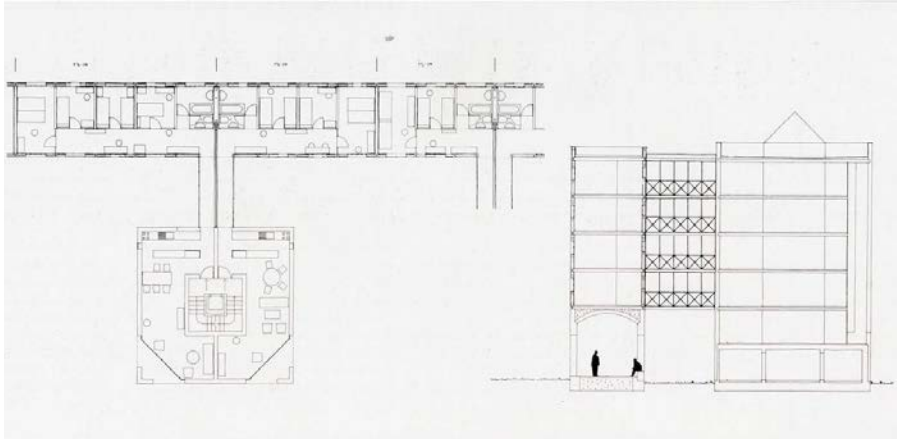
7



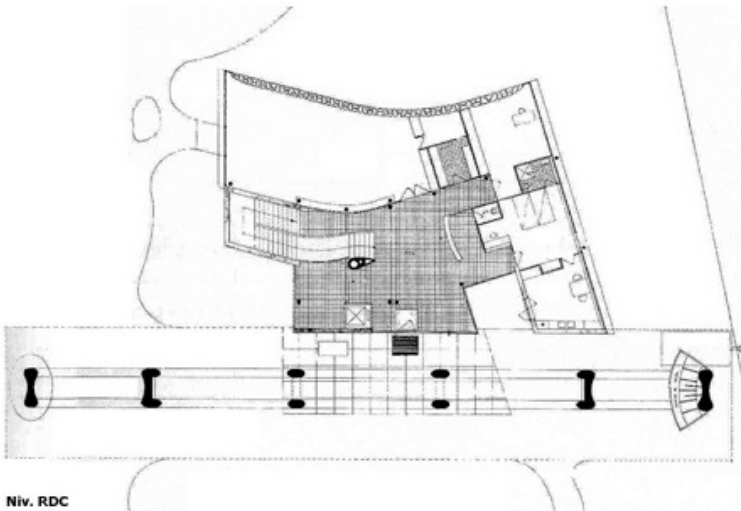
Niv. 04



Niv. 01, 02 & 03

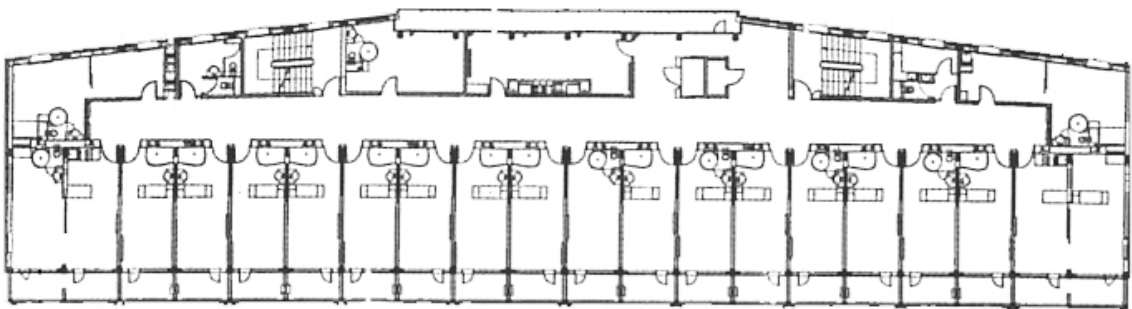


8



Niv. RDC

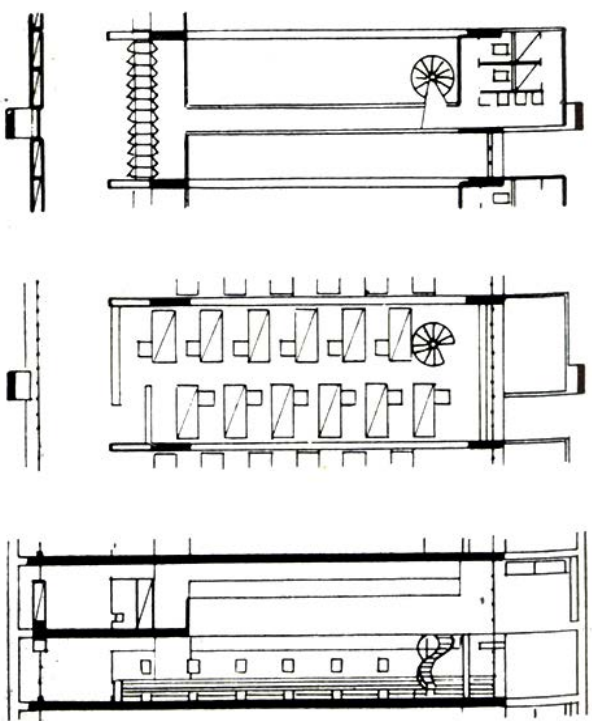
9



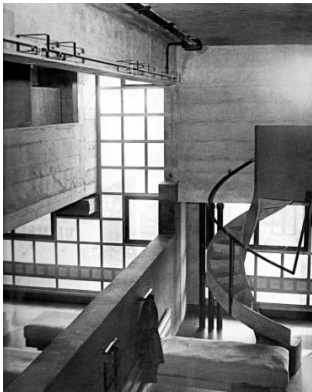
10



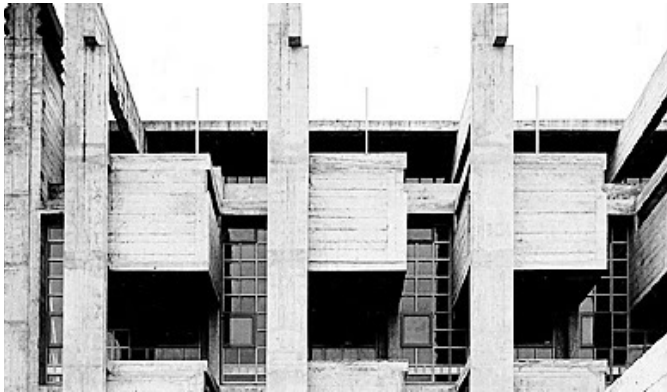
11 / 12 / 13 / 14



15



16



17



18

Maison du Brésil
 Residência estudantil

Ano do projeto: 1959
 Local: Cidade Universitária de Paris, França
 Projeto inicial de Lúcio Costa, modificado posteriormente por Le Corbusier.

Núcleo = Pavimento tipo do edifício de 5 andares.
 Constituição do núcleo: Cozinha coletiva, Sanitários compartilhados, circulação vertical, 20 quartos - 16 quartos individuais (com chuveiro, pia e varanda, cada), 2 quartos duplos (com chuveiro, pia e cozinha e varanda, cada).

Imagem 10. Planta do pavimento tipo ampliada da Maison du Brésil.

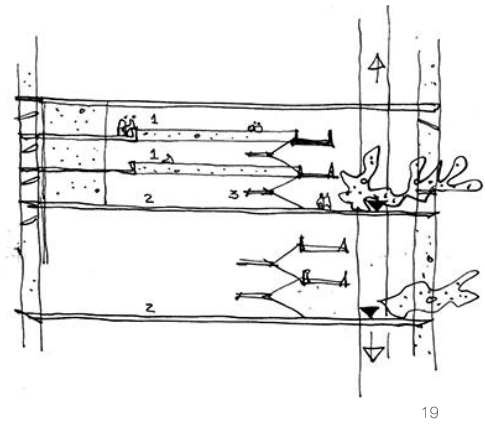
Imagens 11 / 12 / 13 e 14, respectivamente: Sala íntima com iluminação natural. / Quarto individual. / Chuveiro e pia - dormitório individual./ Cozinha coletiva.

O Maison du Brésil, é também um edifício de residência estudantil, mas neste caso, destinado a pesquisadores e estudantes brasileiros. Assim como o Pavilhão Suíço, o edifício possui 5 andares, mas os volumes anexados à lâmina de dormitórios possuem apenas dois pavimentos e um subsolo, de forma que a circulação vertical, diferente dos projetos anteriores, aparece aqui no próprio volume principal, assim como uma cozinha coletiva e sanitários externos aos quartos, por pavimento. Os dormitórios variam entre individuais e duplos, e ambas as tipologias de quarto possuem um chuveiro e uma pia, e somente nos quartos duplos há uma pequena cozinha. Apesar da existência de uma cozinha coletiva por pavimento, os demais programas de uso coletivo e espaços de convivência localizam-se no embasamento do conjunto, constituído pelos volumes anexos. São programas como teatro, salão de estar (hall), cafeteria, biblioteca, salas administrativas, salas de informática, salas multiuso e lavanderia coletiva.

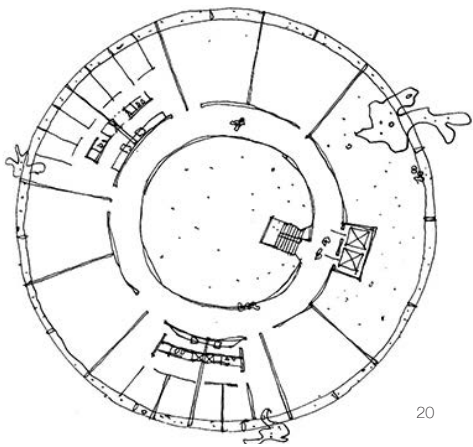
No Instituto Psiquiátrico Marchiondi, a conformação do núcleo ocorre no bloco de alojamento para crianças em tratamento psiquiátrico (o conjunto abriga também bloco de salas de aula para ensino fundamental e médio, salas de estudo, consultórios médicos, espaços de estar e convivência, etc.).

Neste bloco, ao invés de quartos individuais como nos casos anteriores, as 12 camas de cada núcleo de dormitório dispõem-se soltas no pavimento de pé direito duplo. Através de uma escada em caracol é possível acessar o pavimento superior, no qual de um lado estão os blocos de sanitários e de outro os armários, ambos conectados por uma passarela de concreto suspensa sobre o espaço das camas. Esta relação espacial de pé direito duplo e pavimento superior acessado pelo elemento da passarela configura a escala de unidade do núcleo aqui em estudo, no qual os 12 meninos convivem e são alojados em conjunto.

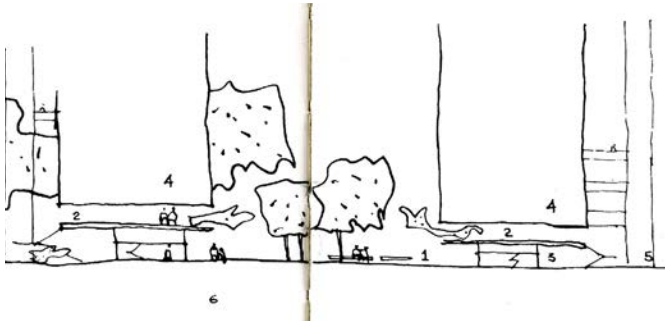
Esse núcleo, no qual em projetos como o Maison du Brésil, por exemplo, o elemento dos quartos associados em planta configuram essa unidade, é aqui distribuído em dois pavimentos, que espacializam tais interações dos programas em uma relação de mezanino e pé direito duplo, e retomam aqueles elementos identificados, na escala íntima da casa. Além disso, a associação desses núcleos/módulos de alojamentos é realizada de maneira repetida lado a lado em planta configurando o edifício de alojamento como um todo.



19



20



21

Unidade habitacional Parque da Grot

Ano do projeto: 1974
 Local: São Paulo, Brasil
 Arquiteto: Paulo Mendes da Rocha

Núcleo = 1 Pavimento tipo com jardim e parada de elevador + 2 Pavimentos tipo de apartamentos sem parada de elevador
 Constituição do núcleo: 27 apartamentos (9 por andar), jardim, pátio de convivência.

Imagens 19 /20 /21, respectivamente: Corte do edifício de habitação para o Parque da Grot. Relação de núcleo a cada 3 pavimentos. / Planta pavimento tipo com jardim e parada de elevador da habitação coletiva / Vista das torres de habitação. Espaços de convivência no embasamento dos edifícios.

Maison Plastique

Ano do projeto: 1956
 Local: França
 Arquitetos: Jacques Coulon e Ionel Schein

Núcleo = Casa unifamiliar
 Constituição do núcleo: 3 quartos, banheiro compartilhado, cozinha e sala.

Imagens 22 / 23, respectivamente: Protótipo de plástico. / Planta da Maison Plastique.

Torre de habitação Nakagin Capsule

Ano do projeto: 1972
 Local: Tóquio, Japão
 Arquiteto: Kisho Kurokawa

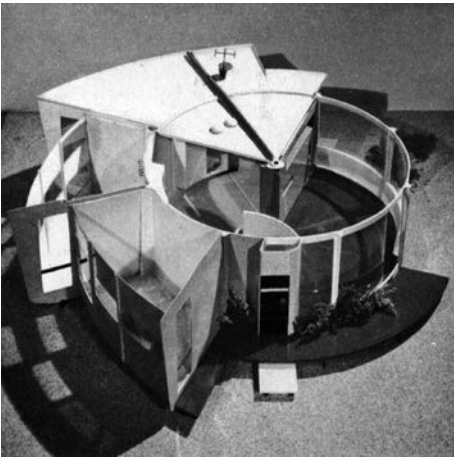
Núcleo = Apartamento = Módulo cápsula 2,5 x 4,0 x 2,5 metros (associado ao redor da torre de circulação vertical).
 Constituição do núcleo: espaço individualizado contendo cama, televisão, rádio, mesa de trabalho, armários, fogão, refrigerador e banheiro.

Imagens 24 / 25 / 26 respectivamente: Construção da Torre. / Isométrica da cápsula. / Planta do pavimento tipo.

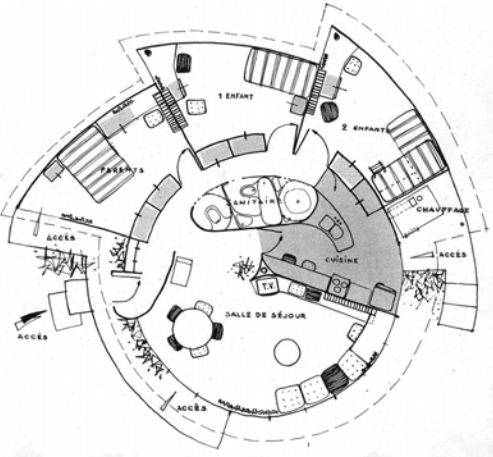
Nas unidades habitacionais do Parque da Grot, essa associação de núcleos, por sua vez, ocorre de maneira vertical, na qual os núcleos, de 3 pavimentos cada, são empilhados constituindo a torre de habitação como um todo (Imagem 19). Foi identificado neste projeto como núcleo, essa unidade de 3 pavimentos que compartilham um espaço de convivência ajardinada em comum, no pavimento inferior de cada conjunto e por onde se dá o acesso à torre de circulação vertical do edifício. A circulação vertical para os outros 2 pavimentos superiores do núcleo ocorre por uma escada comunicante somente dentro do mesmo módulo. Assim como no projeto anterior, o núcleo aqui é espacializado em mais de um pavimento, e a interação de seus espaços que garante uma relação de unidade e uma escala de vizinhança, acontece principalmente devido a existência da abertura na laje dos dois pavimentos superiores, que cria essa conformação de pátio de convivência no pavimento inferior, além de permitir visuais ao conjunto.

Na Maison Plastique, assim como na habitação coletiva de Paulo Mendes da Rocha, a planta circular permite que os elementos que constituem o núcleo - aqui os quartos e lá os apartamentos - gravitem em torno do centro do conjunto, que abriga os espaços coletivos e de convivência. Com este projeto os arquitetos pretendiam criar uma habitação de baixo peso, por ser constituída de materiais leves como o plástico e com planta modular expansível, de forma que fosse possível acoplar mais quartos conforme as necessidades, sempre nesta lógica concêntrica.

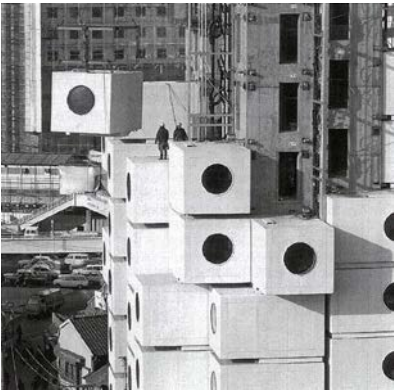
No projeto da Torre Nakagin, a associação dos núcleos também segue esta ideia de acoplamento em planta, gravitando, por sua vez, em torno da torre de circulação, e também são associados e acoplados verticalmente, como módulos empilhados. Aqui, cada módulo é associado à uma cápsula, como o próprio nome do projeto sugere, visto que é uma unidade autônoma e "autossuficiente", em que, ao contrário dos demais projetos, os programas acontecem de forma individualizada, dimensionados para uso de apenas 1 pessoa, não havendo possibilidade, portanto, de compartilhar usos que poderiam ser mais coletivos, como vimos nos casos anteriores (cozinha, estar, etc). Além de já concentrarem todos os programas básicos, os núcleos são ligados diretamente à circulação vertical, de forma que não há nos pavimentos tipo nenhum espaço onde a convivência com demais pessoas - e interação, mesmo que só visual - possa acontecer, a não ser dentro dos elevadores.



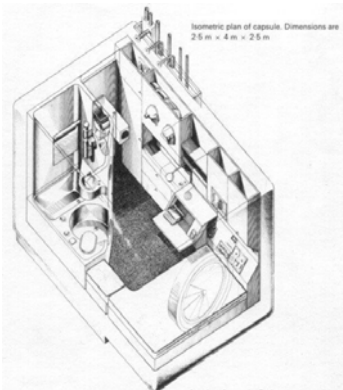
22



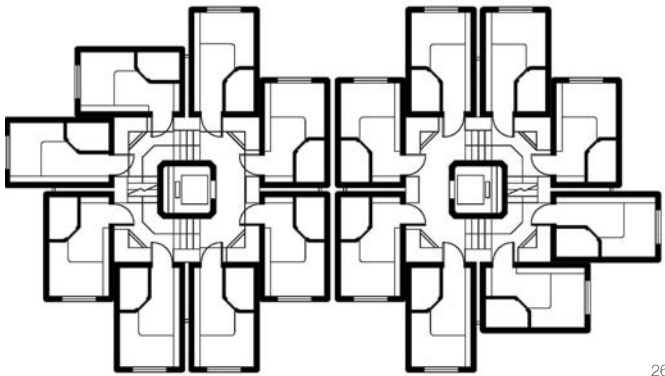
23



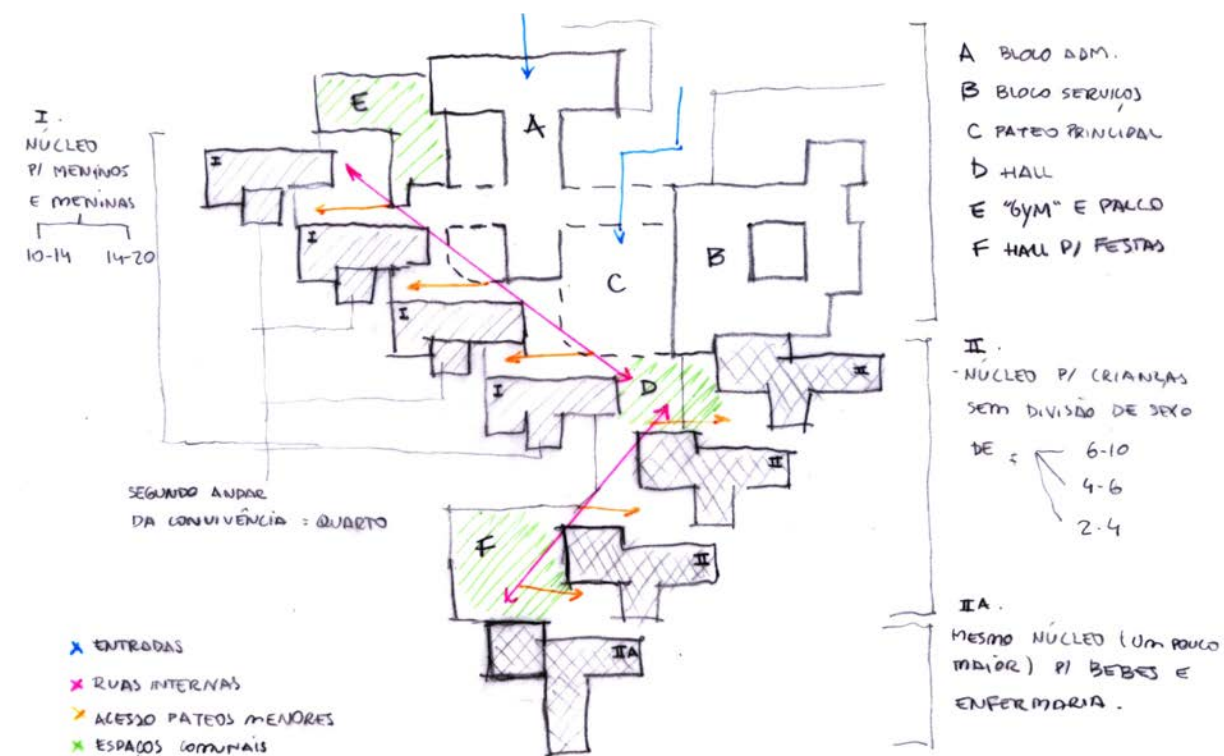
24



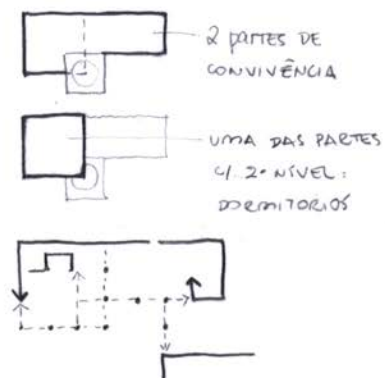
25



26

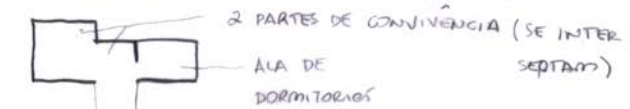


NÚCLEO TIPO I: (10-14), (14-20)

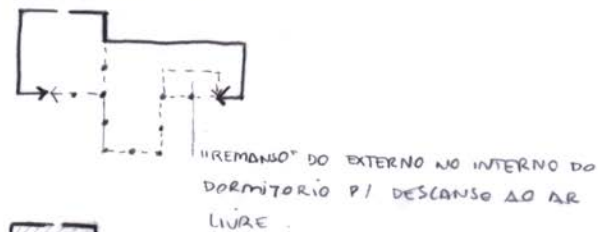


CADA NÚCLEO (MÓDULO) REPETIDO POSSUI SUA PRÓPRIA VARIAÇÃO INTERNA SEM MUDANÇA NA VOLUMETRIA DE CONJUNTO DO NÚCLEO.

NÚCLEO TIPO II: (2-4), (4-6), (6-10)

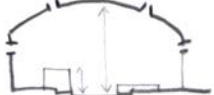
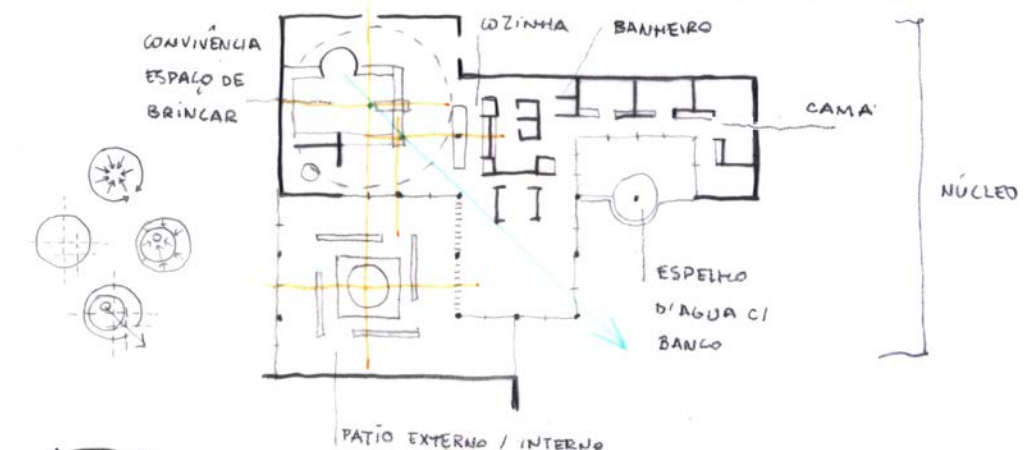


NÚCLEO TIPO IIA: (0-2)



ESPAÇOS QUE VARIAM DE UM NÚCLEO (MÓDULO) P/ OUTRO

DIAGRAMAS: EIXOS CENTRÍFUGOS / DIAGONAIS C/ ELEMENTOS DESLOCADOS DO CENTRO



RELACÃO GRANDE - PEQUENO
(ÃO INVER DE DESENHAR ESPAÇOS
C/ PÉ DIREITO PEQUENO, RE DESENHA A CÚPULA
QUE TEM O DOBRO DA ALTURA E OS ELEMENTOS
DA SALA SÃO PEQUENOS)

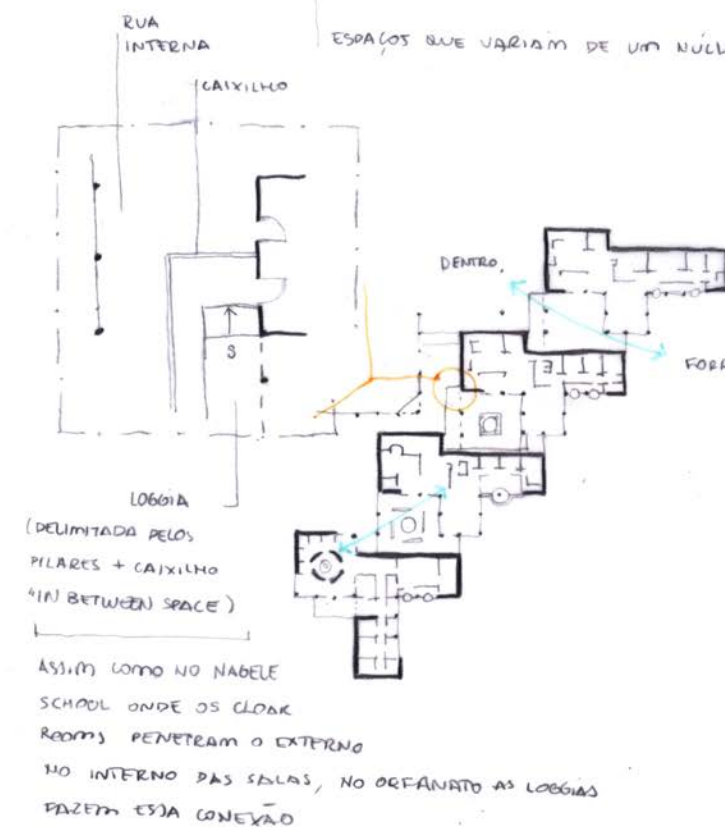
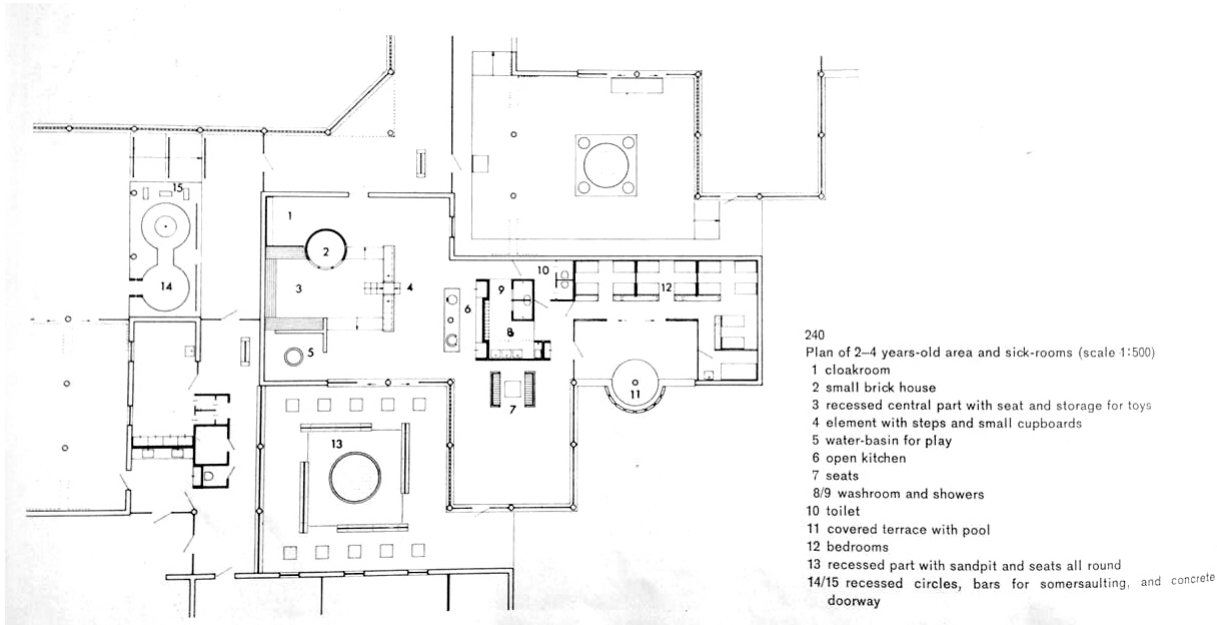
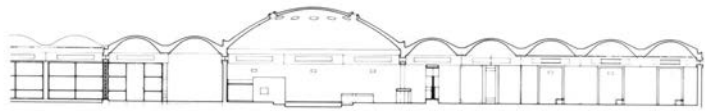


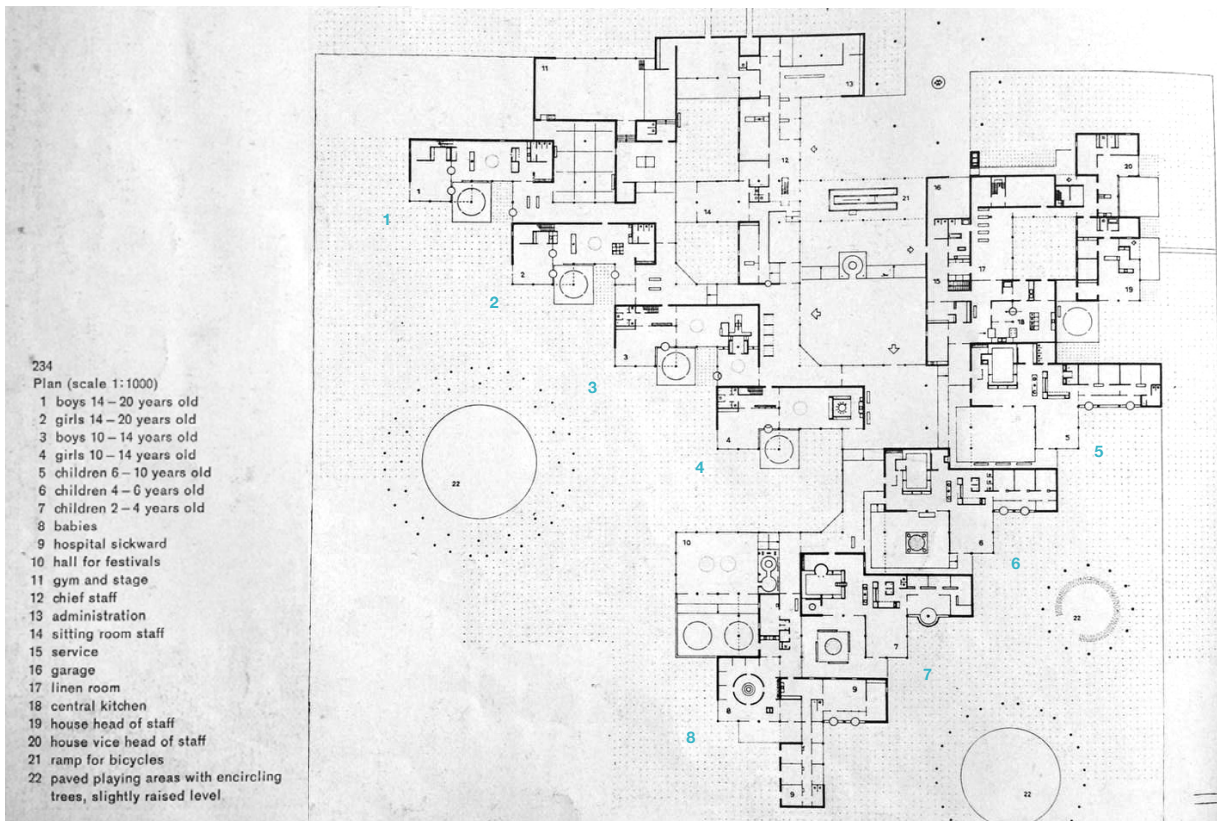
Imagem 27. Croquis de estudo do núcleo de programas de alojamento no Orfanato Municipal de Amsterdam. (autoria própria).



28



29



30

Orfanato Municipal de Amsterdam

Ano do projeto: 1955-57
Local: Amsterdam, Holanda
Arquiteto: Aldo van Eyck.

Núcleo tipo I = Alojamento para jovens entre 10 a 20 anos.

(Conforme numerações em azul na planta ao lado: 1- meninos de 14 a 20 anos; 2- meninas de 14 a 20 anos; 3- meninos de 10 a 14 anos; 4- meninas de 10 a 14 anos.)

Constituição do núcleo: quartos separados, em segundo pavimento, cozinha aberta, espaços de convivência e de brincar, banheiros compartilhados, pátio externo.

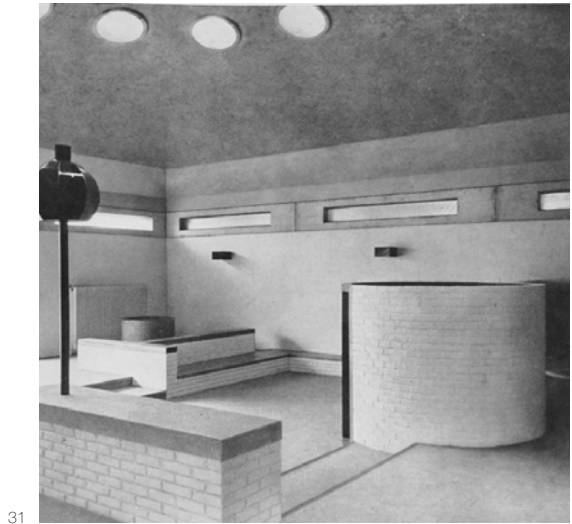
Núcleo tipo II = Alojamento para crianças entre 0 a 10 anos.

(Conforme numerações em azul na planta ao lado: 5- crianças de 6 a 10 anos; 6- crianças de 4 a 6 anos; 7- crianças de 2 a 4 anos; 8- bebês)

Constituição do núcleo: ala de dormitórios com divisórias para camas, cozinha aberta, espaços de convivência e de brincar, banheiros compartilhados, pátio e parquinho externo, enfermaria (núcleo 8).

Imagens 28 / 29 / 30, respectivamente: Planta núcleo tipo II para crianças entre 2 a 4 anos. / Corte núcleo tipo II. / Planta do conjunto (anotações em azul da autora).

Imagem 31: Espaço de convivência e de brincar para crianças entre 2 a 4 anos (núcleo tipo II). Elementos em alvenaria que conformam espaços de permanência e de brincar planta. Imagem 32: Cozinha aberta, integrada ao espaço de convivência.



31

Por fim, um projeto no qual essa percepção de núcleo está bastante clara é o Orfanato Municipal de Amsterdam. Neste, as crianças são abrigadas em núcleos de alojamento, os quais são organizados conforme idade e gênero.

Aqui, cada núcleo é constituído pelo programa de necessidades básicas de uma unidade de moradia - cozinha, sala de jantar e estar, quartos, banheiros, armários - porém, de modo a respeitar as necessidades e demandas de cada idade e gênero, os núcleos possuem variações de desenhos, tanto em sua forma externa quanto nos equipamentos internos.

São, portanto, 2 tipos de núcleos que possuem seus desenhos externos e características gerais diferentes entre si. O núcleo para os jovens e crianças acima de 10 anos, e o núcleo para crianças de 0 a 10 anos. Cada núcleo abriga entre 12 a 16 crianças.

O núcleo para os mais velhos é dividido em dois pavimentos, onde no segundo andar, acima do espaço de convivência, localizam-se os quartos. No conjunto do orfanato, são 4 edificações que compõem esse tipo de núcleo de alojamento, sendo: um para meninos e outro para meninas de 10 a 14 anos, e um para meninos e outro para meninas de 14 a 20 anos. Cada um desses núcleos, no entanto, possui pequenas variações de configurações internas, como por exemplo, no espaço de convivência para meninos de 10 a 14 anos, achou-se necessário que os espaços fossem amplos o suficiente para que estes pudessem correr ao redor, enquanto que naquele para as meninas de mesma idade, achou-se necessário a presença de equipamentos como mesas e cadeiras que pudessem ser dispostas de várias maneiras. (STRAUVEN, F. 1998, p. 286)



32

O núcleo para os mais novos é térreo e as crianças dormem em espaços com divisões para abrigar entre 3 a 4 camas, diferentemente dos mais velhos, que possuem dormitórios separados no segundo andar. São 4 edificações que seguem esse tipo de núcleo, com pequenas variações internas, e que abrigam crianças (sem divisão de gênero) entre: 0 a 2, 2 a 4, 4 a 6 e 6 a 10 anos de idade.

O espaço de convivência e de brincar fica sob uma cúpula, a qual contribui para criar uma relação de escala entre o pé direito elevado e as pequenas dimensões dos elementos que compõem esse espaço. O desenho da cozinha (imagem 32), a qual é aberta e configurada por dois balcões - um virado para a convivência e outro que compartilha a mesma parede hidráulica que o vestiário e espaço de banhos - contribui para a integração desses espaços internos.

Neste projeto a premissa do arquiteto de reconstituir o ambiente da casa, trazendo para estas crianças o conforto do lar, pode ser percebida não só pela relação de escala e dimensão dos espaços, tornando-se aconchegantes e proporcionais a seus usuários, mas também pelo desenho dos elementos que os configuram. São elementos que sugerem um uso, como por exemplo no espaço de brincar, ou um banco fixo, mas que ao mesmo tempo permitem a apropriação livre das crianças nesses espaços. Os núcleos e a conexão entre eles por meio de pátios constituem o projeto como um todo - além dos blocos administrativos, hall para eventos, bloco de serviços - e as relações de transição entre o dentro e o fora, e da parte com o todo, presentes nesse projeto foram de grande inspiração e contribuição para o entendimento desta noção de módulo/ núcleo de programas e o desenho do conjunto.

33



Ocupação da Rua Marconi

Local: Rua Marconi, São Paulo, Brasil - Edifício São Manoel
Ano do projeto (edifício): 1939
Arquiteto: Jacques Pilon
Ano da ocupação: 2012

Núcleo = Pavimento tipo do edifício de 13 andares.
Constituição do núcleo: Apartamentos* - em média unifamiliar - em salas projetados originalmente para serem escritórios comerciais (dimensão aproximada: 5x3 metros), banheiro compartilhado (1 vaso sanitário, 2 chuveiros, 1 pia para higiene pessoal e outra para lavagem de roupa e louça), lavanderia coletiva (em média 4 máquinas caseiras de lavar roupa) e circulação vertical.

*Obs.: o número de apartamentos por andar varia, uma vez que alguns foram subdivididos para abrigar mais pessoas.

Imagem 33 / 34, respectivamente: Fachada do Edifício São Manoel / Lavanderia coletiva em pavimento tipo da Ocupação. (autoria própria)

34



1b. Núcleos Apropriados:

Ainda buscando a compreensão das diversas maneiras de integração dos programas e formas coletivas de compartilhá-los, visitei a Ocupação da Rua Marconi, no Edifício São Manoel. Projetado para abrigar o programa de escritórios com térreo comercial, o edifício encontrava-se desocupado desde 2009, quando em 2012 foi ocupado pelo Movimento de Moradia para Todos (MMPT), abrigando aproximadamente 170 famílias. A gestão e manutenção dos espaços físicos, assim como das atividades da Ocupação são feitas pelos próprios moradores de maneira bastante organizada, havendo, por exemplo, rodízio nas escadas de portaria do edifício e de limpeza por andar.

São 13 andares, nos quais as salas de escritórios foram improvisadas como apartamento das famílias, chegando a uma média de 5 pessoas em um espaço de aproximadamente 5 por 3 metros - dimensões das salas maiores. Identificou-se aqui, cada unidade de vizinhança (núcleo) constituído por andar. No segundo andar está o espaço de uso comum, sendo, ao mesmo tempo, o local para a creche, a pequena biblioteca, reuniões, festas e assembleias. Ao lado, uma outra sala foi transformada em um salão de beleza dos moradores.

Quando perguntados sobre a cozinha coletiva, estes explicaram que em assembleia votou-se por desativar a cozinha coletiva e substituí-la por cozinhas individuais em cada apartamento. Tal decisão se deu por motivos de funcionamento desta, na qual um dos moradores, responsável por cozinhar para todos, servia refeições em determinados horários, portanto, por fins de praticidade a maioria optou por ter seu próprio fogão elétrico. A solução de uma cozinha aberta coletiva, na qual cada morador cozinhasse a própria comida, mas compartilhasse dos mesmos espaços, não seria viável uma vez que o número de pessoas para utilizar apenas 1 cozinha aberta com as dimensões ali disponíveis seria desproporcional. Além disso, não seria possível acomodar mais de uma cozinha aberta no edifício, uma vez que o local onde estava anteriormente era um dos únicos possíveis para a instalação de botijões de gás, além do fato de que os poucos espaços disponíveis do edifício são destinados a acomodar demais famílias em lista de espera.

Apesar de se dar em espaços muito precários, subdimensionados e mal ventilados, a Ocupação e os programas ali desenvolvidos são bastante organizados, sendo muito perceptível os núcleos de unidades de vizinhança.

2.Espacialização

A espacialização e imaginação dos programas vieram acompanhadas de um repertório de espaços já frequentados e de referências de projetos que, por mais que não os tenha visitado, carrego em meu imaginário imagens de seus ambientes que de alguma forma traduzem o que busco quando penso em algumas questões aqui abordadas - a presença da água no projeto arquitetônico, seja nos programas molhados, seja no paisagismo, os espaços de estar e descanso, as cozinhas abertas e espaços compartilhados e públicos.

2a. Molhado:

Diversas maneiras de interação do corpo com a água foram buscadas, assim como a presença deste elemento no projeto - seja por meio de um espelho d'água, piscina, lava-pés, fontes, o próprio programa molhado (vestiários e sanitários), ou então, simplesmente pelo barulho da água, que já nos remete à esse elemento.

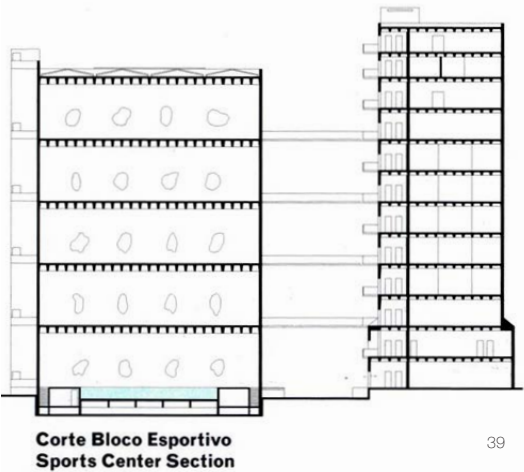
Nos projetos do SESC 24 de Maio³ e SESC Pompéia⁴ não só o desenho dos programas das piscinas, mas os fluxos e etapas de acesso a estes foram estudados. Uma vez que envolve corpos imersos e que compartilham a mesma água, o controle e espaços que devem ser frequentados antes de acessá-la foi o que procurei entender quando os visitei.

No SESC 24 de Maio, este conjunto de programas se concentra nos últimos 3 pavimentos do edifício (Imagem 36).

No décimo primeiro andar já é possível perceber a presença da água, não só devido à existência do espelho d'água nas margens do pavimento, onde crianças brincam e molham-se descontraindo e entreendo aqueles que usufruem do espaço do café, mas também pelo vazio central da piscina, que a todo instante lembra a seus visitantes da presença desta, seja pelo barulho que passa, seja pela água que cai. É aí, na Praça da Piscina, onde está o controle de acesso a quem seguirá subindo até o nível seguinte, no qual só adentra os espaços dos vestiários quem, por sua vez, já realizou os exames médicos. Neste



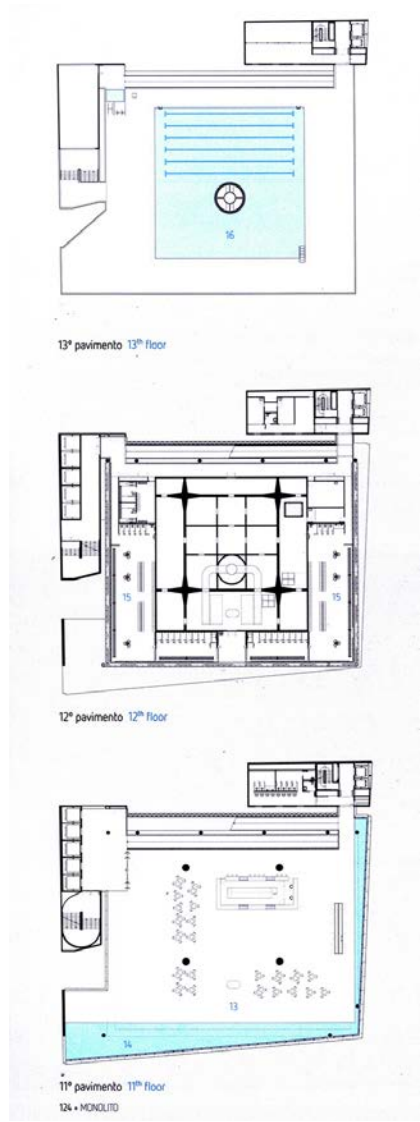
35



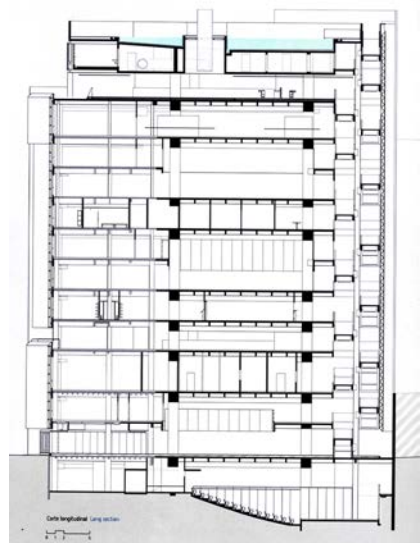
39



40



36

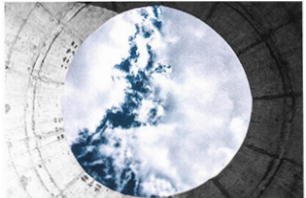


37

3. SESC 24 de Maio, inaugurado em 2017 no centro de São Paulo.
Projeto de Paulo Mendes da Rocha.

Imagem 35. Espelho d'água. Piso da Praça da Piscina - SESC 24. (autoria própria)
Imagens 36 e 37, respectivamente: Plantas dos pavimentos da Piscina, Vestiários e Praça da Piscina do SESC 24; Corte longitudinal do edifício.
Imagem 38. Abertura da piscina. SESC 24.

4. SESC Pompéia, 1986, São Paulo.
Projeto de Lina Bo Bardi.
Imagem 39. Corte do bloco esportivo. SESC Pompéia.
Imagem 40. Deck Solário. SESC Pompéia.

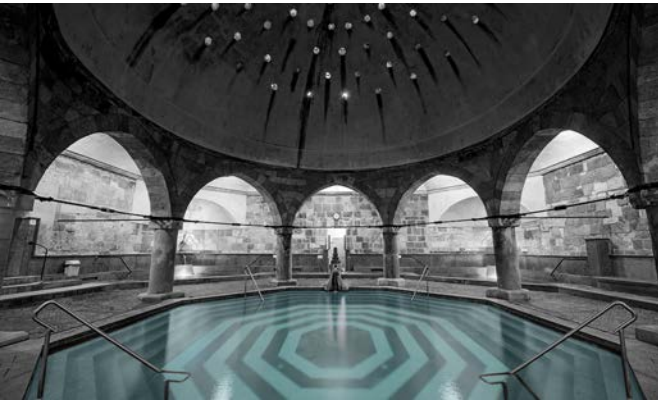


38

pavimento, tirando partido da altura da viga que sustenta o volume da piscina acima, o arquiteto posicionou a área técnica embaixo deste, e nos espaços adjacentes, os sanitários, vestiários e armários. Continuando a subida das rampas, chega-se no espaço aberto da piscina, passando antes, no patamar de chegada, por um lava-pés.

O percurso nas rampas é animado pelas aberturas existentes no edifício anexo, que funciona como o bloco servidor de circulação vertical e sanitários. Tais aberturas criam uma relação entre quem está fazendo uso das pias, seja lavando-se, seja escovando os dentes, com quem está de passagem. Essa interação visual permite uma conexão entre os programas.

No SESC Pompéia, de forma pública e sem controle de acesso, adentrando-se pela rua interna do projeto a partir da calçada, chega-se ao solário, onde as pessoas estiram-se sob o sol no deck de madeira acima do Córrego Água Preta. Seguindo pelo deck e entrando no bloco esportivo, chega-se a um espaço de estar e contemplação que permite ver, mas não acessar diretamente a piscina. O controle e acesso acontece descendo as escadas que levam aos vestiários, um de cada e numa relação de meio nível com o fundo da piscina (Imagem 39), solução que também tira proveito das grandes vigas de borda. Posteriormente, já do lado oposto e com os trajés de banho, subindo por outra escada chega-se à piscina, passando antes por um lava-pés ainda dentro dos vestiários.



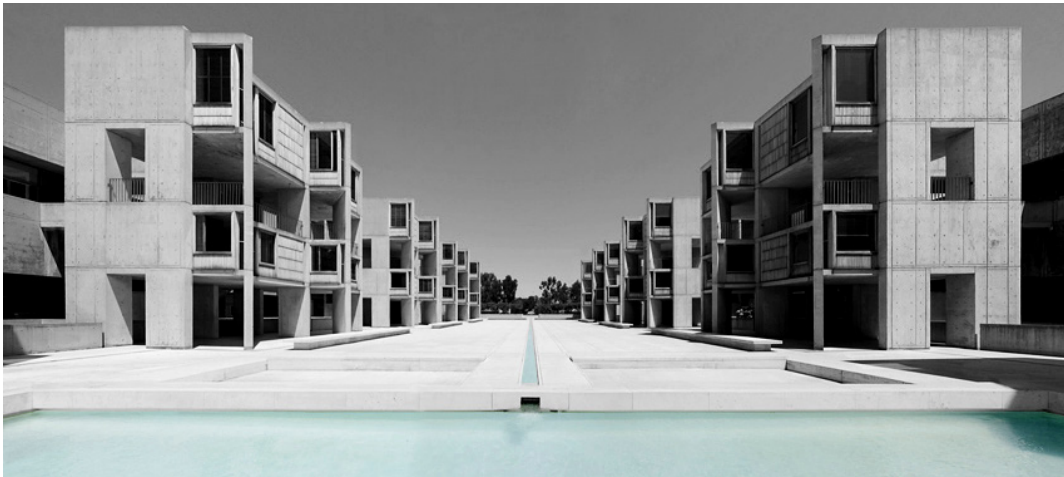
41



42



43



45



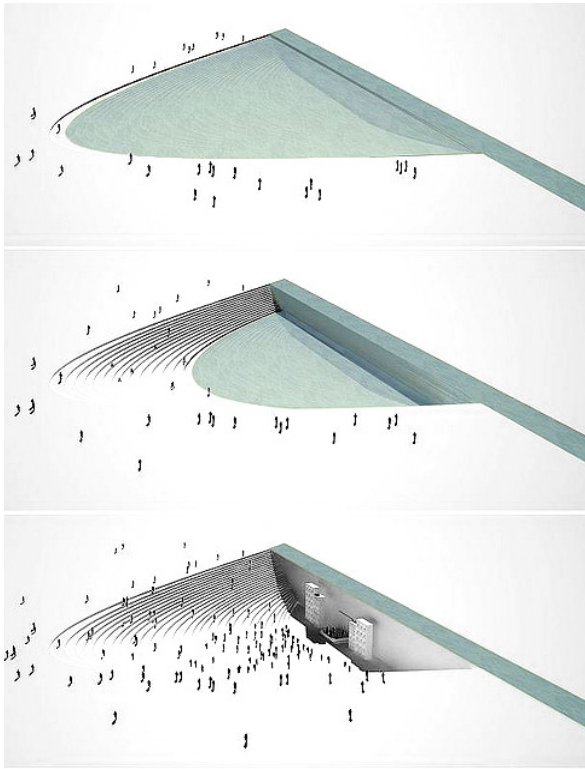
46



48



44



47

5. Rudas Fűdö, 1550, Budapeste, Hungria. Terma turca construída durante o regime do Império Otomano, reaberta a partir de 2006. Devido às propriedades da água, naturalmente aquecida, é também usada para fins medicinais.

Imagens 41/42 /43, respectivamente: Piscina Principal. / Cabines individuais de Vestiários. / Sala de descanso em Terma Rudas Fűdö.

6. Terma de Vals, 1996, Vals, Suíça. Projeto de Peter Zumthor. (Imagem 44).

7. Instituto Salk, 1965, La Jolla, Estados Unidos da América. Projeto de Louis Kahn (Imagem 45).

Imagem 46. Fio d'água em projeto do arquiteto Rogélio Salmona.

8. Parque Metropolitano na área do antigo aeroporto internacional Mariscal Sucre, em Quito, Equador, 2008. Projeto do escritório LCLA. (Imagem 47: Auditório alagável). Imagem 48. Medellín Aquatic Centre, 2008, Medellín, Colômbia. Projeto do escritório LCLA. Detalhe em muro de concreto no qual a água escoa deixando marcas.

Ainda tratando-se do programa de piscinas, são apresentadas em sequência, imagens de uma terma em Budapeste, a Rudas Fűdö⁵, destacando um outro modo de interação com a água, uma forma mais contemplativa e imersiva, menos voltada ao lazer, como em ambos os casos citados anteriormente.

A imagem 41 mostra a piscina principal da terma, e o ambiente intimista e mais reservado de banho, sob a cúpula por onde a luz natural entra no ambiente, filtrada pelos vidros coloridos das pequenas aberturas. Neste mesmo projeto, outro elemento que chamou atenção são as cabines individuais de troca de roupa que ao mesmo tempo são os armários onde cada visitante deixa seus pertences (imagem 42). Estas são acessadas logo após passar pela recepção do lugar. Uma estrutura de madeira que organiza o espaço dos vestiários sem divisão de gênero. Os chuveiros, no entanto localizavam-se fora deste espaço, em cabines separadas. Este elemento serviu de referência para se pensar, posteriormente, o programa do chuveiro junto com a cabine de troca de forma mais prática e integrada.

Essa interação mais intimista do corpo com a água também é fortemente expressa pelas imagens da Terma de Vals⁶. Frestas de luz adentram a materialidade de pedra do edifício e refletem na água, dentro dos vários ambientes tratados visando estimular diferentes sensações. Essa imersão terapêutica do contato do corpo com a água é estimulado pelos ambientes mais resguardados e com uma certa privacidade.

Quando aparece sob a forma de um fio d'água, esse elemento compõe o paisagismo do projeto e em alguns casos integra o exterior e interior, conectando programas "secos" e "molhados". Essa presença sutil da água desta maneira acontece nos projetos de Rogélio Salmona (imagem 46) e no Instituto Salk⁷ (imagem 45), de Louis Kahn.

Além disso, o fio condutor de água e o desenho de espelhos d'água, associados à ideia de que, como veremos no capítulo mais adiante, da ocorrência de pontos de alagamentos na cidade, poderiam ser estudadas formas de controle através de um sistema de microdrenagem e áreas projetadas alagáveis. O projeto do escritório LCLA⁸ para um parque em Quito, promove a fruição da água no parque por meio de atividades ligadas a ela, e também por meio de espaços alagáveis, como o anfiteatro na imagem 47.

2b. Descanso e convívio:

No que se diz respeito ao programa de estar, descanso e convivência, mais uma vez o SESC Pompéia é citado, destacando-se desta vez o salão do galpão principal do projeto. Mesmo possuindo amplas dimensões e pé direito, este espaço, a meu ver, consegue resgatar a escala intimista e aconchegante da sala de uma casa, onde um pode facilmente sentir-se a vontade. Seja pelo símbolo do elemento fogo através da presença da lareira, ao redor da qual as pessoas se reúnem, seja pelo mobiliário projetado pela arquiteta, que criam espaços de estar, ou então pelo bloco mezanino de atividades e leitura, próximo à biblioteca, que configuram um pé direito mais baixo, onde são abrigadas as atividades para as crianças.

Essa escala íntima de sala de uma casa também é percebida nos espaços do clube Sociedade Harmonia de Tênis⁹. Sob uma ampla cobertura em laje de concreto nervurada por onde entra luz natural, o programa de estar e convivência se distribui, acomodando-se no terreno em meios níveis, o que contribui para a criação de espaços sem divisões, mas resguardados. (Imagens 50 e 51).

Esses pequenos estares, a partir do elemento de divisórias aparece, por exemplo, no Café Samt und Seide¹⁰. As cortinas de veludo penduradas sob trilhos curvos configuram espaços menores dentro do salão expositivo de grandes dimensões, e ao mesmo tempo mantêm a flexibilidade e fluidez entre os ambientes.

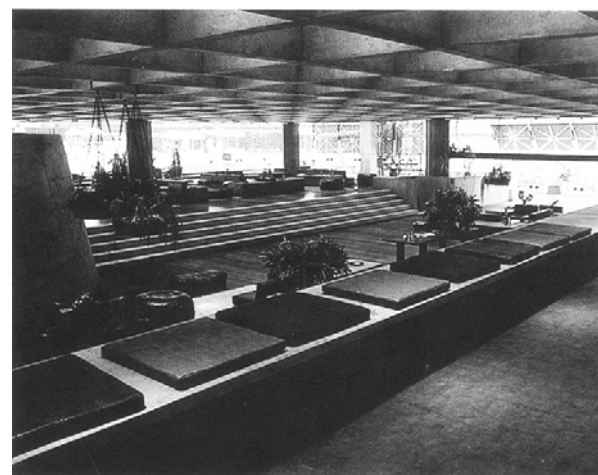
As divisórias retráteis são também soluções que configuram espaços flexíveis e ao mesmo tempo intimistas, como das unidades habitacionais japonesas nas imagens abaixo.



49



50



51

Imagem 49. Interior do Galpão principal SESC Pompéia

9. Sociedade Harmonia de Tênis, 1964, São Paulo. Arquitetos Fábio Pentecost, Teru Tamaki e Alfredo Paesani. (Imagens 50 e 51)

10. Café Samt und Seide, 1927, Berlim, Alemanha. Projeto de Mies van der Rohe e Lilly Reich. (Imagem 52)

Imagem 53. Tonogaya Apartments, 1956, Yokohama, Japão. Projeto de Kiyonori Kikutaki.

Imagem 54. Unidade Habitacional, 1958, Tokyo, Japão. Projeto de Kunio Mayekawa.



52



53



54

3. Rede

3a. Tipificação dos serviços e equipe técnica

Os serviços socioassistenciais da cidade fazem parte de uma ampla rede organizada em âmbito nacional, chamada de Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Dessa forma, a direção do SUAS é única, compartilhada e cofinanciada entre as três esferas administrativas: Federal, Estadual e Municipal. Além disso, a listagem e descrição desta rede está organizada em uma tipificação nacional de serviços socioassistenciais¹². Nessa tipificação é possível encontrar a listagem de todos as demandas tanto de funcionários para operação de cada serviço, como os seus programas de necessidades, por exemplo.

No entanto, a descrição mais detalhada desses espaços (como o dimensionamento ideal para cada programa, quantidade máxima de camas por quarto, etc.), não é encontrada nesse caderno, apenas a listagem de atividades. Quando questionada sobre isso e se não caberia à equipe técnica de arquitetos e engenheiros desenharem esses espaços, a arquiteta explicou que são muitos os pontos que esbarram nessa questão. O primeiro deles seria a desproporção entre o número muito reduzido de profissionais na equipe (atualmente apenas 3 arquitetos e 4 engenheiros) e a enorme demanda de serviços e equipamentos necessários em São Paulo. Um outro ponto é o fato desse tipo de serviço ser imediato e urgente, tendo em vista o elevado número de pessoas em situação de rua¹³, dessa forma, a maior parte dos serviços de assistência social da Prefeitura estão alocados em edificações existentes, que na sua grande maioria não são imóveis públicos. São realizadas, então, parcerias com as chamadas OSC (Organizações da Sociedade Civil), as quais já oferecem os imóveis, ou em outros casos, recebem um repasse de aluguel da prefeitura para locação de um lugar e provisão do serviço.

A função desta equipe técnica é, portanto, a adequação desses imóveis disponíveis e considerados aptos a receberem os serviços - onde se avalia pontos como a acessibilidade dos espaços, ventilação, conservação, aprovação junto aos Bombeiros, etc.

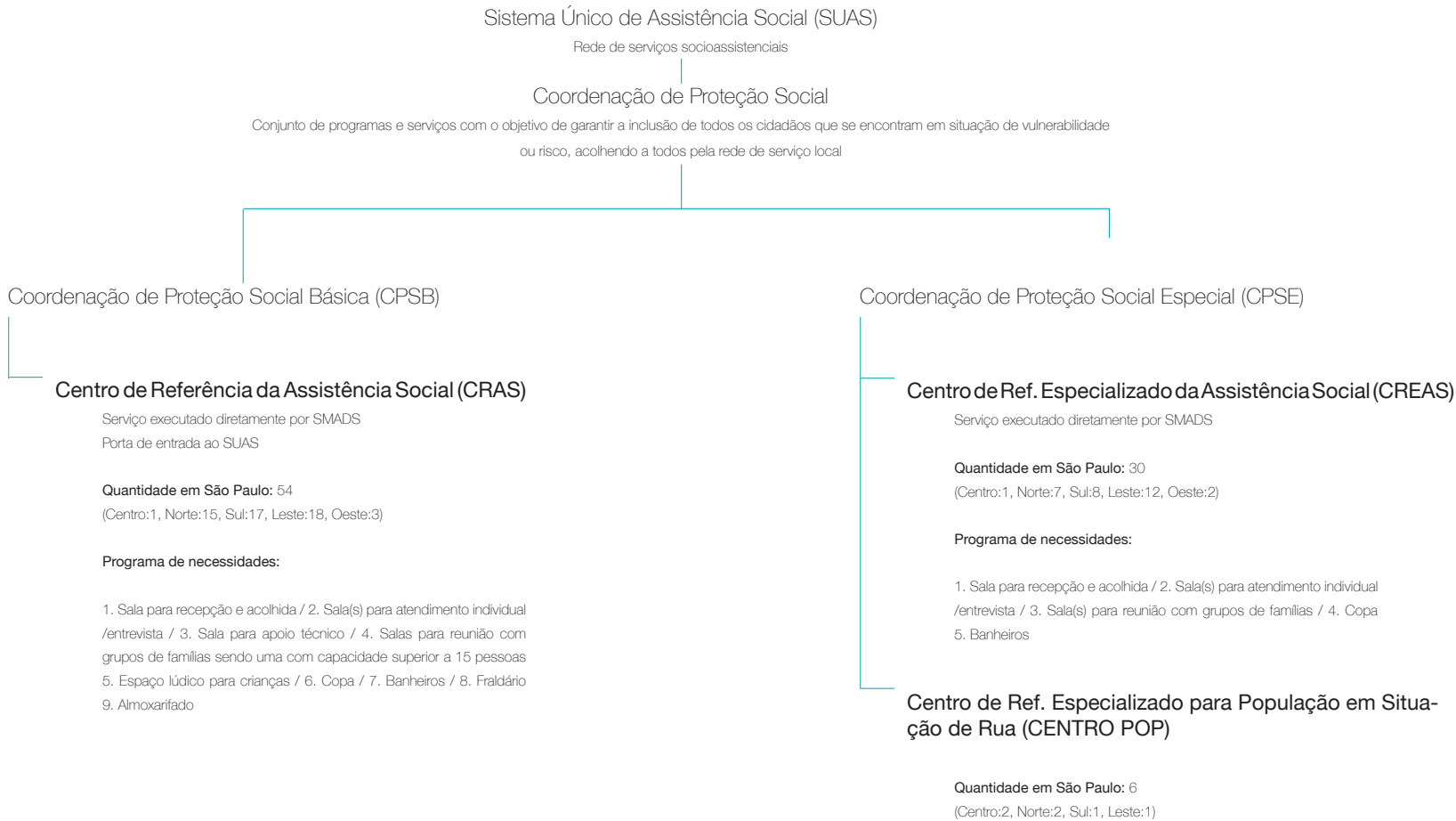
As recomendações gerais descritas no documento de Tipificação para os espaços que vão receber os serviços de SMADS são: "Mobiliários compatíveis com o atendimento proposto; Iluminação e ventilação adequadas; Limpeza e conservação do espaço; Acessibilidade em todos os ambientes".¹²

A proposta de projeto aqui em estudo se aproxima dos programas dos equipamentos públicos da rede da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS - Prefeitura de São Paulo), uma vez que estes oferecem serviços e espaços que possibilitam uma apropriação mais digna e democrática da cidade, sendo muitos de seus espaços a referência mais próxima de casa a seus usuários - seja pelos programas de necessidades oferecidos, seja pelo fato de proporcionarem endereços institucionais a serem utilizados por essas pessoas.

Como o foco aqui é a compreensão do programa e a sua espacialização nos equipamentos de SMADS, a pesquisa foi complementada por uma conversa agendada com uma arquiteta da equipe técnica da Secretaria, Márcia Miyuki, que ajudou na compreensão de várias questões que surgiram após a leitura sobre esses serviços.

Além disso, fez-se necessário, também, entender o funcionamento e organização desses equipamentos, visto que muitos são complementares entre si e proporcionam a seus usuários atividades que preencham suas rotinas.

Dessa forma, foram elaborados os organogramas a seguir, com a listagem dos serviços ofertados por SMADS, e as relações de encaminhamento de um para o outro. Para informações mais detalhadas sobre tais serviços, consultar o site da Prefeitura¹¹.



11. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=228566

12. Portaria 46/2010 - Tipificação nacional de serviços socioassistenciais:
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/arquivos/portarias/portaria_46-2010.pdf

13. Consultar Pesquisa Censitária da População em Situação de Rua de 2015, disponível em site da Secretaria.

Coordenação de Proteção Social Básica (CPSEB)

Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)

Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família (PAIF)

Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV):

Serviços conveniados com as OSC, e não promovidos diretamente por SMADS

1. Centro para Crianças e Adolescentes (CCA):

Funcionamento: segunda à sexta, dois turnos diários de 4 horas cada.

Usuários: crianças e adolescentes de 6 a 14 anos e 11 meses
Atividades e objetivos: Atividades que proporcionem experiências lúdicas, culturais e esportivas, como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social.

Programa de necessidades:

1. Cozinha, despensa e refeitório / 2. Sala(s) de atendimento individualizado / 3. Sala(s) de atividades coletivas e comunitárias / 4. Instalações sanitárias adequadas

2. Circo Social:

Funcionamento: segunda à sexta, em contraturno escolar.

Usuários: crianças e adolescentes de 6 e 17 anos e 11 meses
Atividades e objetivos: Trabalhos e atividades que estimulem o desenvolvimento da criatividade, o lúdico, a arte educação, a cidadania, com o foco o incremento da arte circense, na ampliação da sociabilidade e prevenção de situações de risco pessoal e social. São realizadas também ações socioeducativas com as famílias.

3. Centro para a Juventude (CJ):

Funcionamento: segunda à sexta, dois turnos diários de 4 horas cada.

Usuários: adolescentes de 15 a 17 anos e 11 meses

Atividades e objetivos: Atividades que proporcionem experiências lúdicas, culturais e esportivas, como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social.

Programa de necessidades:

1. Cozinha, despensa e refeitório / 2. Sala(s) de atendimento individualizado / 3. Sala(s) de atividades coletivas e comunitárias / 4. Instalações sanitárias adequadas

4. Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo para Adolescentes, Jovens e Adultos (CEDESP):

Funcionamento: segunda à sexta, turnos de 4 horas no período diurno e 3 horas no noturno.

Usuários: adolescentes, jovens e adultos com idade a partir dos 15 anos

Atividades e objetivos: capacitação profissional por meio de cursos que desenvolvam diferentes habilidades de modo a ampliar o repertório cultural e a participação na vida pública, preparando o usuário para conquistar e manter a empregabilidade e a autonomia.

5. Centro de Convivência Inter geracional (CCInter):

Funcionamento: segunda à sexta, atividades de 4 horas em contra turno escolar e de trabalho.

Usuários: crianças a partir de 6 anos, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Atividades e objetivos: Atividades socioeducativas (corporais, teatrais, recreativas, música, artesanato, oficinas, etc) que promovam a convivência entre as diferentes faixas etárias, de forma a estimular a consciência e aproximação das diferentes gerações. Durante os horários de atividades são servidos lanches e ou almoço.

Programa de necessidades¹⁴:

1. Cozinha, despensa e refeitório / 2. Salas de atendimento individualizado e coletivo / 3. Espaços multiuso / 4. Instalações sanitárias / 5. Salas de Informática / 6. (Em alguns casos) Piscina / 7. (Em alguns casos) Churrasqueira e áreas externas multiuso

6. Núcleo de Convivência de Idosos:

Usuários: Idosos com idade igual ou superior a 60 anos.

Atividades presenciais ou em domicílio.

Programa de necessidades:

1. Copa / 2. Sala(s) de atendimento individualizado / 3. Sala(s) de atividades coletivas e comunitárias / 4. Instalações sanitárias

7. Restaurante Escola:

Funcionamento: segunda à sexta, cursos semestrais

Usuários: Jovens de 17 a 21 anos

Atividades e objetivos: Desenvolvimento de habilidades em gastronomia, visando a formação profissional, assegurando inserção no mercado de trabalho, bem como atividades socioeducativas que propiciam o convívio social. Os cursos ocorrem em restaurante aberto para o público.

14. Programa de necessidades levantados a partir de pesquisa em sites da prefeitura e notícias sobre a inauguração de algum CCINTER na cidade. Os demais, estão descritos no caderno de Tipificação Nacional dos Serviços.

Obs.: Os programas de necessidades não mencionados, para os serviços Circo Social, CEDESP e Restaurante Escola não foram encontrados na listagem da Tipificação e nem em site de SMADS.

15. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=228566

O SUAS tem por objetivo garantir a proteção social aos cidadãos, famílias e comunidades que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social, além da promoção e defesa de seus direitos. Para alcançar seus objetivos, o SUAS é organizado em dois tipos de proteção social: básica e especial. Os equipamentos públicos que coordenam e funcionam como portas de entrada aos serviços dentro de cada um desses tipos de abordagem são respectivamente: o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS).

Ambos o CRAS e o CREAS são unidades públicas de abrangência distrital e centros de referência, ou seja, são onde são feitos os cadastros dos usuários, os primeiros acompanhamentos e, se necessário, os encaminhamentos aos demais serviços socioassistenciais dispostos em outros espaços. A principal diferença entre esses dois centros é que o CREAS destina-se a atender famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal, além da vulnerabilidade social (violência física ou psicológica, violência sexual, afastamento do convívio familiar, situação de rua, vivência de trabalho infantil, entre outras formas de violação de direitos pessoais). Dessa forma, concentra serviços que requerem especialização no atendimento e maior flexibilização nas soluções protetivas.

Além do CREAS, dentro da Proteção Especial, é também centro de referência o Centro Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop). O Centro Pop, destina-se a analisar e atender as demandas daqueles que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência, além de encaminhá-los para outros serviços.

Na Coordenação de Proteção Social Especial (CPSE), os serviços são classificados em dois tipos, diferenciando-se pelos níveis de complexidade do serviço: Média Complexidade - espaços e atividades que estimulam a convivência, o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários - e Alta Complexidade - programas de acolhida e abrigo (por 16h - das 16h às 8h - ou 24h).

A descrição mais detalhada de cada um desses tipos de serviço está listada nos organogramas elaborados a partir da leitura dos sites e documentos da Secretaria. Por mais que o projeto desenvolvido neste trabalho se aproxime mais dos serviços classificados como Alta Complexidade (CPSE), foram estudados também, os programas daqueles que se encaixam

3b. Serviços e questionamentos

como Média Complexidade e aqueles dentro da rede de Proteção Básica. Isso deveu-se ao fato de que para se acessar os serviços de Alta Complexidade, os usuários devem antes passar por um CRAS e CREAS, por exemplo. Além disso, os objetivos principais de todos os serviços de Média Complexidade e os de Proteção Básica são muito semelhantes: fortalecer as relações familiares e vínculos entre indivíduos e comunidades, valorizando a vida coletiva¹⁵. Essa promoção da vida coletiva e espaços que possibilitam a sua apropriação com atividades cotidianas e de contra turno àquelas rotineiras é também o que se busca com os programas de uso coletivo deste trabalho.

A partir da análise dos programas de necessidades desses serviços foi possível perceber uma semelhante demanda de espaços físicos e programas (Cozinha, despensa e refeitório; Salas de atendimento individualizado; Salas de atividades coletivas e comunitárias; Instalações sanitárias). Alguns possuem lavanderias coletivas e espaço para banho, como por exemplo o Núcleo de Convivência para pessoas em situação de rua. Mas de maneira geral, os programas são muito parecidos.

Esta semelhança de programas e as relações de encaminhamento e percurso de um serviço para o outro gerou questionamentos a respeito da possibilidade de se misturar alguns desses serviços em um mesmo equipamento. É evidente que cada serviço atenda a públicos bastante diferentes e que talvez o número de atendidos em cada tipo seja muito distinto, o que levaria a necessidades de dimensões espaciais diferentes para cada serviço. Mas seria possível pensar em uma junção e mistura desses usuários?

Após a conversa com a arquiteta da Secretaria e conversas com alguns assistentes sociais que trabalham nesses serviços, a conclusão e resposta foi sempre muito parecida: “Não é possível misturar públicos tão diferentes. Haveria atritos entre os usuários”. Um outro ponto levantado em uma das respostas foi o de que nesse tipo de serviço exige um enorme sigilo pessoal desse usuário - como por exemplo alguém que recorre ao CREAS precisando de um abrigo por encontrar-se em risco pessoal e social. Dessa forma, a conclusão mais imediata que se tira é a de que a locação de um CRAS ou CREAS deve ser em um edifício distinto.

Apesar destas respostas e conclusões serem bastante coerentes e pertinentes com o elevado grau de dificuldade em atender a um público tão variado que se





55



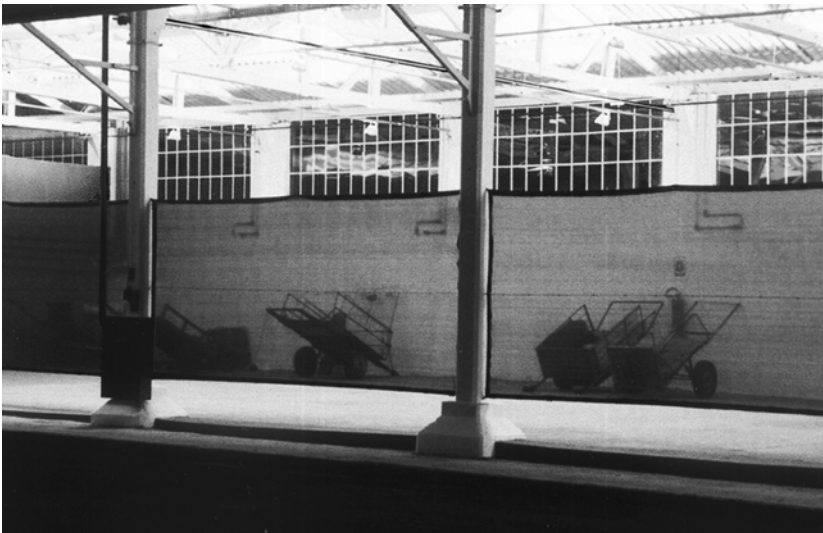
56



57



58



59



61

16. Complexo Boraceia (7 Centros de Acolhida - CPSE - Alta Complexidade). Endereço: Rua Norma Pieruccini Giannotti, 77 - Barra Funda, São Paulo.

17. Memorial Completo: <http://www.loebcapote.com/projetos/19/memorial>

18. Por exemplo o Centro Temporário de Acolhimento (CTA) Vila Mariana, inaugurado em 2017. Este possui 100 vagas de acolhimento masculino, distribuídas em um único dormitório e 20 vagas de acolhimento feminino em um dormitório. (Imagem 61)
Fonte:<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-inaugura-centro-temporario-de-acolhimento-cta-para-pessoas-em-situacao-de-rua-na-vila-mariana>

Imagens 55 a 59, respectivamente: Fachada/ Balcão de Atendimento e recepção/ Horta comunitária/ Galpão dormitório / Estacionamento de carroças. (Imagens do Projeto Oficina Boraceia. Projeto de autoria do escritório de arquitetura LoebCapote).

Imagem 60. Croqui de pessoa em situação de rua com seu cachorro e carroça. (Autoria: arquitetos do escritório LoebCapote).

Imagem 61. Dormitório feminino (20 vagas) de CTA Vila Mariana.

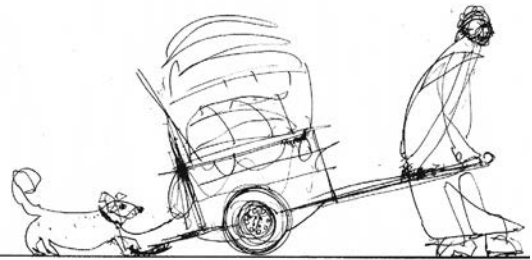
encontra em uma situação tão vulnerável, sigo com o questionamento se de fato não seria mesmo possível a existência de um equipamento de assistência social com um desenho universal - respeitando o acesso resguardado e sigiloso de seus usuários - e mais flexível, com espaços que permitissem a possibilidade de instalação de um Centro de Referência próximo a um centro de acolhida, por exemplo, facilitando o acesso a esse serviço, ou então se pensar em uma relação de 1 Centro de Referência para um número determinado de centros de acolhida, dentro de um raio de distância caminhável.

É importante salientar que este questionamento sobre a mistura de um público diverso não se estende para os usuários de drogas e dependentes químicos, por exemplo. Neste caso, é bastante compreensível que a dinâmica de serviços socioassistenciais com este público não seja compatível com aquelas realizadas com famílias, por exemplo.

Alguns equipamentos de SMADS, no entanto, promovem essa interação entre um público diverso. Como por exemplo, o CCINTER (Proteção Básica) possui como proposta a convivência de pessoas de diversas idades, com atividades que misturam esses públicos. Existem outros, como por exemplo os chamados Complexos, que integram perfis de usuários distintos, como por exemplo o Complexo Boraceia¹⁶.

Este complexo, por abrigar programas de acolhida, classifica-se como Alta Complexidade. É um conjunto com 7 centros distintos de acolhida: um para idosos (Centro de Acolhida para Idosos), um para pessoas com deficiência física ou alguma questão psicológica (Centro de Acolhida Especial - CAE), um com vagas mistas para ambos os sexos, incluindo as pessoas LGBT, outros só para homens.

Um desses centros construídos no Complexo Boraceia foi projetado em 2002 pelo escritório LoebCapote. No memorial do projeto os arquitetos descrevem o lugar como uma "(...) hospedaria pública para 400 pessoas que mescla espaços particulares com áreas de convívio. (...)”¹⁷. De maneira resumida, o programa de necessidades previsto no projeto inclui: dormitório, lanchonete, posto de agência bancária, central de informática (banco de dados de empregos), brechó,



60

horta comunitária, canil, estacionamento de carroças, triagem de materiais recicláveis ligado às cooperativas atendidas, banheiros individuais e cozinha comunitária.

A inclusão de espaços como o estacionamento de carroças e canil em centros de acolhida e núcleos de convivência para pessoas em situação de rua é tão fundamental quanto o próprio programa de acolhida em si. Muitas vezes a preferência de algumas pessoas por permanecerem fora desses abrigos se dá por motivos de que alguns destes ainda não possuem espaços que possibilitem o acolhimento de seus cachorros e das próprias carroças.

Uma outra questão percebida, de modo geral, nos centros de acolhida, assim como no projeto do escritório LoebCapote, é que a maior parte destes distribui as vagas de acolhimento em um mesmo espaço, de forma que várias camas são posicionadas lado a lado¹⁸. A ampla escala e pé direito desses ambientes, associada à enorme quantidade de camas geram questionamentos sobre a qualidade desses locais que acabam tomando-se longe de serem acolhedores.

É evidente que a provisão de serviços de acolhida para pessoas em situação de rua seja uma questão urgente e com uma demanda muito elevada. No entanto a abordagem desse problema somente a partir da ótica quantitativa gera tais questionamentos.

Apesar de alguns desses serviços abordarem a questão dessa forma, outros, como por exemplo as Repúblicas e Casa Lar, que são também centros de acolhida, se dão em locais com uma escala mais reduzida e mais próxima de uma casa. As Repúblicas para adultos, por exemplo, possuem um número máximo de 20 vagas, e as pessoas são abrigadas em espaços de uma casa, na qual em alguns casos os quartos são individuais e os programas mais coletivos, compartilhados. Assim como em uma casa, a gestão e as despesas internas são organizadas e repartidas entre os próprios usuários.



62

19. Chá do Padre é um Núcleo de Convivência para Pessoas em Situação de Rua (CPSE - Média Complexidade), na Rua Riachuelo 268 - Sé, São Paulo. Alocado em antigo teatro anexo às instalações do Convento da Igreja de São Francisco. No espaço projetado para ser a plateia do teatro são distribuídas mesas para as refeições ali servidas, e ao mesmo tempo onde ocorrem as atividades coletivas. Em períodos de baixa temperaturas - definido de maio a setembro, conforme Operação Baixas Temperaturas (OBT - SMADS) - esse mesmo espaço abriga camas para acolher os usuários para pernoite. Conta com programas como: lavanderia, tanques, varal, cabeleireiro, chuveiros e sanitários acessíveis, salas de atividade e atendimento, cozinha industrial, espaço para funcionários.

20. Na Praça Marechal Deodoro, por exemplo, concentra-se uma grande quantidade de pessoas em situação de rua durante o dia, sob o Minhocão. Tal situação parece contrastante com o fato de que ao lado deste local existe um Centro Temporário de Acolhimento (CTA Brigadeiro Galvão). Quando questionados sobre isso, funcionários de SMADS informaram que muito disso se explica pelo fato de que este Centro só abre as vagas para pernoite e acolhida durante a noite, período no qual os catadores estão trabalhando no bairro.

Após o contato - mesmo que somente de uma parte - com a rede de serviços de SMADS em São Paulo, a conclusão que se tira é que é uma rede bastante ampla e os programas de necessidades são muito interessantes e completos - espaços como bagageiro, estacionamento de carroças, canil, horta comunitária, e em alguns casos, piscina, áreas de convivência com churrasqueira, brechó, entre outros, já estão presentes em alguns desses equipamentos.

Muitos desses serviços já possuem programas diversos e complementares entre si, por exemplo os centros de acolhida possuem espaços de convívio e em alguns casos lavanderias; e alguns núcleos de convivência - por exemplo o Chá do Padre¹⁹ - adaptam seus espaços para transformarem-se em locais de acolhida em situações temporárias de emergência.

A questão volta-se, portanto, à qualidade desses espaços e a maneira como tais programas são espacializados, muitas vezes tomando-se desumanizados tendo em vista a abordagem do problema somente sob a ótica quantitativa.

Outra questão é a respeito da flexibilidade de funcionamento de alguns desses serviços. Uma vez que o público atendido é um público bastante variado, que está em constante rotatividade e não são fixos à um lugar, equipamentos como os centros de acolhida deveriam ter seus horários de acesso e permanência mais flexíveis, visando atender aqueles que utilizam o período da noite para trabalhar e o do dia para dormir, por exemplo²⁰.

Os ensaios projetuais - objeto deste trabalho - foram desenvolvidos a partir da experimentação e aplicação de tais questionamentos. Uma vez que o presente trabalho se desenvolve no âmbito acadêmico, onde pensar em tais possibilidades se torna possível, foram estudados desenhos de espaços que poderiam atender a esses variados públicos e, inclusive, considerar a sua mistura e interação.

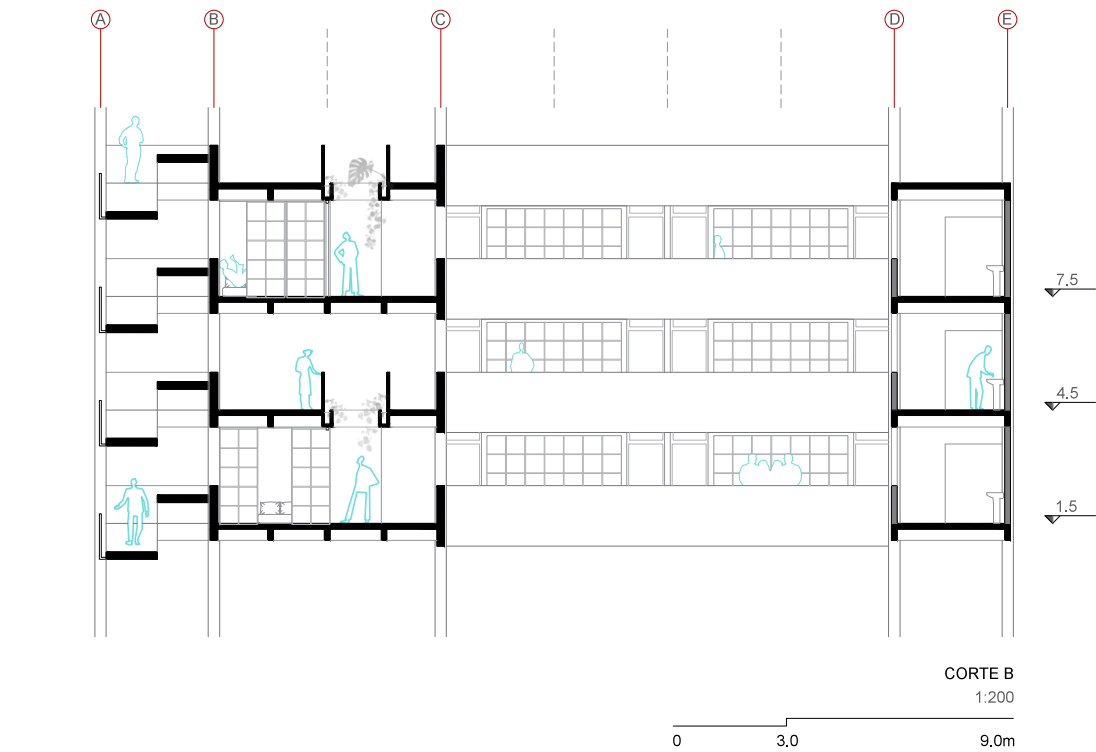


63

Imagens 62 e 63. Dormitório em CTA Aricanduva, Zona Leste, São Paulo. Inaugurado em 2017, possui 238 vagas de acolhimento (150 homens e 88 mulheres, separadamente) e outras 100 vagas de convivência durante o dia.

Fonte: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=237779.

capítulo três
 i. o núcleo



“Aqui o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos alhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo.”

(CERTEAU, Michel de, v2, 2011. p. 205).

A partir do estudo dos núcleos de programas existentes nas referências citadas, e do estudo de diversas configurações e possibilidades, o núcleo desenvolvido é constituído por: quartos individuais, sanitários, vestiários e cozinha compartilhados, além de espaços de convivência e cochilo.

Quarto individual

De todos os programas que serão aqui desenvolvidos, o quarto é aquele mais privativo.

Portanto, por mais que a coletividade é o que se busca no projeto de um equipamento casa, espaços que permitam-nos encontrar o resguardo dos lares - assim como ambientes que proporcionem diferentes escalas de privacidade - são aqui de extrema importância. Optei, assim, pelo quarto individual, com o necessário para abrigar o programa de dormir e descansar, onde aconteceriam diversos tempos destas atividades. Ou seja, uma vez que o programa de albergue aqui desenvolvido se propõe a servir de espaços de dormir que não necessariamente sejam somente para pernoite - mas também para um cochilo ou descanso em um horário no meio do dia, como em um contra turno das atividades cotidianas - quartos independentes configuram a solução que atende ambos os tempos, sem um atrapalhar o outro.

Com dimensões de 3,00 por 3,40 metros de eixo a eixo, consegue-se um layout interno mais flexível, sendo possível - através do reposicionamento da cama individual - adaptá-lo aos padrões de acessibilidade à uma pessoa cadeirante. Com painéis retráteis divisores a cada dois quartos é possível transformá-lo em um quarto duplo, cabendo também, uma terceira cama, em, por exemplo, uma situação de um casal com filho.

Armários embutidos voltam-se para dentro dos dormitórios e outros para fora, de maneira que o quarto pode ficar disponível ao longo do dia para quem for usá-lo em uma situação de tempo mais curta, mas podendo os pertences de outra pessoa que retornará somente para pernoite continuarem guardados no armário voltado para a área comum.

Visando a melhor insolação e ventilação, os quartos estão posicionados junto à fachada do edifício, e ao mesmo tempo, voltam-se para o pátio interno, o que possibilita melhor ventilação cruzada desses ambientes.

A modulação do núcleo segue as dimensões do quarto individual, e de acordo com as variadas situa-

ções de cada lote encontrado é possível variar a largura da frente do núcleo diminuindo ou aumentando o número de quartos.

Bloco molhado

Foi em torno das questões sobre o posicionamento dos programas molhados (sanitários, chuveiros e cozinha) onde se concentraram os maiores questionamentos. Deveria cada quarto ter o seu próprio banheiro, como na maioria dos quartos de hotéis? Cada núcleo deveria comportar uma cozinha aberta coletiva ou esta deveria estar somente no terraço do edifício, como no Pavilhão Suíço de Le Corbusier?

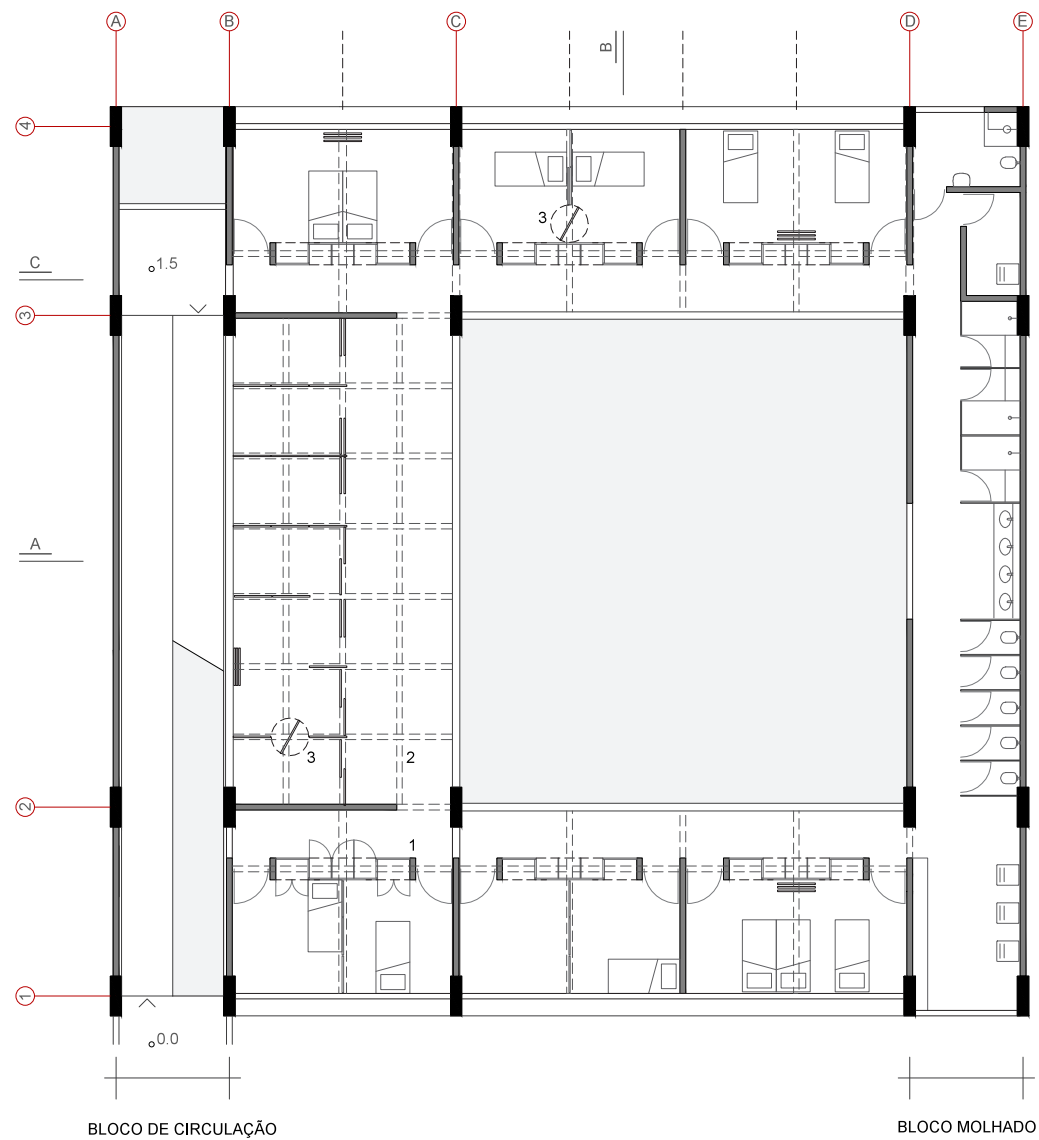
O bloco molhado com programa de sanitários, chuveiros, tanques e pias, foi posicionado externo aos dormitórios, de maneira compartilhada. Uma vez que se busca uma maior flexibilidade e rotatividade dos espaços, posicionar 1 banheiro privativo por dormitório não pareceu uma solução tão necessária já que os usos dos espaços seriam em curtos períodos de tempo, no máximo no tempo da pernoite.

Além disso, mesmo que se posicionasse 1 banheiro para cada 2 dormitórios individuais, por exemplo, a ventilação natural desses banheiros seria dificultada caso estes estivessem entre os quartos e o corredor. Dessa forma, tendo em vista uma ventilação cruzada mais eficiente, sem a necessidade do uso de shafts de ventilação, tal bloco foi disposto na extremidade lateral do núcleo, de maneira que este tenha ambas as fachadas garantidas, caso o edifício não tenha recuos laterais.

As cabines de chuveiro foram pensadas para serem ao mesmo tempo cabines individuais de troca de roupa e de banho, de forma que um ao entrar na cabine pode despir-se e vestir-se à vontade - sem precisar sair de toalha no espaço comum do vestiário - além de manter seus pertences próximos a si enquanto toma banho. Essa cabine individual permite uma maior flexibilidade dos espaços deste bloco, o qual não possui divisão de gêneros.

O bloco molhado de sanitários e chuveiros além de concentrar tais programas, possui tanques, depósitos de materiais de limpeza e 1 banheiro com chuveiro acessível.

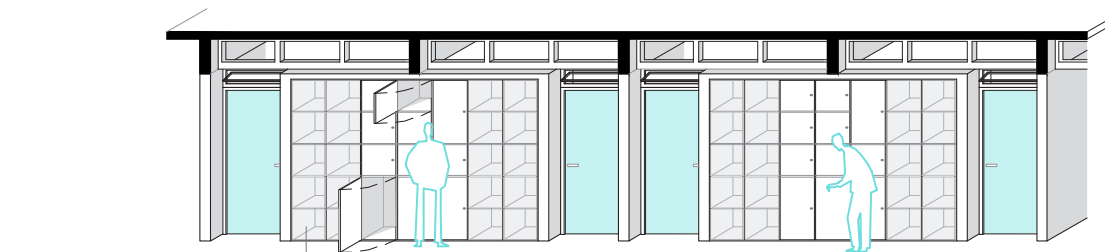
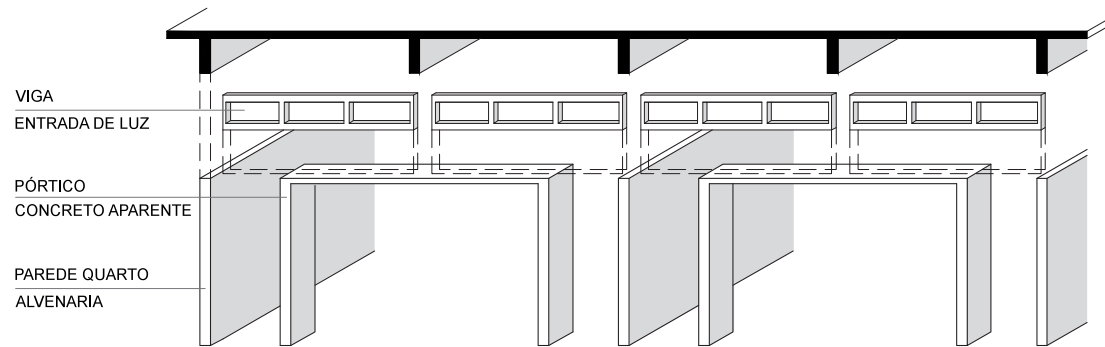
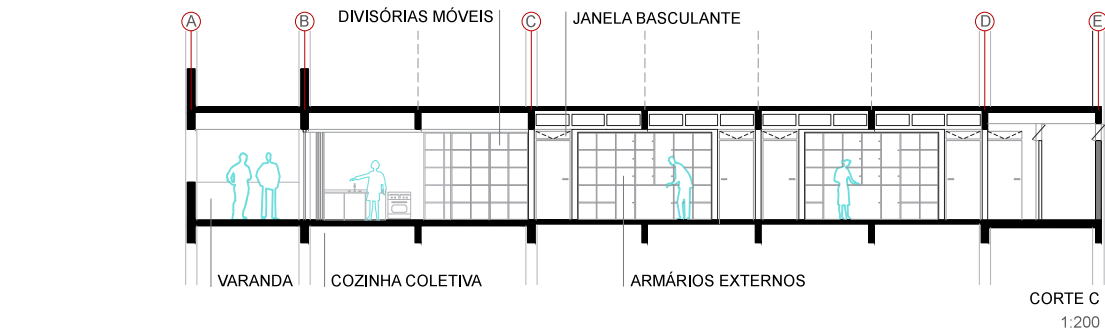
Em relação à cozinha, cada núcleo possui 1 cozinha aberta e coletiva, estando esta junto ao espaço de convivência.



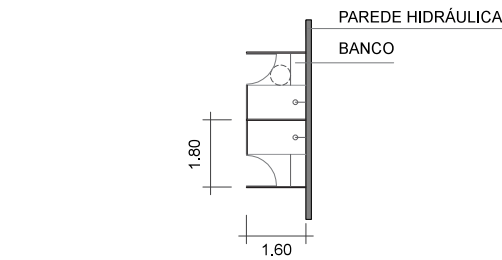
1. PÓRTICO DE CONCRETO APARENTE COM
 ARMÁRIO EMBUTIDO
 2. PROJEÇÃO VIGAS
 3. PAINÉIS MÓVEIS DIVISORES DE AMBIENTES
 TRILHOS SOB VIGAS



PLANTA PAVIMENTO TIPO: NÍVEL INFERIOR /
 VARIAÇÕES QUARTOS
 1:200
 0 3.0 9.0m



FUNDO ARMÁRIO QUARTO
 MATERIAL TRANSLÚCIDO
 PERSPECTIVA - PÓRTICO ARMÁRIOS
 0 1.5 3.0m



CABINE INDIVIDUAL VESTIÁRIO
 1:200



- | | |
|------------------------|--------------------------------|
| 1. CONVIVÊNCIA | 7. DEPÓSITO |
| 2. COZINHA COLETIVA | 8. BANHOS |
| 3. VARANDA | 9. SANITÁRIOS |
| 4. QUARTO | 10. TANQUES / VARAL |
| 5. ARMÁRIOS | 11. SALA ÍNTIMA / COCHILLO |
| 6. SANITÁRIO ACESSÍVEL | 12. ACESSO CIRCULAÇÃO VERTICAL |

PLANTA PAVIMENTO TIPO: NÍVEL INFERIOR
1:200
0 3.0 9.0m



PLANTA PAVIMENTO TIPO: NÍVEL SUPERIOR
1:200
0 3.0 9.0m

Circulação

O núcleo - de dois pavimentos - é percorrido por rampas, cujos patamares intercalam-se entre o patamar de acesso às paradas dos elevadores, e o patamar de chegada dentro do núcleo - chegando-se por uma varanda.

Cada lance de rampa desce 1,5 metro, o que possibilita uma equidistância e relação de meio nível de ambas as partes do núcleo em relação ao acesso.

Assim como o bloco servidor do programa molhado, este bloco de circulação se concentra na outra extremidade do conjunto.

Convivência e pequenos estares

O espaço da convivência, como mencionado, abriga a cozinha coletiva, espaços de comer e conviver, no pavimento superior do núcleo. A primeira abre-se para os demais espaços por meio dos painéis móveis - também utilizados a cada dois quartos - abrindo-se também para a varanda de chegada do núcleo.

Os pequenos estares - que poderiam também ser chamados de salas íntimas, onde pode-se descansar e cochilar - localizam-se no pavimento inferior. Estes também são modulados e configurados por meio de painéis móveis que correm ao longo de trilhos dispostos sob as vigas.

Ambos os pavimentos possuem interações por meio de aberturas na laje do pavimento superior, e voltam-se para o pátio central e para a abertura no bloco de banheiros que revelam as pias do conjunto.

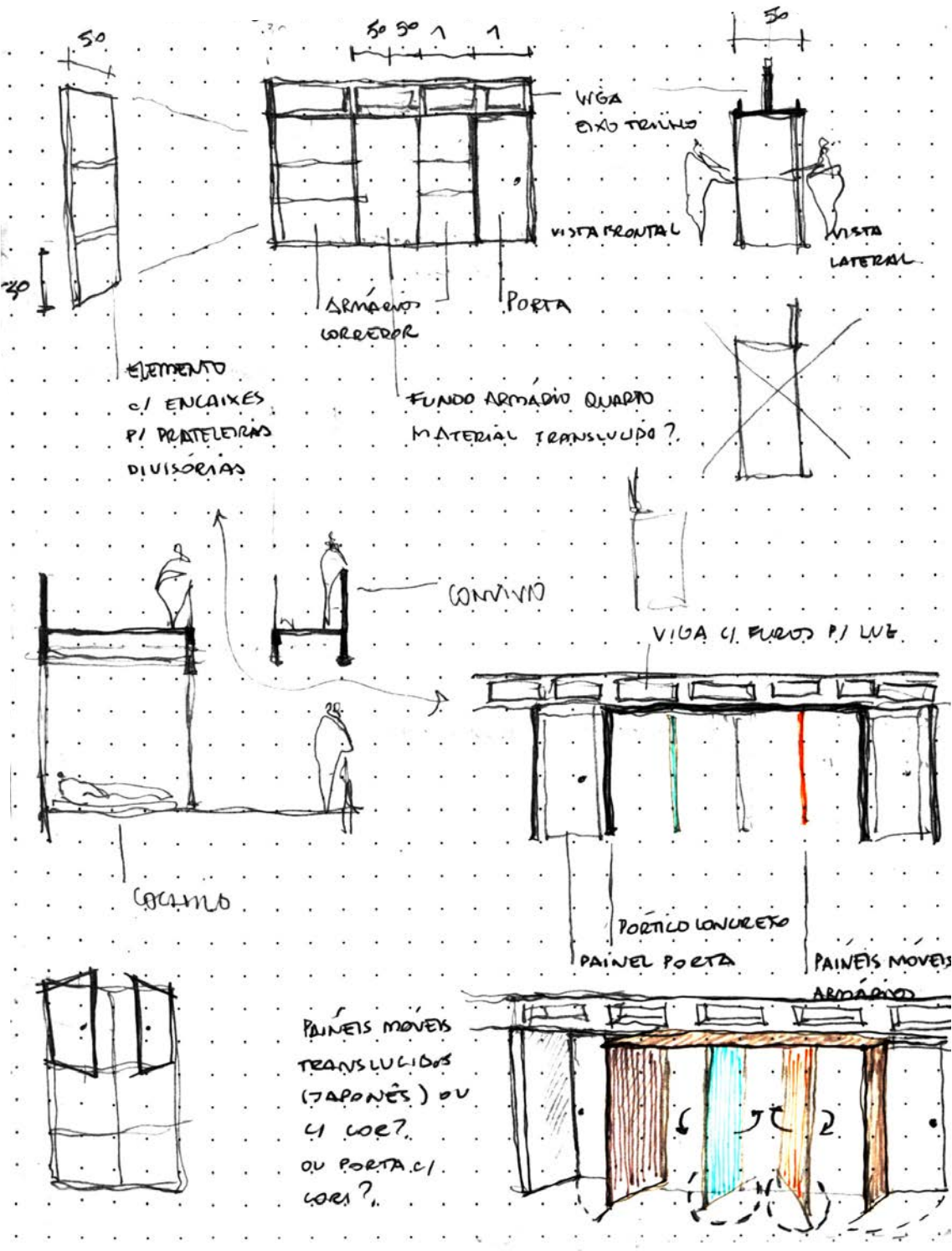


Imagem 1. Croquis de estudo do Pórtico armário - Quartos

ii. do núcleo aos agrupamentos

O núcleo desenvolvido constitui um edifício “tipo”, o qual pode e deve se adaptar às diferentes situações encontradas na cidade. Dessa forma, combinações variadas desse tipo foram experimentadas.

Ao lado, um exemplo de implantação de 5 edifícios em uma mesma quadra hipotética, com situações de lotes diversas. Os edifícios 4 e 5, por exemplo, mostram uma situação em que o lote poderia ser mais estreito do que as dimensões finais do núcleo desenvolvido, e como este último poderia adaptar-se a tal condição. Os edifícios 1 e 2, ao contrário, mostram uma situação na qual o lote possui dimensões de fachada maiores do que as consideradas inicialmente.

Espelhar

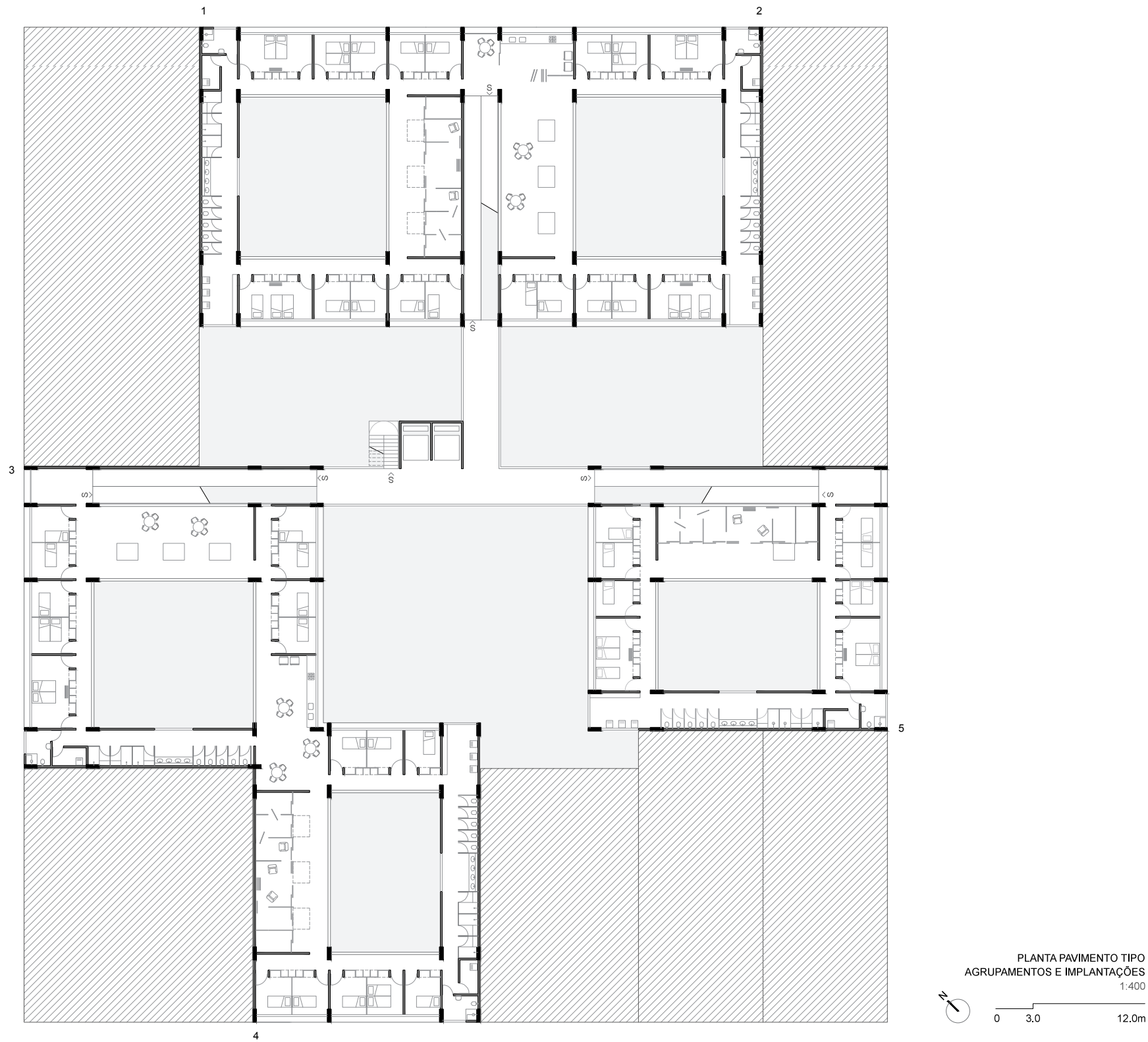
Dois núcleos podem compartilhar a mesma rampa quando implantados de maneira espelhada em relação a esta (Exemplo edifícios 1 e 2). Assim, posicionados lado a lado e com espaços comunicantes e interligados entre si, o núcleo poderia ser horizontalizado em uma mesma planta, ao invés de distribuído em dois pavimentos, como pensado inicialmente.

Conectar

Outra possibilidade de junção de mais de um núcleo é a implantação separada destes em lotes diferentes, conectados ao mesmo bloco de circulação vertical. Esse elemento externo aos núcleos faz a conexão entre eles por meio de passarelas que alinham-se pelos eixos das rampas de cada conjunto. Estas últimas são os elementos de transição do externo para o interno, e a varanda no patamar de chegada, uma parte ainda do externo dentro no núcleo.

Sobrepor

Em situações nas quais dois núcleos se interseccionam - como os edifícios 3 e 4, por exemplo - pode-se pensar, também, no compartilhamento do mesmo bloco de circulação e das rampas, de modo que ambos os núcleos compartilham a mesma planta, o que permite uma permeabilidade entre eles. Onde ocorre a sobreposição, os espaços podem ser mais livres como extensões da convivência e varanda, sendo estes os programas de conexão entre os núcleos.



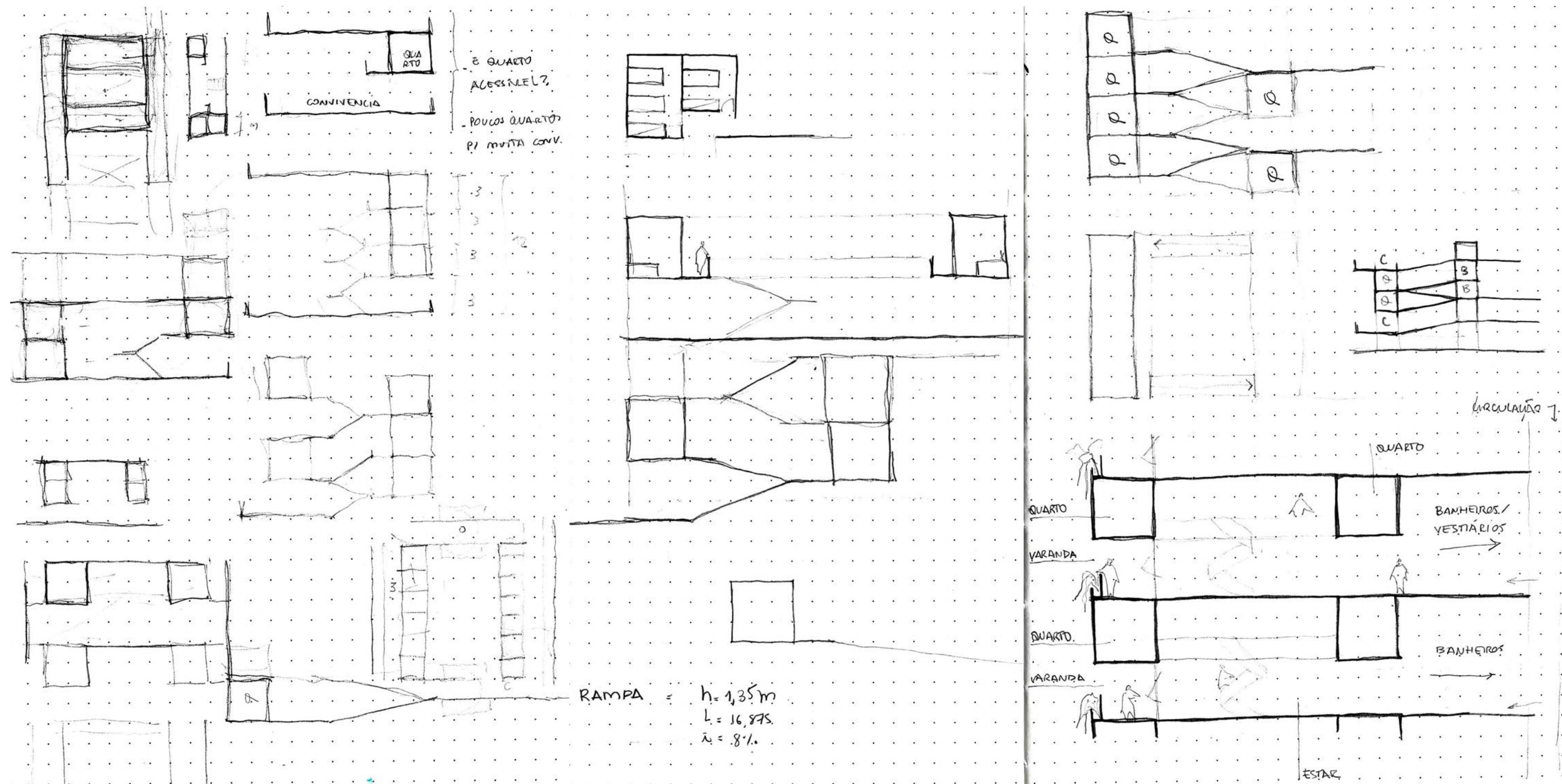
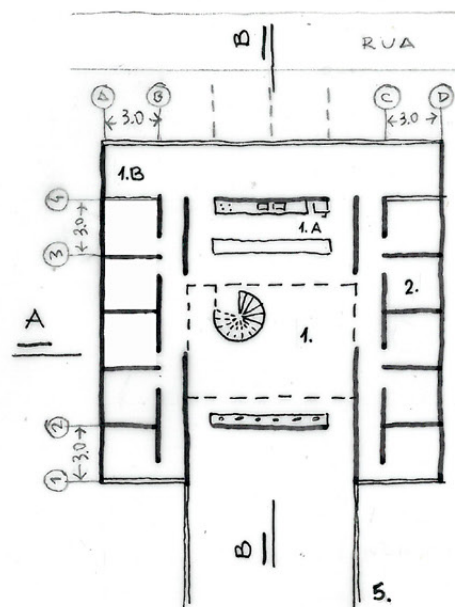
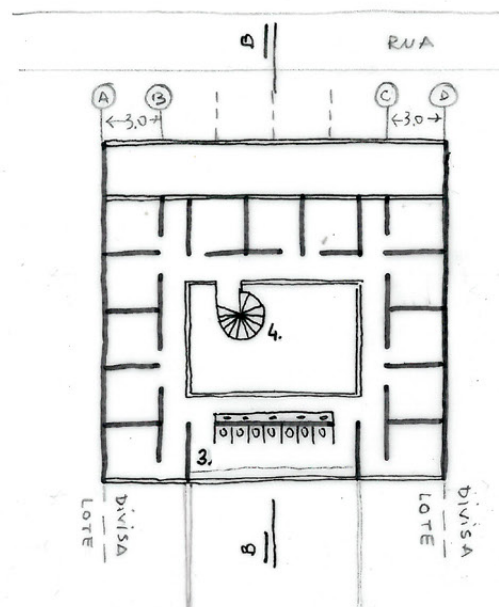


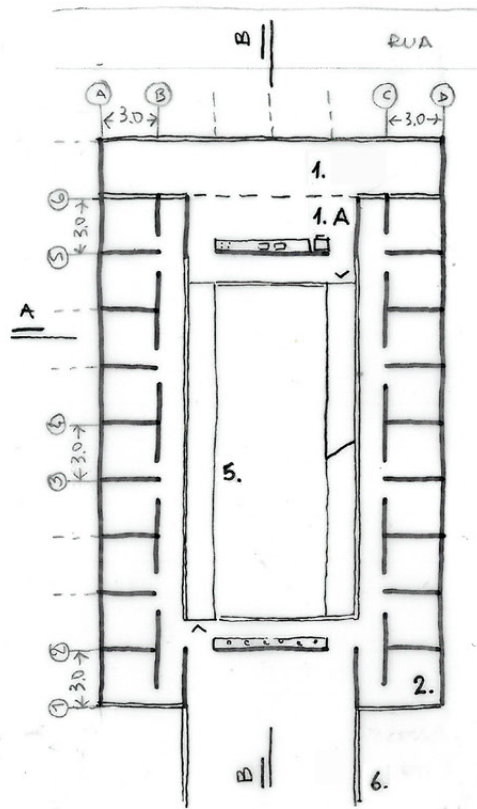
Imagem 2. Croquis de estudo do Núcleo de programas (autoria própria).



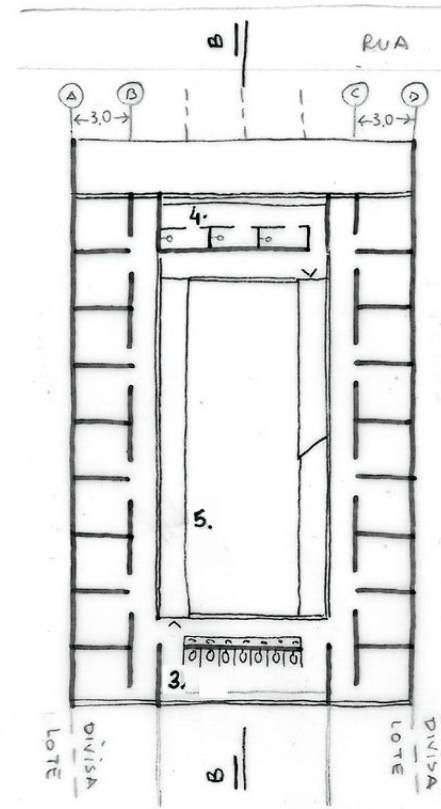
PLANTA PAVIMENTO TIPO : INFERIOR | ESTUDO 1
1: 400



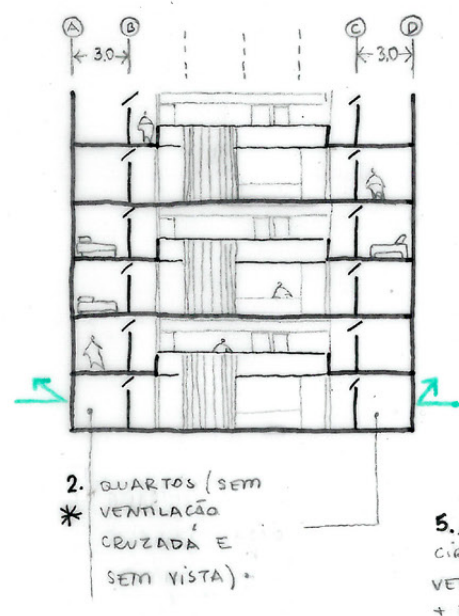
PLANTA PAVIMENTO TIPO : SUPERIOR | ESTUDO 1
1: 400



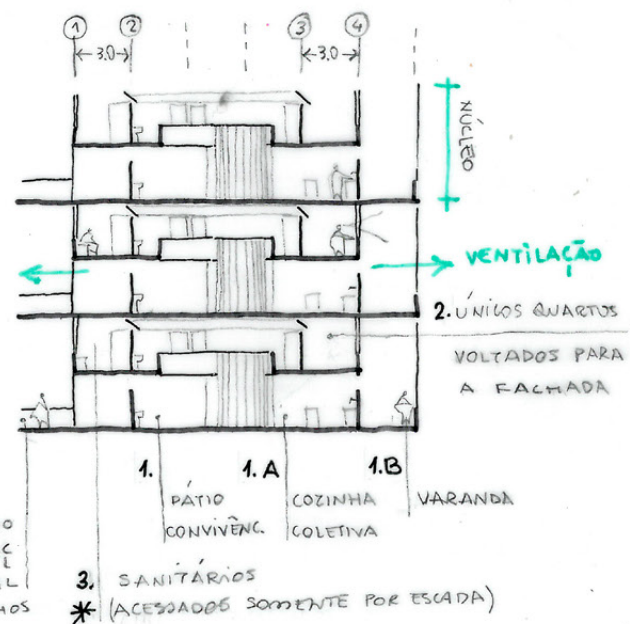
PLANTA PAVIMENTO TIPO : INFERIOR | ESTUDO 2
1: 400



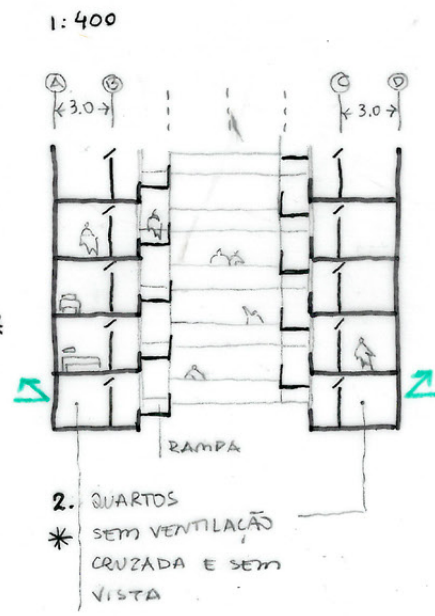
PLANTA PAVIMENTO TIPO : SUPERIOR | ESTUDO 2
1: 400



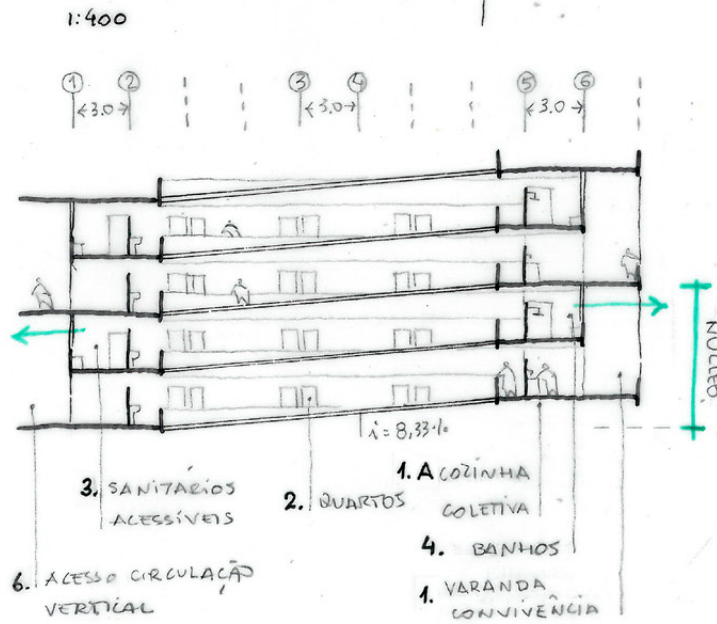
CORTE A | ESTUDO 1
1: 400



CORTE B | ESTUDO 1
1: 400



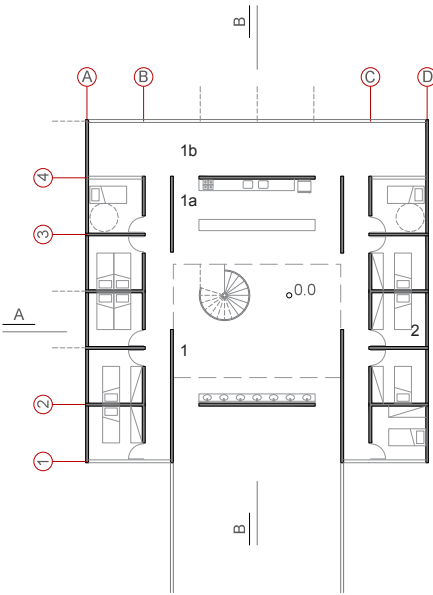
CORTE A | ESTUDO 2
1: 400



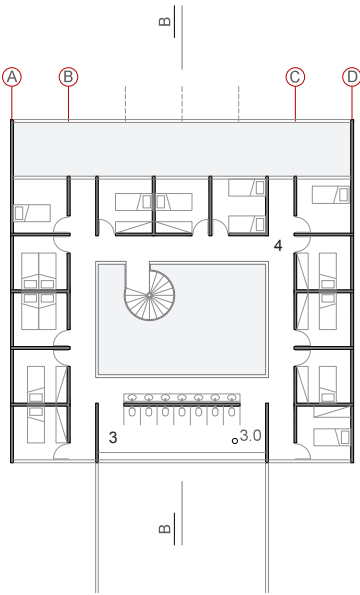
CORTE B | ESTUDO 2
1: 400

estudo 1

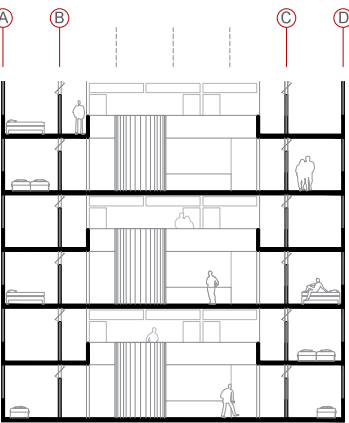
Áreas: 1. convivência (+1a. cozinha coletiva +1b. varanda): 157.0m² / 2. quartos: 207.0m² (Total: 23 quartos) / 3. sanitários: 25.22m² / 4. circulação: 132.0m²



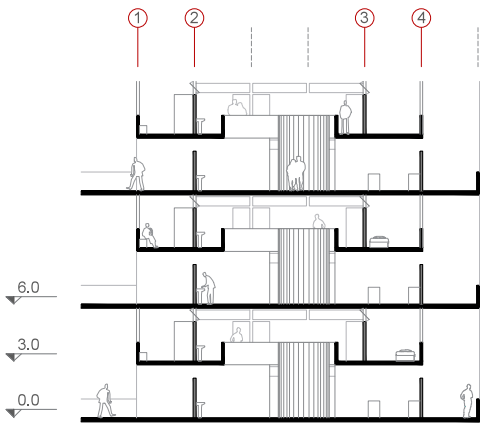
PLANTA PAVIMENTO TIPO: INFERIOR / ESTUDO 1
1:400



PLANTA PAVIMENTO TIPO: SUPERIOR / ESTUDO 1
1:400



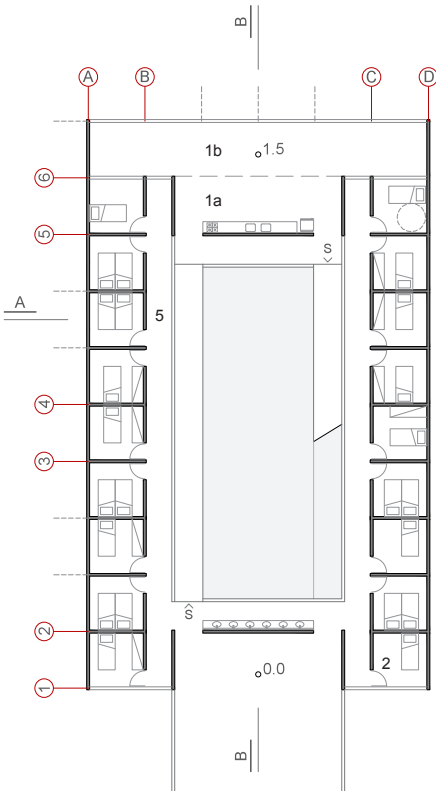
CORTE A / ESTUDO 1
1:400



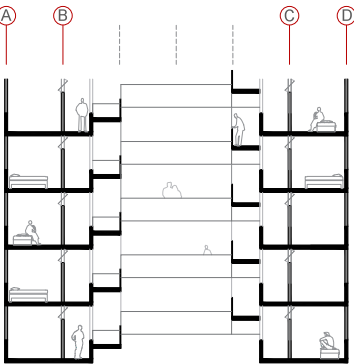
CORTE B / ESTUDO 1
1:400

estudo 2

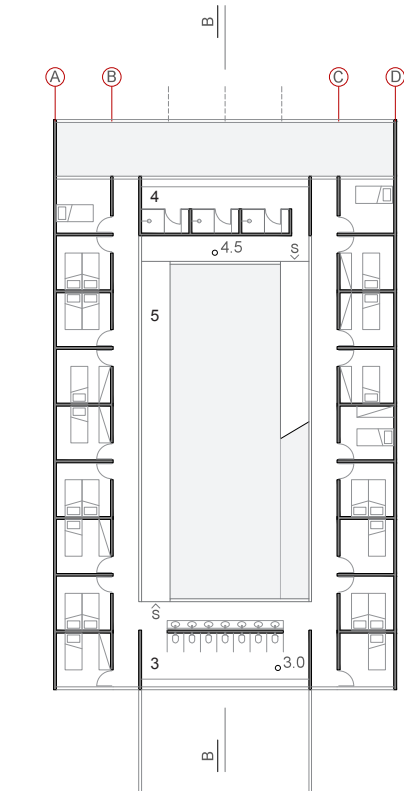
Áreas: 1. convivência (+1a. cozinha coletiva +1b. varanda): 77.42m²
2. quartos: 324.0m² (Total: 36 quartos) / 3. sanitários: 25.22m²
4. banhos: 25.22m² / 5. circulação: 223.7m²



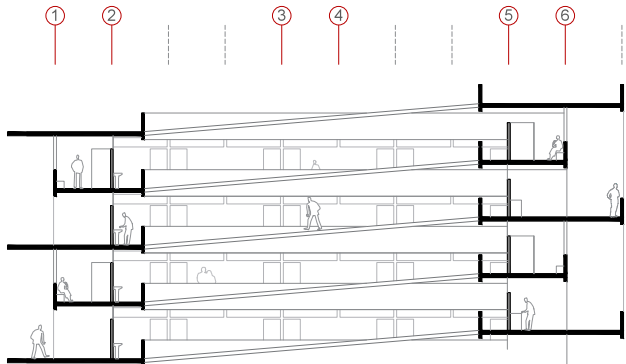
PLANTA PAVIMENTO TIPO: INFERIOR / ESTUDO 2
1:400



CORTE A / ESTUDO 2
1:400



PLANTA PAVIMENTO TIPO: SUPERIOR / ESTUDO 2
1:400



CORTE B / ESTUDO 2
1:400

iii. os estudos

Essa solução de núcleo foi resultado de diversas experimentações. A partir delas, questões como ventilação, orientação, acessibilidade, entre outras, ficaram bastante evidentes. Em todas as situações experimentadas os partidos comuns e mantidos foram: núcleo modulado a partir do quarto individual, banheiros, cozinhas e espaços de descanso e estar compartilhados.

Inicialmente, imaginei um núcleo mais compacto, inspirado principalmente pela referência do bloco de alojamento do Instituto Marchiondi, no qual o núcleo dividido em 2 pavimentos, é acessado pelo pavimento inferior e pelas relações espaciais do interior da Residência Millan.

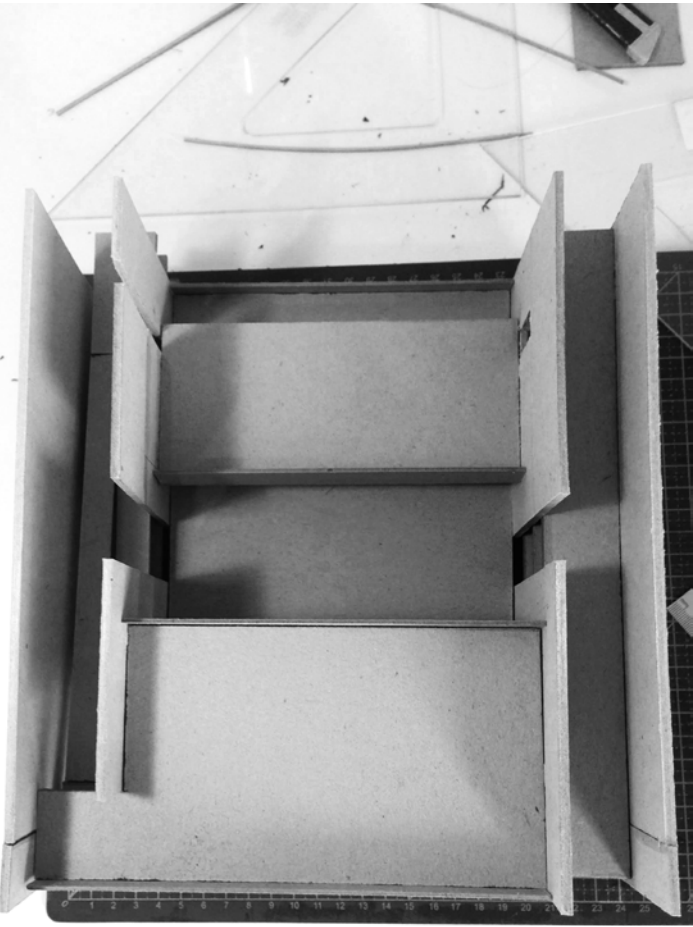
No estudo 1 (18x18 metros) adentra-se por um pátio de convivência e cozinha coletiva, havendo uma ampla varanda voltada para a fachada e por onde se ventila a cozinha. Os quartos, no entanto, ao serem posicionados nas laterais, possuem iluminação e ventilação cruzada prejudicadas. Além disso, apesar de haver uma gradação de espaço externo e interno - em que antes de adentrar-se no núcleo em si, passa-se por um espaço aberto e coberto de chegada, configurado pela parede onde estão dispostas as pias - os quartos no mesmo nível da convivência possuem suas privacidades reduzidas, pensando em termos de visibilidade e barulho. Outra questão mal resolvida neste estudo, é que o sanitário localiza-se somente no segundo pavimento do conjunto, não sendo acessível por pessoas com mobilidade reduzida, uma vez que a subida só acontece por meio da escada caracol.

Partindo dessas questões, optou-se por trabalhar com rampas acessíveis que sobem a cada 1,5 metro. No estudo 2, a partir da mesma planta do estudo anterior, o uso da rampa permite uma organização do núcleo em 4 meios níveis. Dessa forma, os quartos (nível 0.0) distanciam-se da convivência, ganhando mais privacidade. A convivência, cozinha e varanda, no primeiro patamar da rampa torna-se equidistante aos quartos no pavimento de chegada e daqueles no terceiro pavimento (nível 3.0). Os sanitários tornam-se, então, acessíveis. No quarto e último patamar, é possível posicionar o programa dos chuveiros, antes pensado para estar em um bloco externo.

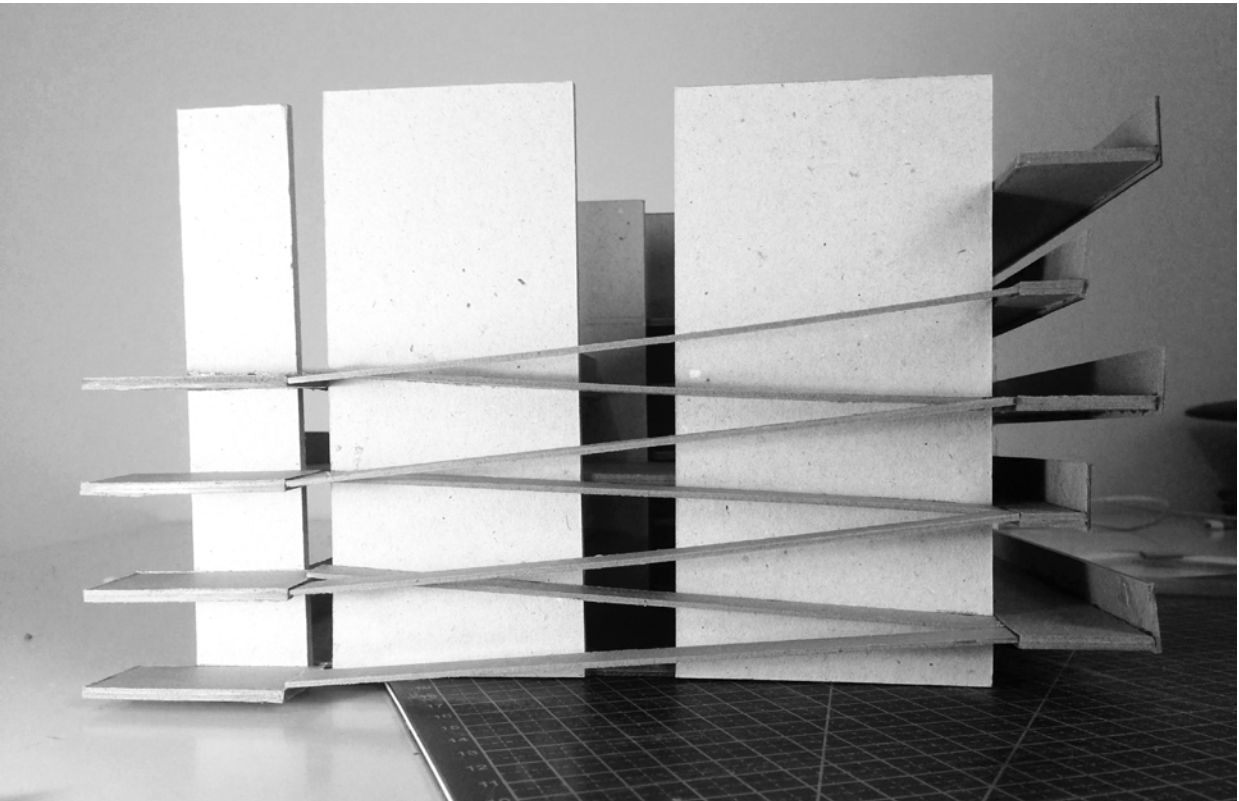
A equidistância dos programas poderia ser melhor resolvida se as rampas fossem contínuas por todo o edifício, não só conectando cada núcleo. Dessa forma, aqueles hospedados nos quartos no pavimento inferior e de acesso pelo elevador - por exemplo no



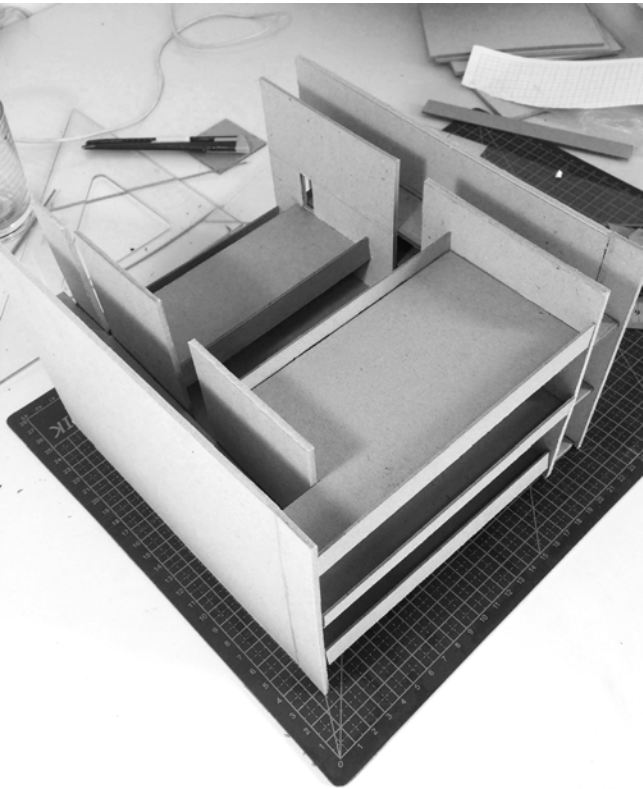
3



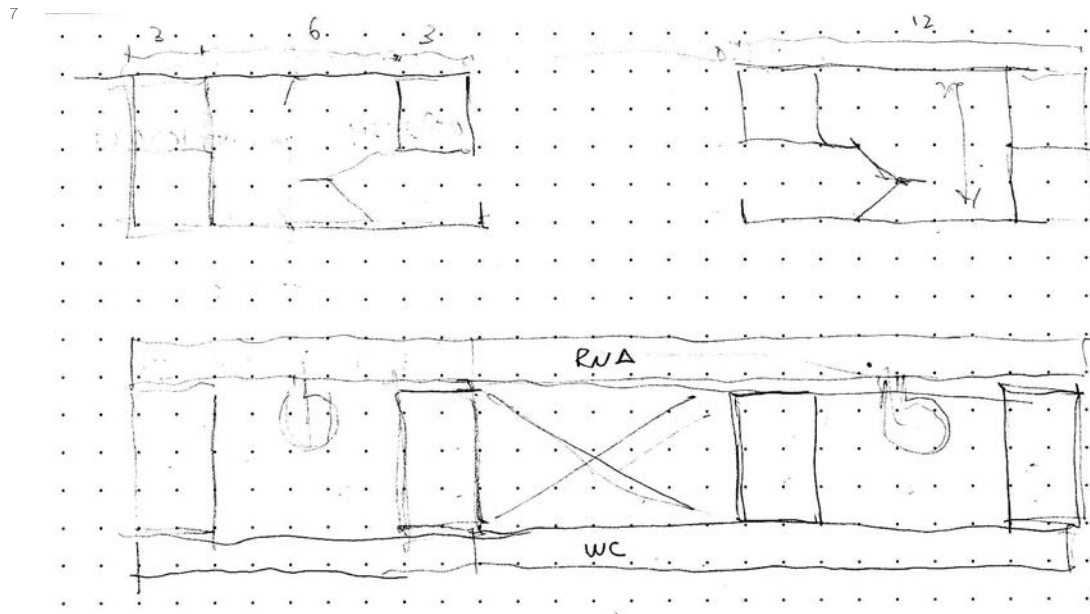
4



5

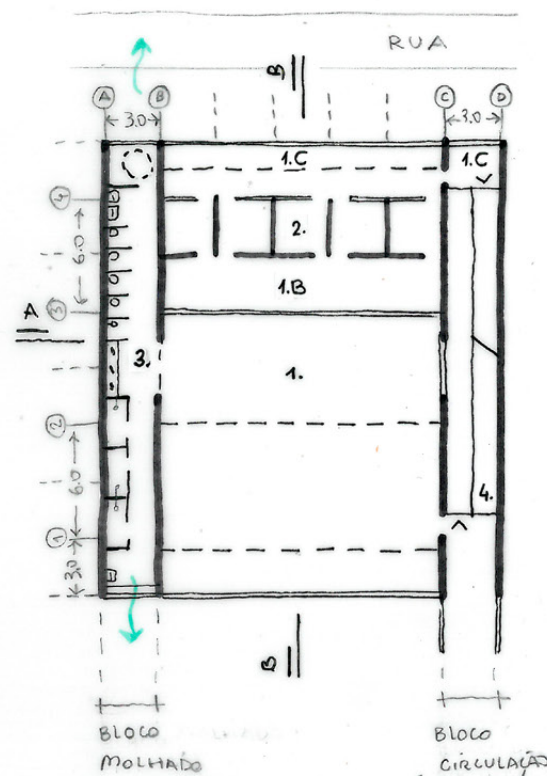


6

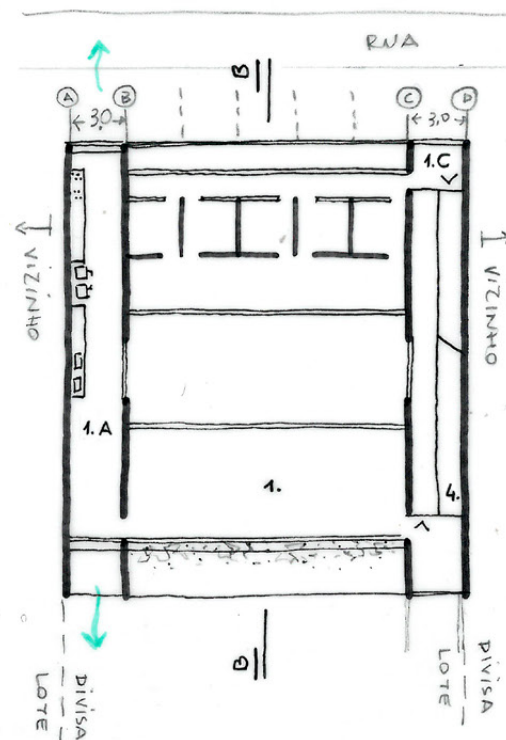


7

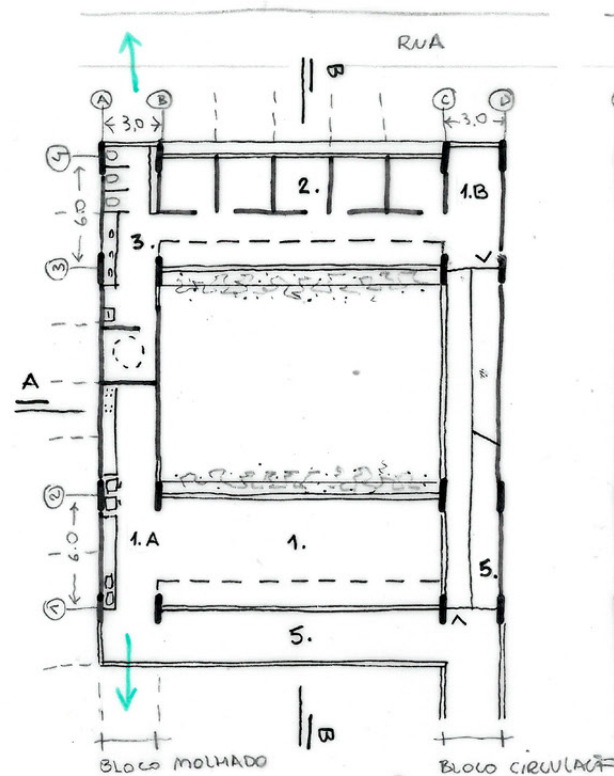
Imagens 3 a 6. Modelo físico de estudo - Desenvolvido para o Estudo 3 do Núcleo.
 Imagem 7. Croquis de estudo - Núcleo de programas: blocos de circulação e molha-
 do, quartos e convivência junto às fachadas (autoria própria).



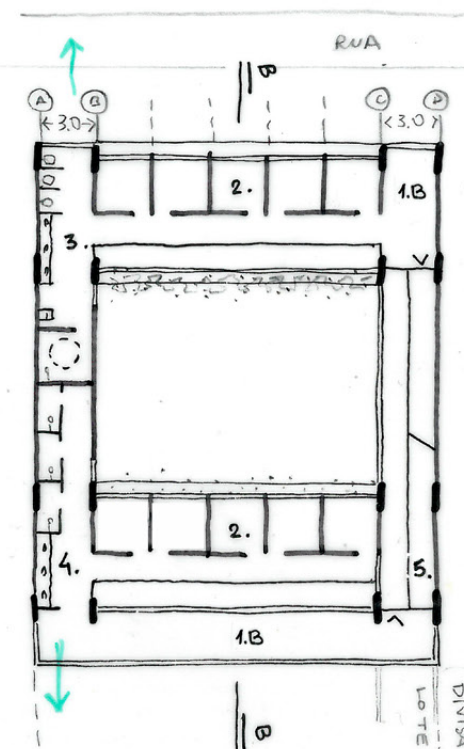
PLANTA PAVIM. TIPO: TERREO
1:400



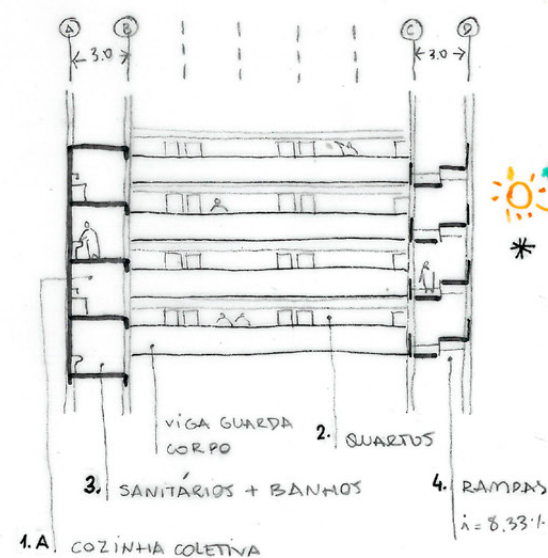
PLANTA PAVIM. TIPO: SUPERIOR
1:400



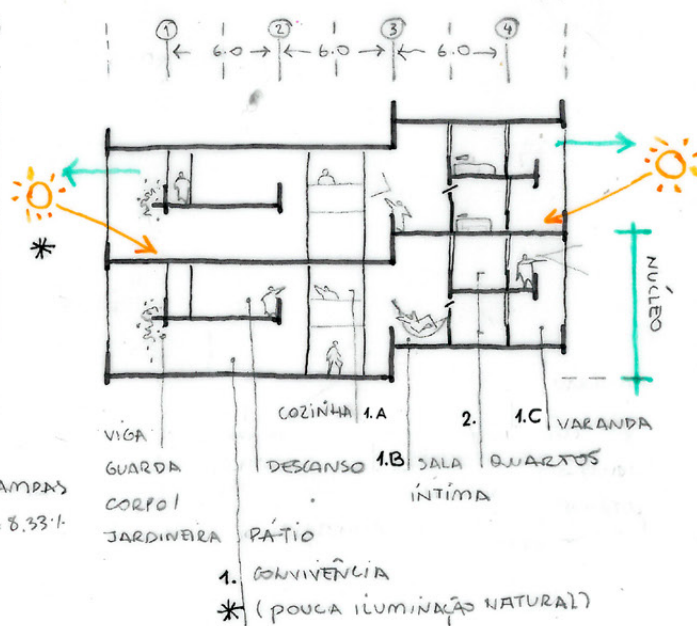
PLANTA PAVIM. TIPO: TERREO
1:400



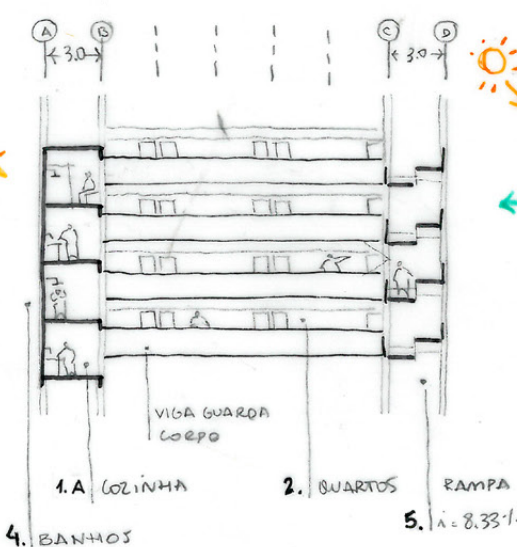
PLANTA PAVIM. TIPO: SUPERIOR
1:400



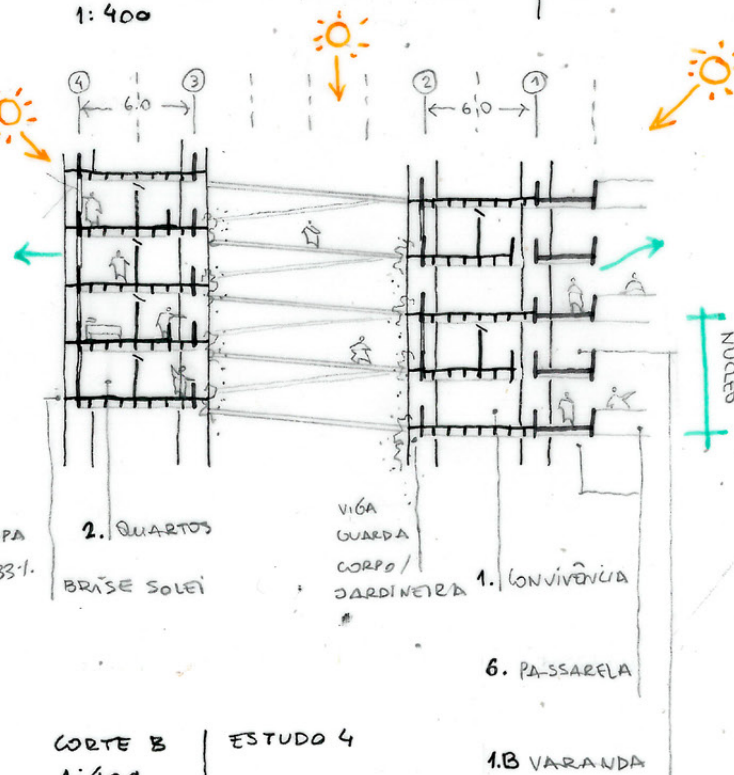
CORTE A | ESTUDO 3
1:400



CORTE B | ESTUDO 3
1:400



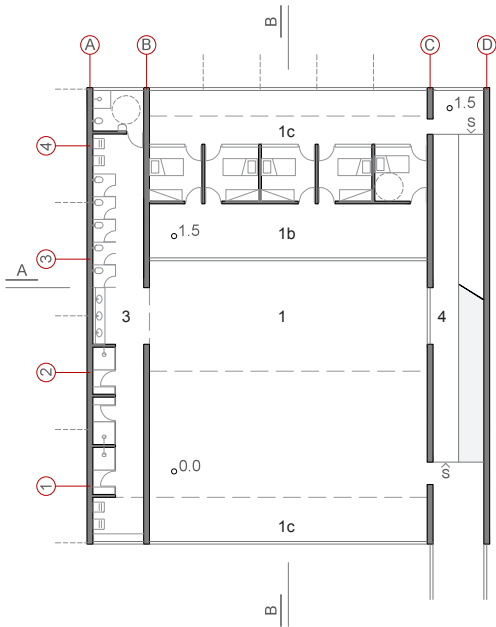
CORTE A | ESTUDO 4
1:400



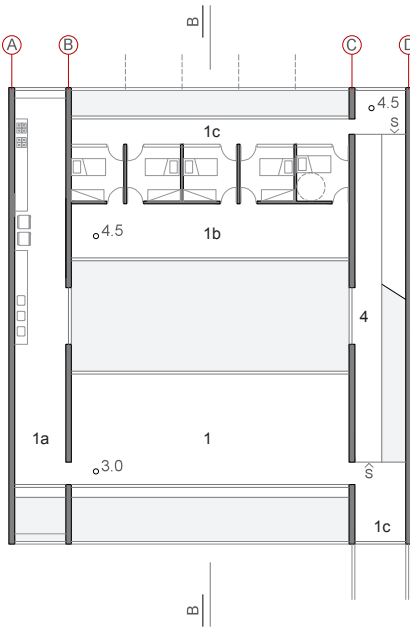
CORTE B | ESTUDO 4
1:400

estudo 3

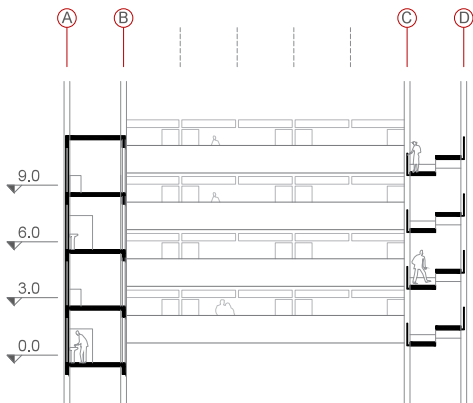
1. convivência (+1a. cozinha coletiva +1b. sala íntima / descanso +1c. varandas):
Áreas: 284.1m² / 2. quartos: 90.0m² (Total: 10 quartos) / 3. sanitários + banhos: 64.4m² /
4. circulação: 103.0m²



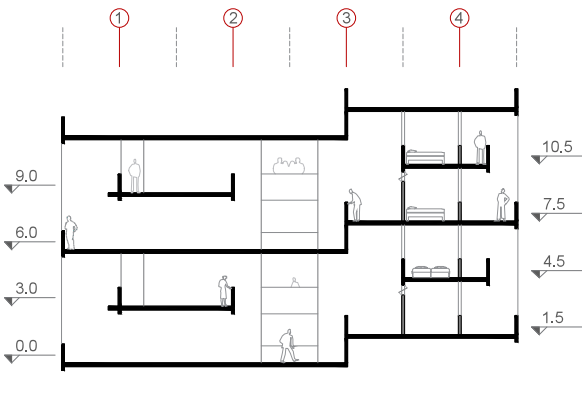
PLANTA PAVIMENTO TIPO: INFERIOR /
ESTUDO 3
1:400



PLANTA PAVIMENTO TIPO: SUPERIOR /
ESTUDO 3
1:400



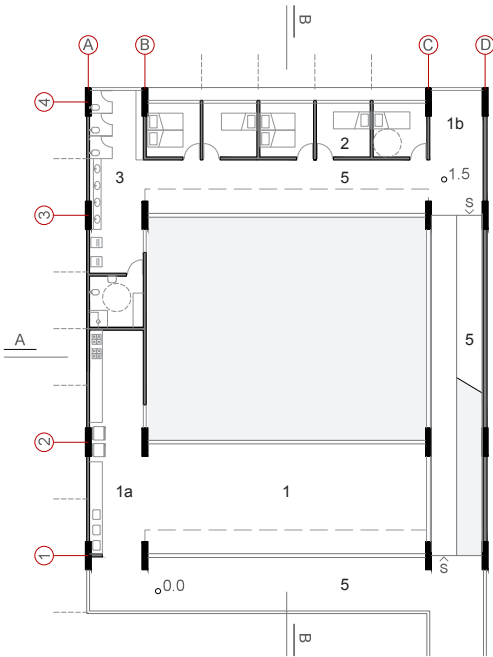
CORTE A / ESTUDO 3
1:400



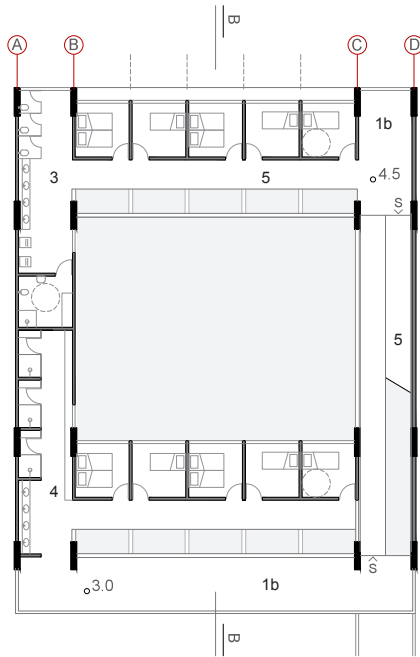
CORTE B / ESTUDO 3
1:400

estudo 4

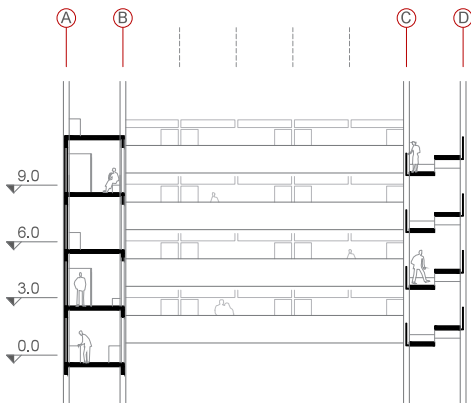
1. convivência (+1a. cozinha coletiva +1b. varandas): 77.42m² / 2. quartos:
Áreas: 135.0m² (Total: 15 quartos) / 3. sanitários: 25.22m² / 4. banhos: 25.22m² /
5. circulação: 223.7m²



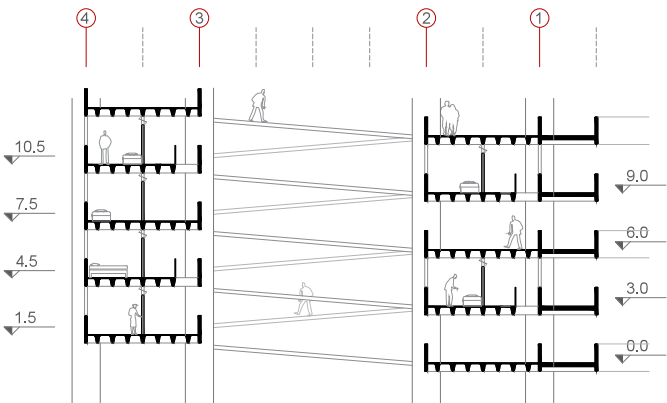
PLANTA PAVIMENTO TIPO: INFERIOR /
ESTUDO 4
1:400



PLANTA PAVIMENTO TIPO: SUPERIOR /
ESTUDO 4
1:400



CORTE A / ESTUDO 4
1:400



CORTE B / ESTUDO 4
1:400

nível 6.0 - ao invés de precisarem subir os 3 lances de rampa para chegar nos chuveiros, poderiam simplesmente descer um lance.

No entanto, assim como no estudo anterior, os quartos aqui possuem sua ventilação e iluminação natural ruim - senão pior devido à maior profundidade do edifício (18x30 metros). Assim, o terceiro estudo foi desenvolvido, onde: manteve-se o uso de rampas, retomou-se a configuração de pátio convivência, os quartos foram posicionados na fachada e o bloco molhado e de circulação, em cada extremidade lateral do núcleo. Aqui suas dimensões totais são 21x24 metros.

Liberando mais espaço da fachada para os quartos, o bloco molhado espacializado nas dimensões de 1 módulo de quarto por 8, na outra direção, preserva sua ventilação cruzada, e nos quartos esta questão fica melhor resolvida quando comparada aos estudos anteriores.

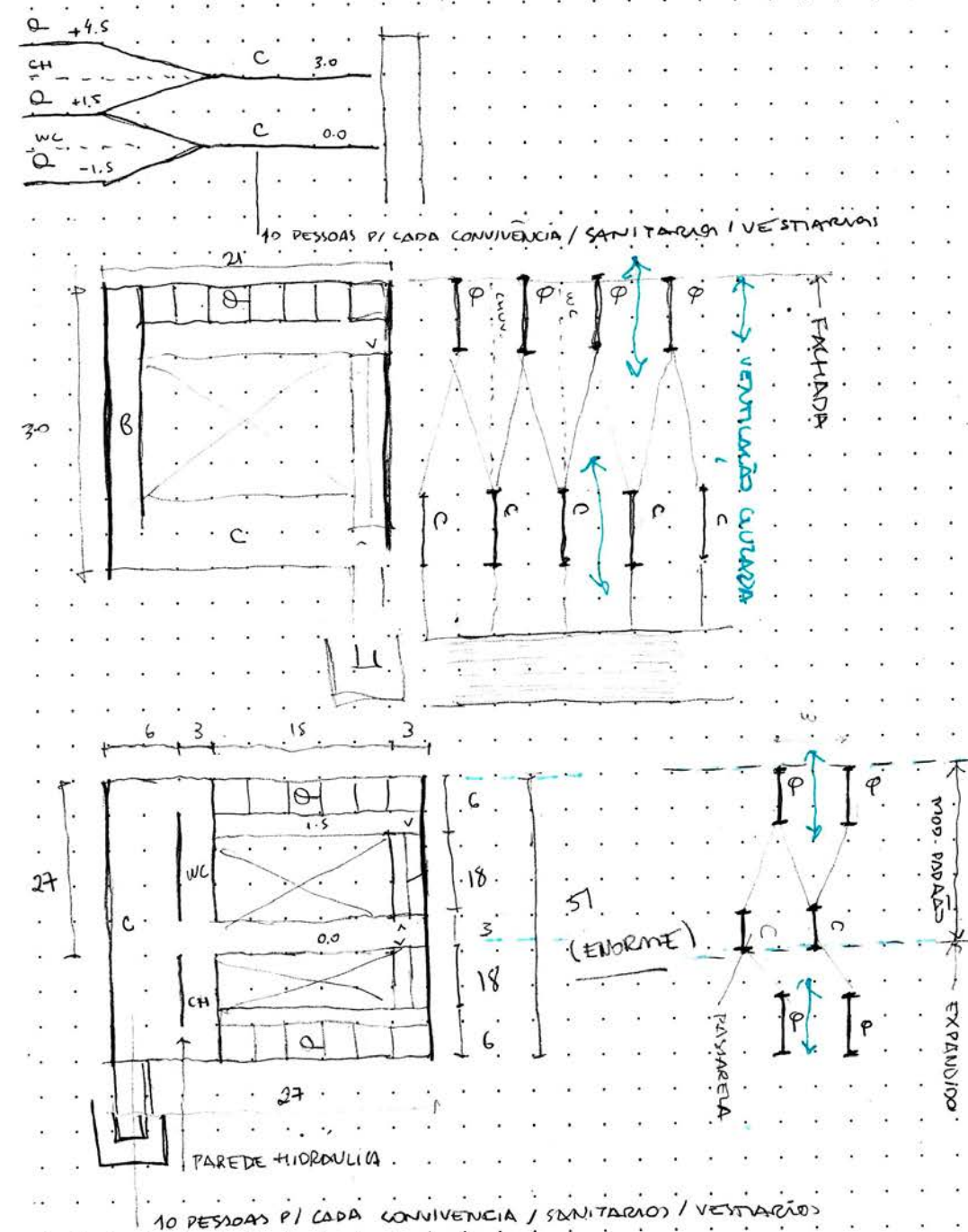
A relação entre área livre de convivência, e o número de quartos é neste caso bastante desproporcional - para os 10 quartos, tem-se 284.1m² de áreas de convivências - assim como as áreas de circulação.

Assim, parti para o estudo 4, onde foram acrescentados mais 5 quartos, no nível 3.0, totalizando em 15. Visando melhorar a iluminação destes e do espaço central do núcleo - antes pouco iluminada por estar afastada das fachadas (Imagens X) - abriu-se um pátio central comum a todos os pavimentos do edifício, por onde entraria luz zenital, iluminando e ventilando melhor os quartos voltados para dentro.

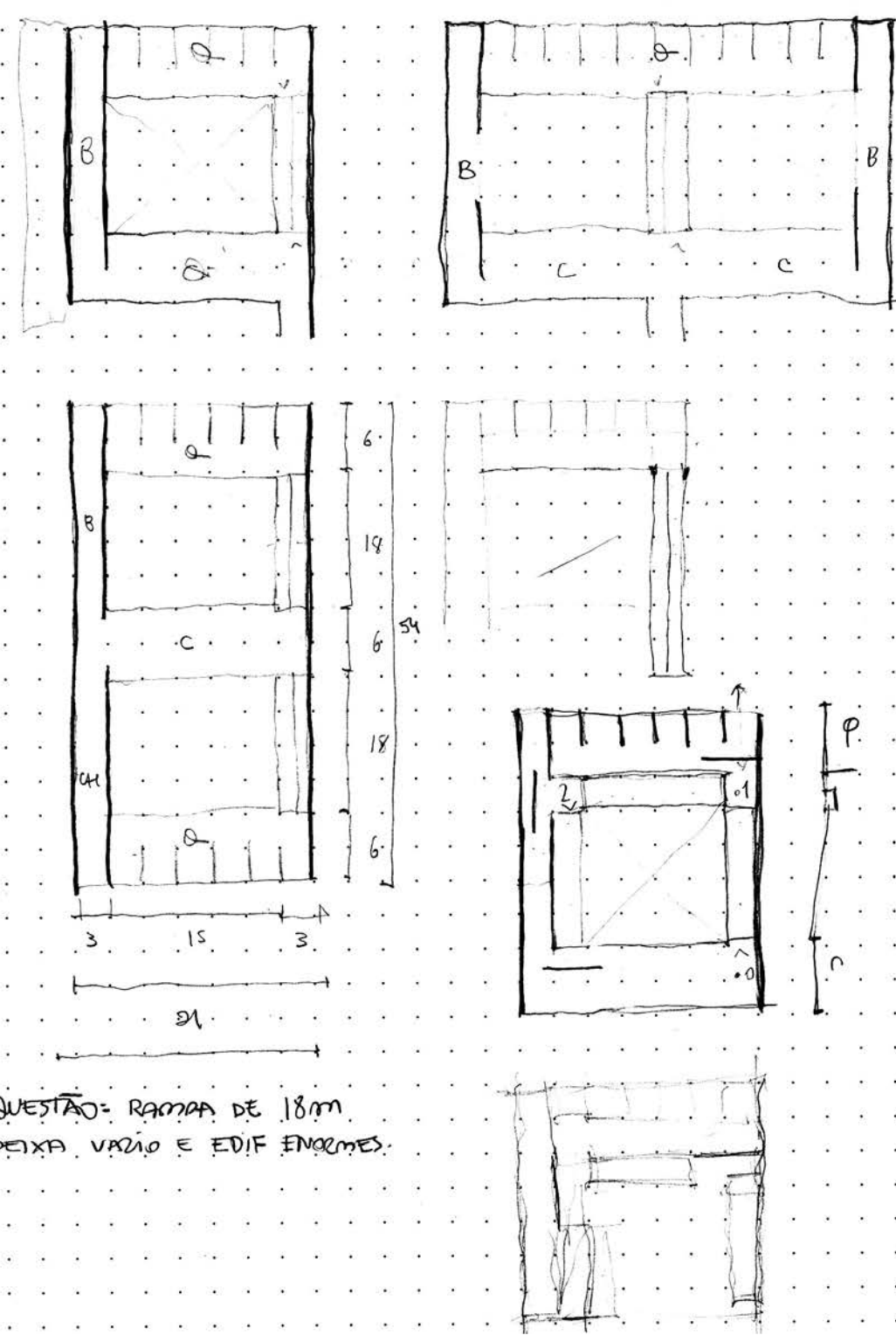
Como a entrada para os sanitários não acontece mais pelo centro do bloco molhado, devido à abertura do pátio, optou-se por dividir o bloco em dois, sendo cada parte em nível com os patamares da rampa, o que possibilita uma alternância de programas nos patamares.

Ao aproximar os quartos da fachada, de modo a melhorar a iluminação, se fez necessário recuar a rampa em planta para liberar o acesso destes quartos (nível 4.50), e com isso, criou-se uma rua externa de acesso ao núcleo na fachada oposta, o que configura uma varanda no nível 3.0.

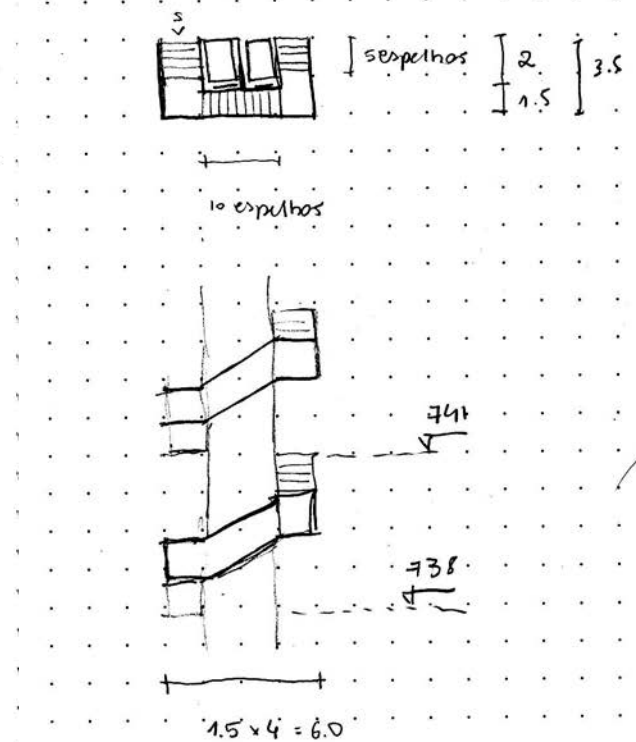
A relação entre as áreas de espaços comuns para os 15 quartos, continua desproporcional, por isso, segui para o estudo 5.



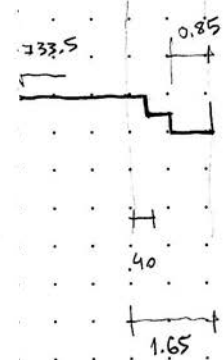
QUESTÃO: RAMPA DE 18m
DEIXA VAZIO E EDIF ENORMES.

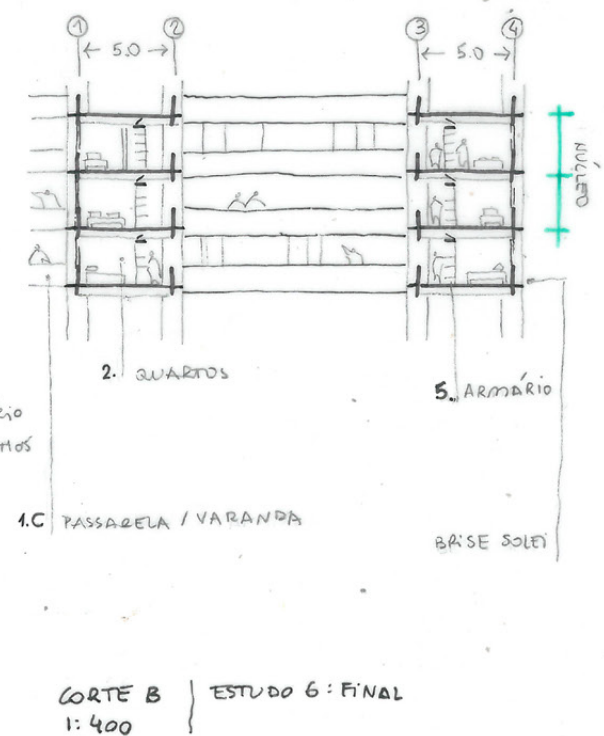
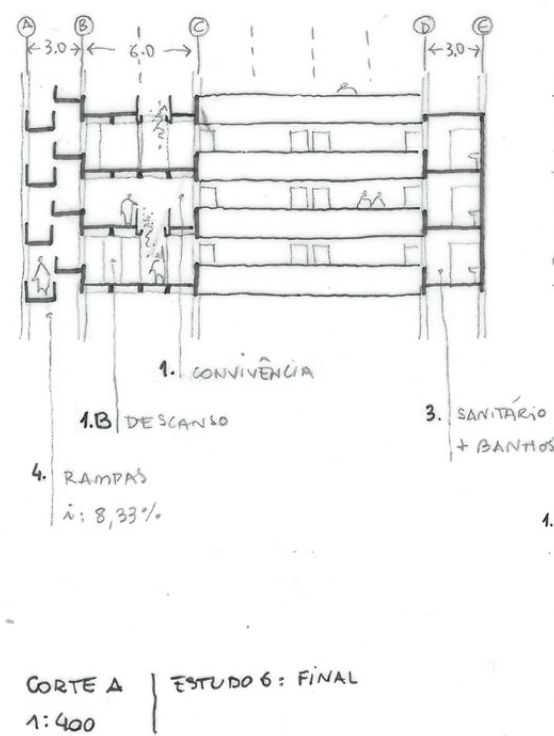
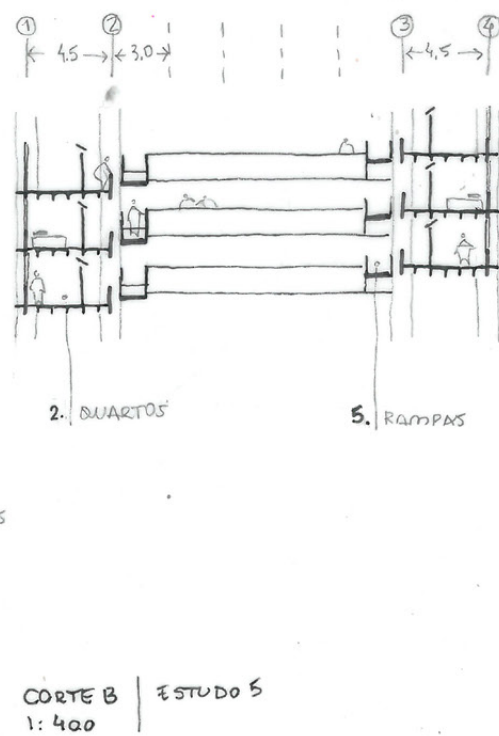
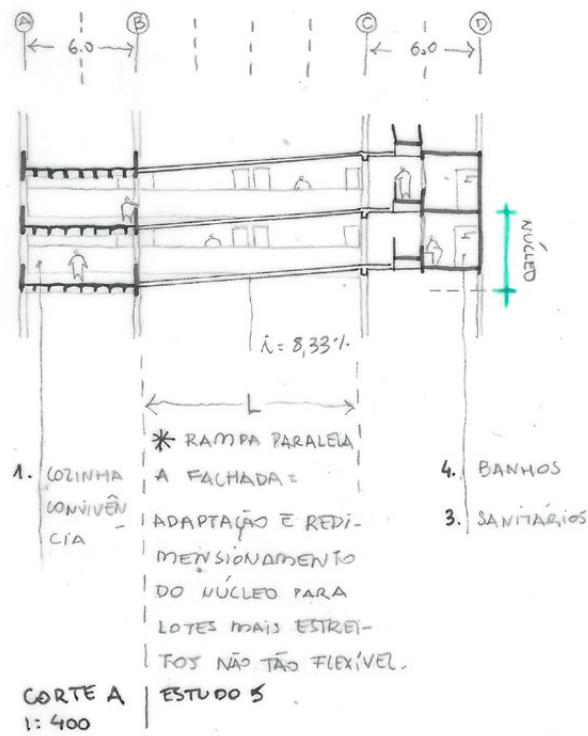
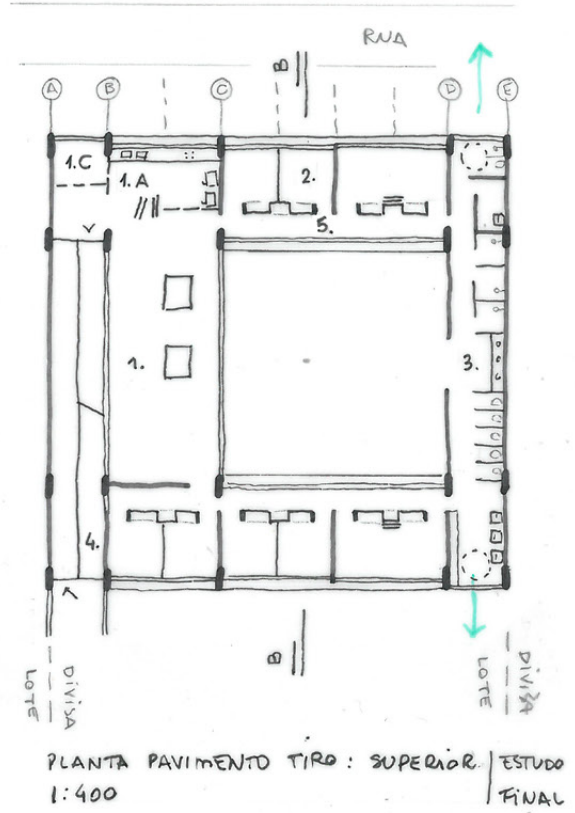
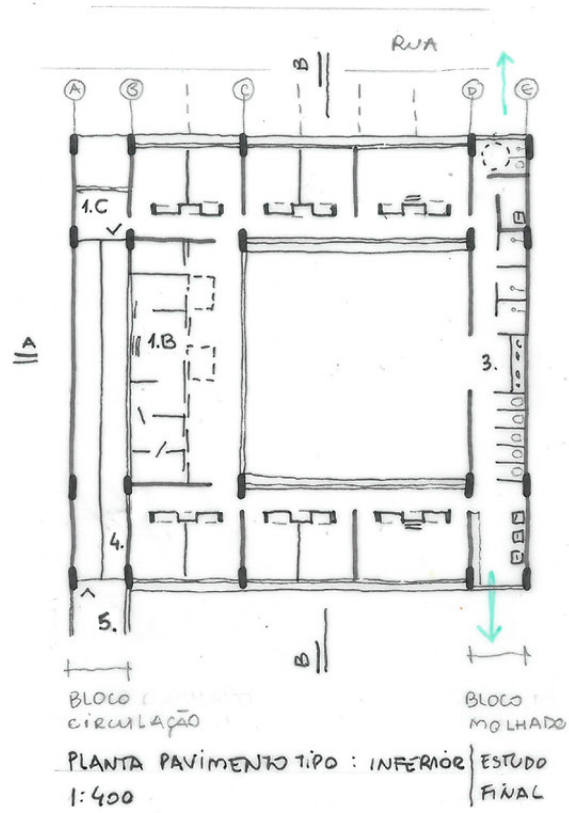
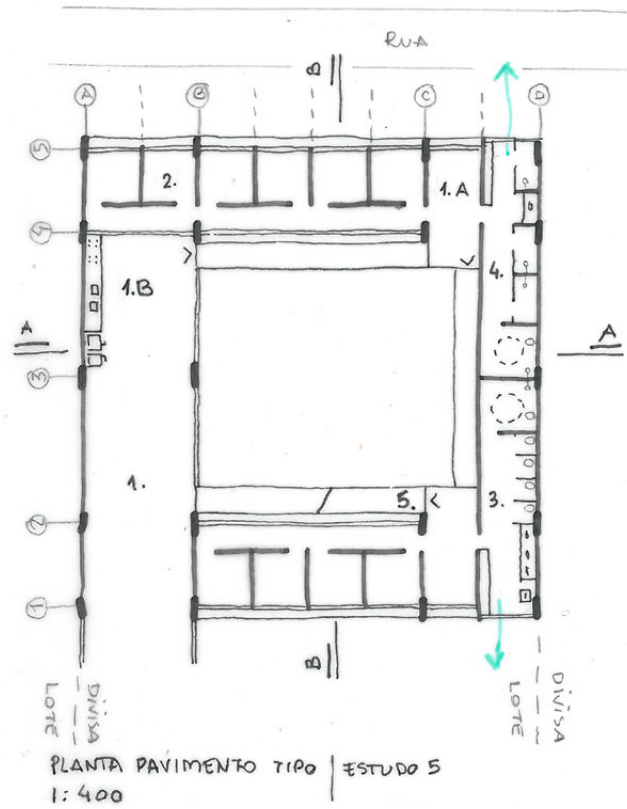


CIRCULAÇÃO VERTICAL



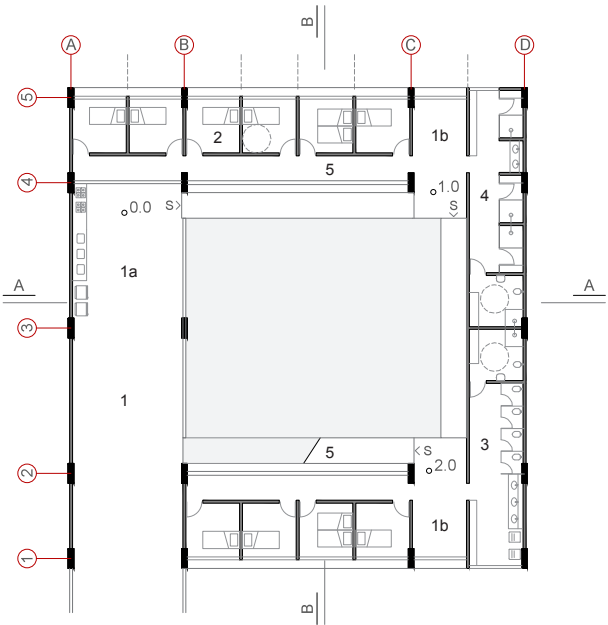
ARUMBANCADA





estudo 5

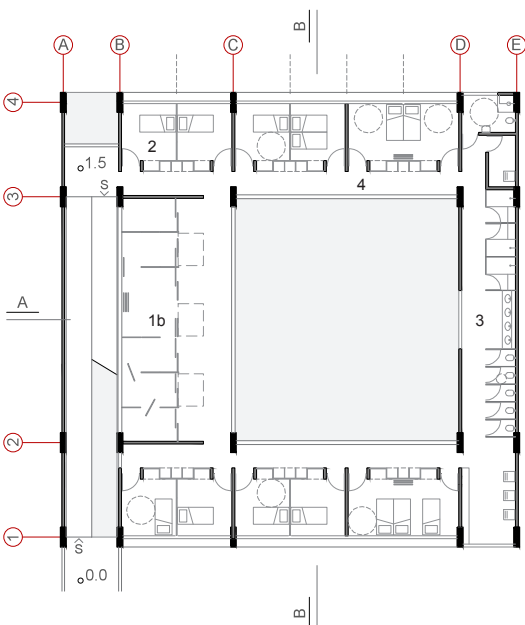
1. convivência (+1a. cozinha coletiva +1b. varandas): 139.5m²
Áreas: 2. quartos: 90.0m² (Total: 10 quartos)
3. sanitários: 35.6m² / 4. banhos: 35.6m² / 5. circulação: 95.5m²



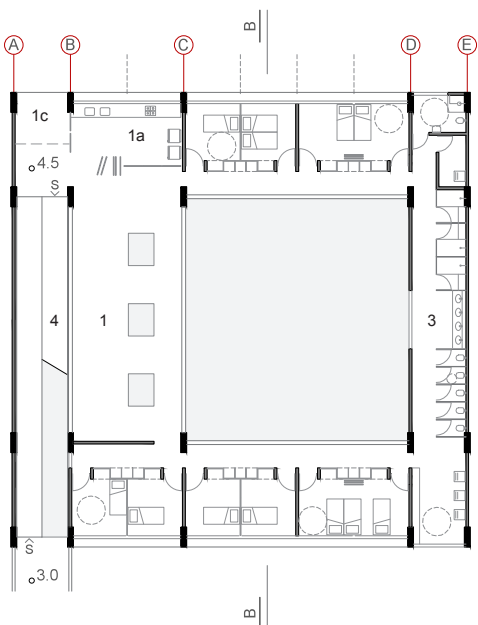
PLANTA PAVIMENTO TIPO / ESTUDO 5
1:400
0 3.0 12.0m

estudo 6: final

1. convivência (+1a. cozinha coletiva +1b. sala íntima / descanso +1c. varandas): 201.3m²
Áreas: 2. quartos: 198.0m² (Total: 22 quartos)
3. sanitários + banhos: 135.4m² / 4. circulação: 155.0m²



PLANTA PAVIMENTO TIPO: INFERIOR /
ESTUDO 6: FINAL
1:400



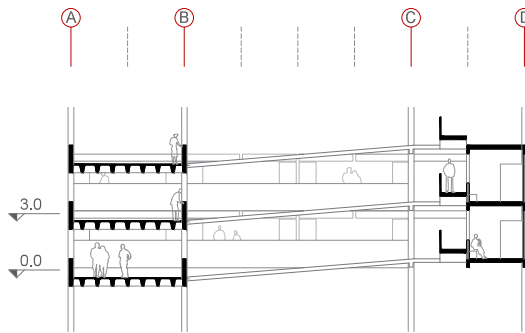
PLANTA PAVIMENTO TIPO: SUPERIOR /
ESTUDO 6: FINAL
1:400
0 3.0 12.0m

No estudo 5 foi experimentada a solução de dividir a rampa em 3 lances, mantendo a ideia de distribuir o programa dos sanitários e chuveiros nos patamares. Esta solução na qual a rampa fica paralela à fachada não se mostrou muito prática na implantação, uma vez que não permite uma flexibilidade de redimensionamento e adaptação do núcleo em lotes com larguras de frente diferentes.

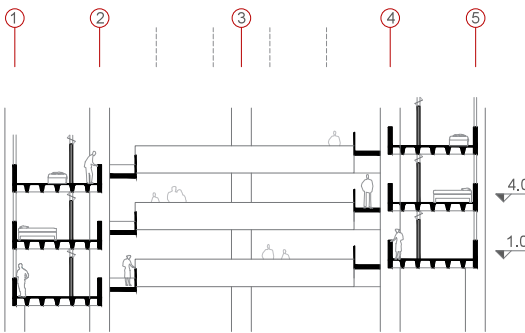
Dos estudos 1 a 5, os eixos dos quartos possuem 3x3 metros, enquanto na solução final essa dimensão passou a ser 3x3,40 metros. Tal mudança deveu-se ao fato de que com as dimensões anteriores o layout interno do quarto não era tão flexível, uma vez que para transformá-lo em quarto duplo, adicionando uma cama, assim como quando esta era reposicionada tomando o dormitório acessível, o armário não cabia simultaneamente à tais situações.

Dessa forma, o núcleo descrito no começo do capítulo foi o que melhor espacializou os programas em estudo. Possui dimensões totais de 24x24 metros, podendo ser redimensionado para adaptar-se ao lote na implantação, e além disso, possui melhores proporções entre número de quartos e as demais áreas de programas compartilhados (Convivência: 201.3m² ; Circulação: 155m² ; Banhos + Sanitário: 135.4m²; Total de quartos: 22).

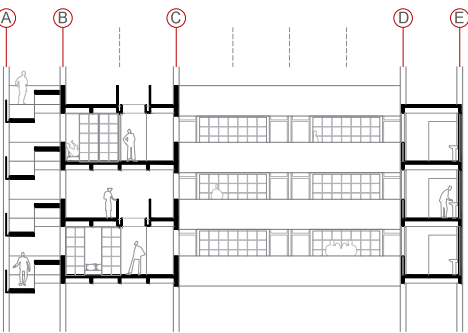
A relação de meio nível proporcionada pelos patamares da rampa espacializam-se aqui somente entre o bloco anexo de circulação de elevadores e o núcleo em si, o que garante uma maior permeabilidade no pavimento do núcleo, não sendo este dividido em vários meios níveis internamente, como em casos anteriores.



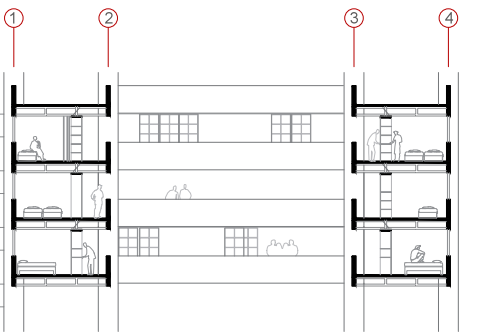
CORTE A / ESTUDO 5
1:400



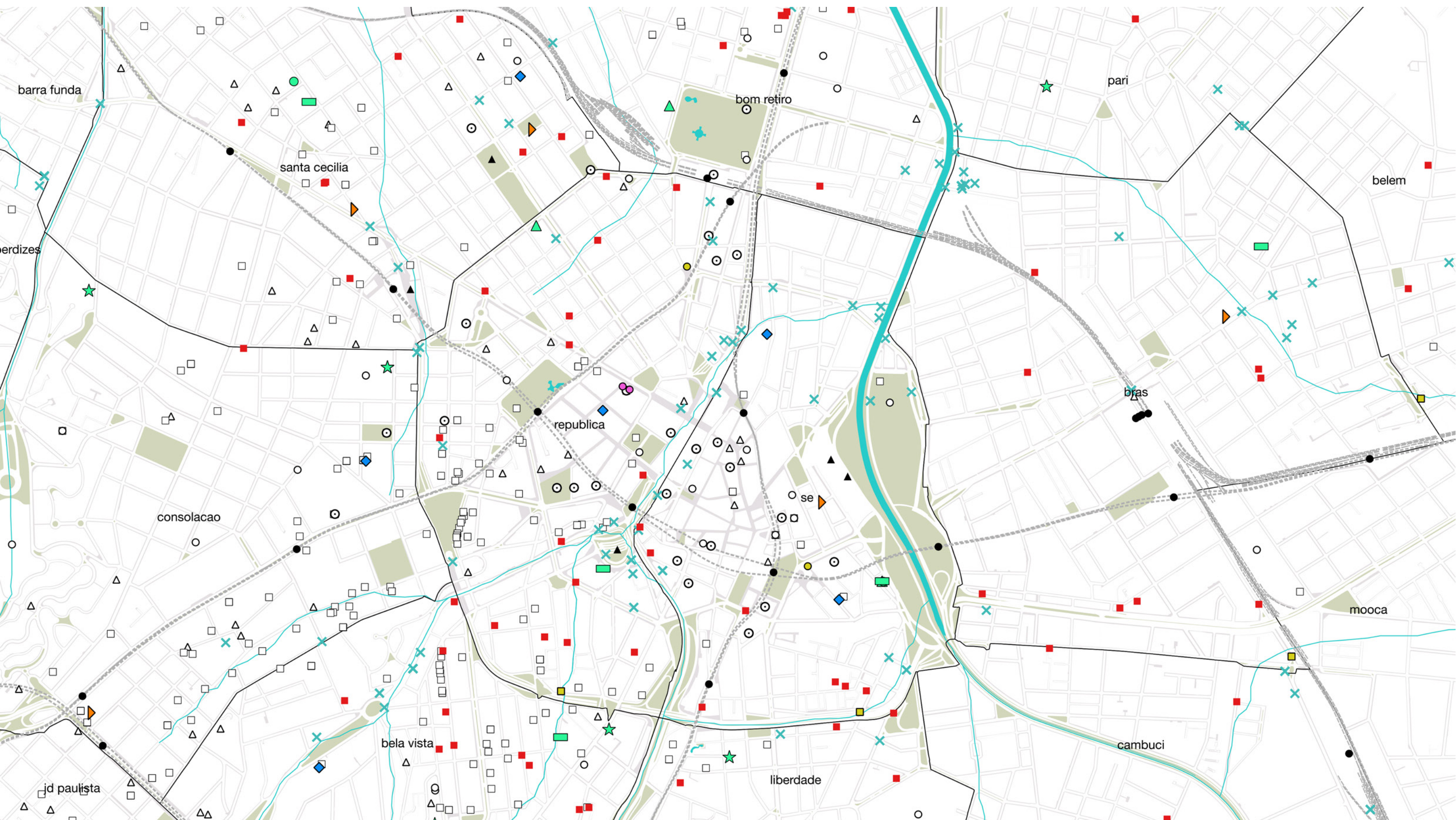
CORTE B / ESTUDO 5
1:400



CORTE A / ESTUDO 6: FINAL
1:400



CORTE B / ESTUDO 6: FINAL
1:400



capítulo quatro

a escolha do lugar

A idealização deste projeto não partiu de nenhum sítio específico, mas do questionamento sobre a possibilidade de se ter na cidade equipamentos públicos que ofereçam espaços, que não só complementam a rotina cotidiana de seus habitantes, mas os proporcionam um local de refúgio e pausa da mesma. Portanto, a escolha do lugar foi pautada por questões que reforcem a necessidade deste ‘equipamento casa’.

A princípio, pretendia-se escolher e detalhar mais de uma localidade em São Paulo, no entanto, para fins de desenvolvimento deste trabalho, optou-se por detalhar apenas uma implantação, e indicar possíveis outras.

Centralidades

Por serem polos de atração e movimentação de grandes fluxos de pessoas, a proximidade à estações de metrô, trem e terminais de ônibus foi um dos pontos considerados necessários à escolha do local. Essas centralidades além de envolverem diferentes perfis de pessoas que por ali circulam, respondem ao movimento pendular cotidiano (casa - trabalho / trabalho - casa) e são pontos de apoio e de necessidade à realização rotineira. A maioria das estações tanto de trem como metrô já oferecem sanitários públicos a seus usuários, assim como bicicletários e alguns outros programas de apoio. Mas somente os grandes terminais rodoviários, como por exemplo o Barra Funda ou o Tietê, oferecem serviços de vestiários e armários, por receberem linhas de ônibus que viajam a mais longas distâncias.

Estes programas são, no entanto, também necessários próximos às outras centralidades, não tão afastadas da área central da cidade, que atendem não só os viajantes de maiores distâncias, mas principalmente os que realizam tais viagens pendulares - que também em vários casos envolvem longos deslocamentos.

Característica do entorno

A implantação deste projeto em áreas com características mais residenciais não se justifica tanto quanto a sua implantação em locais de caráter mais comercial e com maiores concentrações de serviço. Uma vez que se propõe aqui uma alternativa à casa - que para muitos está nas periferias da cidade, ou em demais cidades vizinhas, e para outros esta é inexistente - a sua localização próxima aos lugares de trabalho se faz necessária, como uma flexibilização do movimento pendular.

Rede de equipamentos

Pensou-se este projeto como integrante e complementar à rede de equipamentos de São Paulo. Dessa forma, foram levantados os equipamentos públicos, assim como alguns equipamentos privados, por exemplo alguns teatros e cinemas, por serem também locais que, em alguns casos, contribuem para a provisão de espaços de convivência, sanitários abertos ao público no geral, entre outros.

Dentre os equipamentos de saúde, levantou-se as UBSs, Hospitais e os CAPS, uma vez que a Casa Pública aqui pensada poderia ser complementar e um local de apoio, por exemplo, a alguém que esteja fazendo um tratamento em algum desses equipamentos.

Dos equipamentos de cultura, estão marcados os museus, teatros, cinemas, centros culturais, casas de cultura, bibliotecas, FABLABs e SESCs. Como mencionado, muitos destes equipamentos já são espaços de convivência, descanso, além de lazer, e são também importantes polos de atração dos mais variados públicos, e muitas vezes possuem o acesso aos seus espaços de forma livre. Por exemplo, a Companhia Mungunzá, instalada no teatro de Contêineres próximo à estação da Luz, e que apesar de ser uma iniciativa privada, possui a maioria de seus espaços públicos, assim como seus sanitários, os quais, além de não terem divisão de gêneros são de acesso livre.

Foram também levantados: Poupa Tempo, Ecoponto, Bom Prato, e os equipamentos da rede SMADS, de assistência Social. Principalmente os últimos três citados atraem um grande número da população em situação de rua e são muito importantes por fornecerem serviços básicos que incluem e garantem o acesso dessa população à cidade. Os equipamentos da rede de assistência social são todos aqueles listados no capítulo 3.

Vazios / Terrenos subutilizados / Terrenos Públicos

A busca pelo local de projeto também foi condicionada pela escolha de lotes e terrenos que não estão cumprindo sua função social¹. Dessa forma, buscou-se por vazios, estacionamentos em lotes vagos, dando-se prioridade aos terrenos que já são públicos.

Locais com risco de alagamento

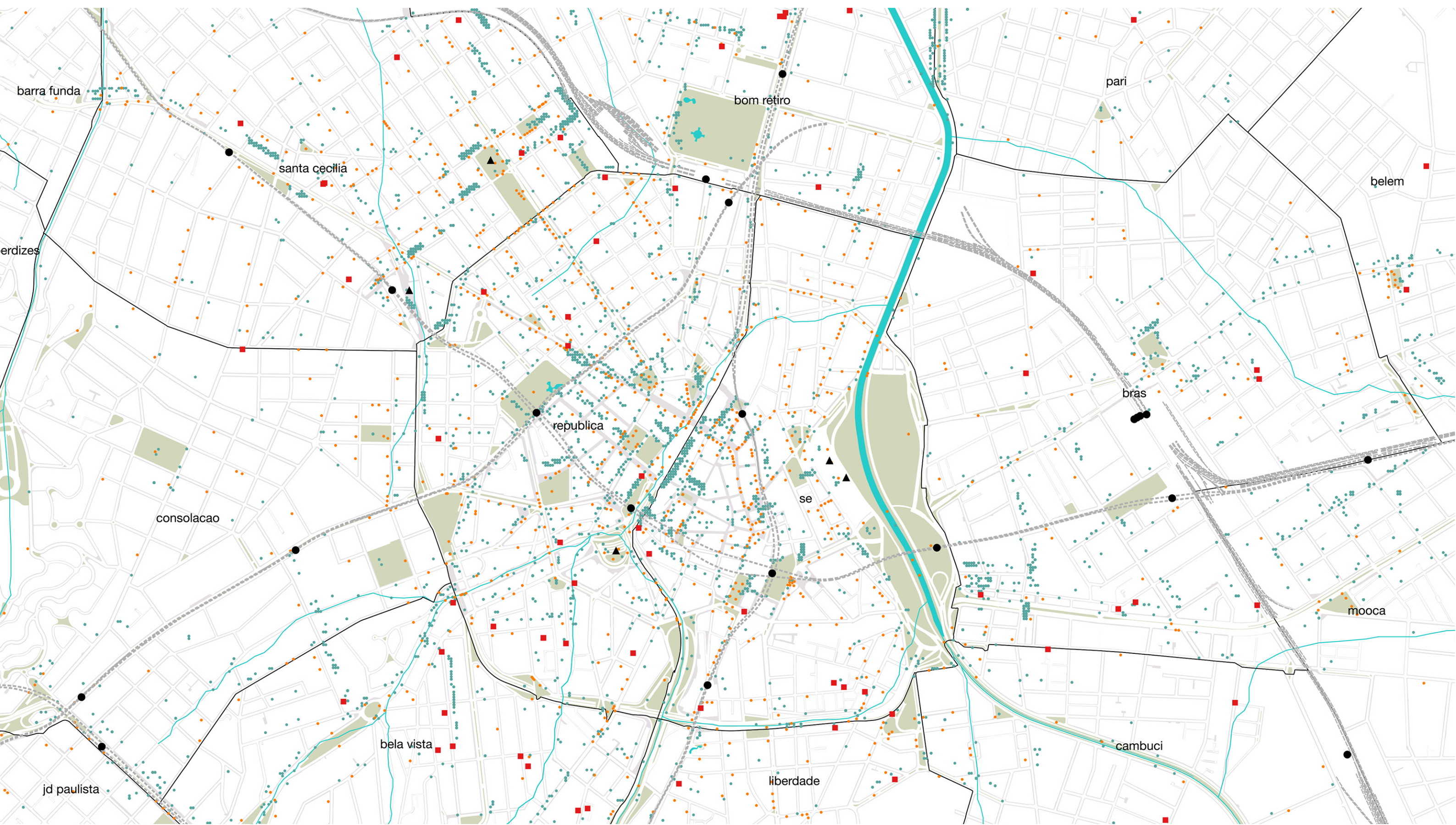
Por estar trabalhando aqui com um projeto em que a água é muito presente, pretende-se trazer este elemento não só nas questões programáticas do equipamento - ligadas aos programas de vestiários, sanitários, piscinas, etc - mas também para uma escala mais urbana de implantação do projeto. Aqui a água poderia ser trazida para dentro do projeto com uma solução de microdrenagem integrada à rede de galerias pluviais da cidade, na qual após o tratamento dessas águas, estas poderiam estar presentes em desenhos de espaços alagáveis, como espelhos d’água e outros elementos paisagísticos, de forma a estudar possibilidades destes serem alternativas aos chamados “Piscinões” ou Reservatórios.

Dessa forma, outro ponto que guiou a busca pelo lugar foi a existência de riscos de alagamentos - também pontuados no mapa ao lado - assim como a proximidade a córregos.



EPSG:29193, SAD69 / UTMzone 23S
 fonte dos dados:
<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/mapas/index.php?p=2012

1. Conforme definições de cumprimento da função social do imóvel ou terreno presentes no Capítulo III da Lei 16.050/2014 - Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo.



2. Relatório completo da Pesquisa Censitária da População em Situação de Rua, 2015, disponível no site da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de São Paulo. Os Censos anteriores realizados pela FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - datam de 2011, 2009 e 2000.

3. No Relatório do Censo de 2015, o termo "Pessoas em situação de rua" é definido como o conjunto de pessoas que por contingência temporária, ou de forma permanente, pernôta nos logradouros da cidade. Dentro deste conjunto de pessoas a FIPE diferencia entre "Acolhidos" e "Moradores de rua", aqueles que estavam utilizando algum serviço da rede de acolhida de SMADS, no momento de realização do Censo, e aqueles que encontravam-se nas ruas utilizando os próprios logradouros da cidade como local de dormir, respectivamente. Foram adotadas aqui, as mesmas nomenclaturas.

4. No Censo de 2015 considera-se como Área Central a antiga área da Administração Regional da Sé, que além dos distritos da Prefeitura Regional da Sé, (Sé, República, Santa Cecília, Bela Vista, Consolação, Bom Retiro, Liberdade, Cambuci) inclui os distritos do Brás e Pari.

5. Número de pessoas em situação de rua por Distrito Municipal, 2015. Relatório do Censo da População em Situação de Rua na cidade de São Paulo, 2015 - Tabela 1.12, p. 52 .

6. Distribuição da Rede de Centros de Acolhida por localização e vagas noturnas, 2015. Relatório do Censo da População em Situação de Rua na cidade de São Paulo, 2015, p. 8.

7. Número de acolhidos por Distrito Municipal, 2015. Relatório do Censo da População em Situação de Rua na cidade de São Paulo, 2015. Tabela 1.14, p. 53.

8. Relatório do Censo da População em Situação de Rua na cidade de São Paulo, 2015; pág. 22.

9. Tipo de Ponto, 2015. Relatório do Censo da População em Situação de Rua na cidade de São Paulo, 2015. Tabela 3.1, p. 70.

10. Mapeamento disponível em: <https://www.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br>

11. Título II - Capítulo I - Art. 7º Lei 16.402, 22 de março de 2016. Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, p. 40.

12. Título II - Capítulo II - Art. 9º Lei 16.402, 22 de março de 2016. Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, p. 42.

13. O croqui patrimonial de cada uma dessas quadras - consultado no portal Geosampa da Prefeitura Municipal de São Paulo - mostra que essas grandes áreas subutilizadas são de propriedade do Metrô, e sua morfologia é resultado das desapropriações realizadas nessas quadras para construção deste.

População em situação de rua

Uma vez que estudo aqui uma possibilidade de projeto não estigmatizado, no qual pessoas em situação de rua também sejam contempladas, fez-se necessário estudar a espacialização e concentração destas na cidade. O Censo de 2015² foi utilizado como instrumento para que, portanto, compreendesse - de um modo geral - esta realidade, tendo sempre em vista a efemeridade e complexidade de tal questão. Apesar de ser ampla a rede de equipamentos voltados a essa população, ainda é muito elevado o número de pessoas que utilizam os logradouros públicos da cidade como locais de moradia.

O Censo mostra que a partir de 2006 há uma inversão numérica no número de acolhidos em relação ao número de moradores de rua³, na cidade de São Paulo. O número de acolhidos em São Paulo (8.570 pessoas em 2015), apesar de ter ultrapassado o número de moradores de rua (7.335 pessoas neste mesmo ano), ainda é bastante reduzido quando comparado ao expressivo número da população em situação de rua na cidade como um todo (15.905 pessoas).

Para fins práticos a realização do Censo divide o território da cidade em distritos censitários, mas a análise dos resultados é sempre trazida para as escalas: Regional, Prefeituras Regionais (Subprefeituras) e Distritos Municipais. Parti dessas escalas - em particular as duas últimas - para a elaboração do mapa de levantamentos e no momento de análise e escolha do lugar onde se trabalhar.

Os resultados do Censo mostram que apesar do crescimento desta população ter sido, entre 2009 e 2015, menos acelerada na Área Central⁴ quando comparada com as demais áreas da cidade, continuou sendo maior em números absolutos, concentrando a Prefeitura Regional da Sé, 52% da população em situação de rua. Mais especificamente, dentro desta, são os distritos que apresentam maiores números dessa população, respectivamente: Sé (1311 pessoas), Santa Cecília (1019 pessoas) e República (718 pessoas)⁵. Apesar de concentrar os maiores números da população em situação de rua, e de concentrar mais serviços de Centros de Acolhida (27 dos 72 Centros distribuídos na cidade⁶, a Prefeitura Regional da Sé não é a que possui os maiores números de pessoas acolhidas⁷.

Outro resultado obtido a partir do Censo de 2015 e que contribui na análise aqui realizada é a interpretação dos pontos em que foram encontrados os mora-

dores de rua no momento da realização do trabalho de campo da FIPE.

Esses pontos variam de 1 a 288 moradores de rua por ponto. Como não é possível interpretar cada um, as análises trazidas no Relatório indicam que a grande maioria deles (60%) correspondem somente a 1 morador e apenas 7 pontos possui entre 51 a 228 moradores de rua.

Em relação a distribuição dos pontos na cidade, apesar de 54% aparecerem fora da Área Central, os pontos com maior número de morador de rua (a partir de 4 moradores em cada) se concentram dentro desta. Mais uma vez, os distritos Sé, República e Santa Cecília são os que se destacam. Apesar de em números absolutos os moradores de rua estarem mais presentes na Santa Cecília do que na República, a República possui maior quantidade de pontos, o que significa que lá estes estão mais espalhados. Isto talvez se justifica pela presença da "Cracolândia" dentro na Santa Cecília, que em 2015 estava mais concentrada.

Por fim, a análise dos locais onde tais pontos se inserem, levou à identificação de características predominantes nos locais de maiores concentrações de moradores de rua. A descrição trazida pelo Censo afirma que "é conhecido o fato de que a população em situação de rua tende a se concentrar em áreas de intensa circulação de pessoas durante o dia e que se esvaziam à noite. Em geral são grandes centros de atividades comerciais e de serviços que dispõem de variedade maior de recursos passíveis de serem utilizados pelos moradores de rua, para atender suas necessidades de sobrevivência e segurança."⁸

Há predominância de entorno comercial (57%) e de uso misto (28%), nos locais de concentração de moradores de rua. Além disso, pelo documento⁹, percebe-se que é expressivo este número em calçadas, áreas externas de imóveis (sob marquises, por exemplo), praças e embaixo de viadutos. Apesar de menos expressivo próximo à centralidades como terminais de ônibus e estações de trem e metrô, esses locais também são recorrentes. Outros locais também considerados no Relatório como recorrentes, são as proximidades a equipamentos, os quais cumprem papéis de polos de atração pela oferta de serviços.

Após leitura das descrições trazidas no Censo sobre os locais com maior incidência dessa população, nota-se questões comuns às enumeradas anteriormente para a escolha do local de implantação do projeto.

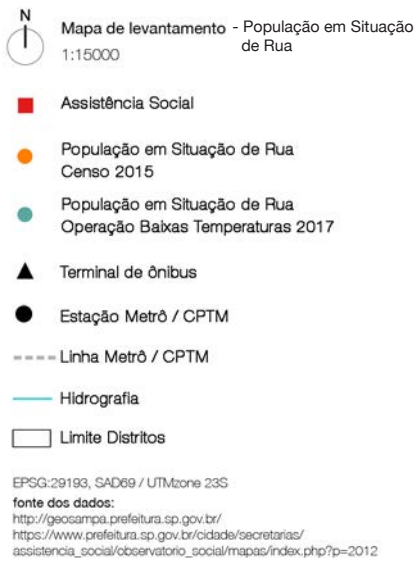
Tendo em vista estes aspectos, optou-se por buscar na área central da cidade, mais especificamente nos distritos Santa Cecília e República, os possíveis locais de implantação. Foram 3 os lugares que chamaram a atenção: uma quadra próxima à Ladeira da Memória, uma na Luz e outra na Santa Cecília.

Nos três locais, as questões pontuadas acima foram identificadas, sendo possível perceber aspectos comuns entre eles. Todos são próximos à áreas com predominância comercial e uso misto. Aquela na Santa Cecília localiza-se dentro do perímetro da Zona de Eixo de Estruturação e Transformação Metropolitana (ZEM) - segundo mapa de zoneamento da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo¹⁰- ou seja, enquadra-se como uma área onde é estimulado pela Lei¹¹ a promoção do adensamento construtivo, populacional, diversificação das atividades, com ênfase na promoção de serviços públicos e atividades econômicas, de forma a adequar o uso do solo à oferta de transporte público coletivo existente.

Os locais pontuados na Luz e na Ladeira da Memória, estão dentro da Zona de Centralidade (ZC), ou seja, integram a porção do território destinada à qualificação urbana, de forma a garantir a manutenção das atividades comerciais e de serviços existentes, fomento às atividades produtivas, também aproveitando a grande oferta de transporte público existente¹².

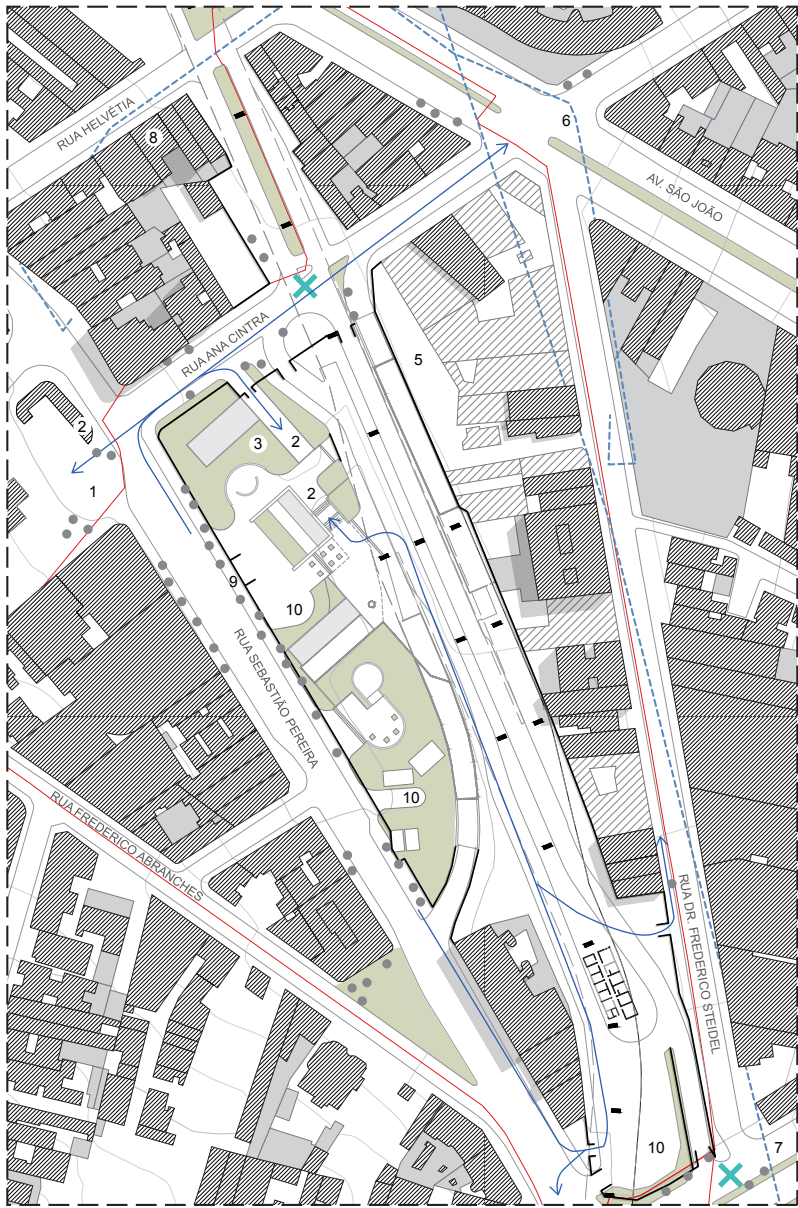
Demais características em comum desses lugares são: a proximidade com estação de metrô (Ladeira da Memória - Estação Anhangabaú, Luz - Estação da Luz, Santa Cecília - Estação Santa Cecília); grande concentração de pessoas em situação de rua em seus entornos; existência de pontos com riscos de alagamento nas próprias quadras; proximidade a córregos (Ladeira da Memória - Córrego Anhangabaú, Luz - Córrego da Luz, Santa Cecília - Córrego Anhanguera) e grande presença de vazios e lotes públicos subutilizados¹³.

Nos três locais foram observados lugares de estar e permanência - como a própria Ladeira da Memória, a Praça do Metrô da Estação Luz e a Praça do Metrô da Estação Santa Cecília - que encontram-se bastante esvaziados, de forma que cumprem papéis muito mais de caráter de passagem e trânsito de pessoas ligado aos fluxos gerados pelas estações de metrô, sendo esta característica de permanência ligada à população em situação de rua que utiliza esses espaços como locais para dormir e passar o dia.

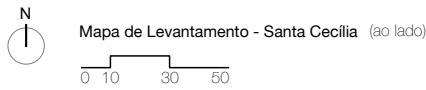




Santa Cecília



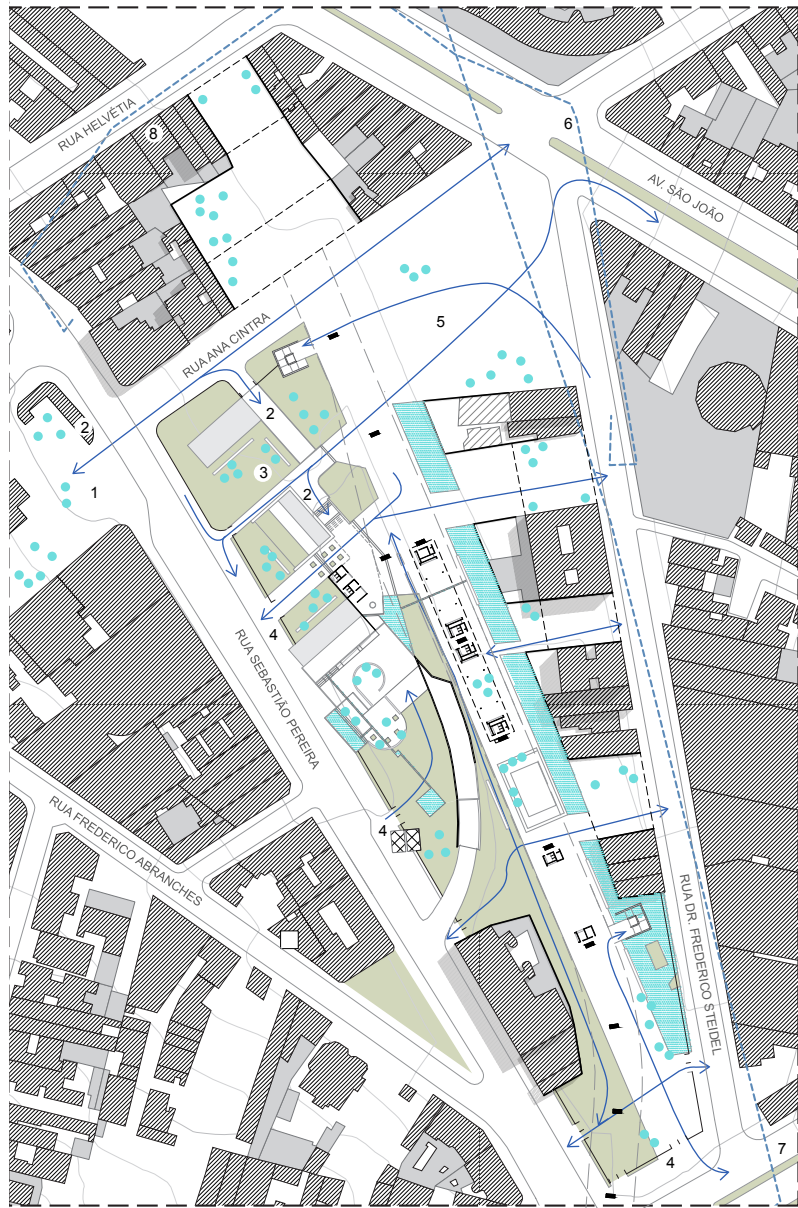
Planta Esquemática - Santa Cecília: Leitura do lugar



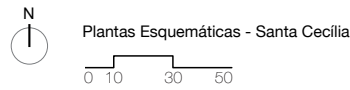
- Hotel / Hospedaria
- Biblioteca
- Teatro / Show / Cinema
- Espaço Cultural
- Pessoa em situação de rua Operação Baixas Temperaturas 2017
- Pessoa em situação de rua Censo 2015
- Risco - Ponto de Alagamento

- A. Centro de Acolhida Especial para Idosos (Morada São João). Capacidade: 210
- B. Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). Capacidade: 240
- Ciclovia
- Hidrografia
- Linha Metrô

- Igreja Santa Cecília
- Estação Santa Cecília Metrô
- Praça do Metrô - Fechada e Subutilizada
- Terminal de Ônibus Amaral Gurgel
- Córrego Anhanguera



Planta Esquemática - Santa Cecília: Possibilidades e intenções



- Fluxo pessoas*
- Risco - Ponto de Alagamento
- Pessoa em Situação de rua**
- Permanência
- Galpões em lotes subutilizados / estacionamentos
- Projeção Projeto Casa Pública Urbana

- * Baseado em observação própria do lugar
** Baseado em Mapa de Levantamento e em visitas ao lugar

- Largo Sta. Cecília
- Acesso Estação de Metrô Sta. Cecília
- Praça do Metrô (Atualmente fechada e subutilizada)
- Aberturas Praça
- Área prevista para Reservatório - SIURB
- Galeria Águas Pluviais Anhanguera
- Largo do Arouche
- Hotel
- Acessos Praça fechados
- Terreno público (Metrô) subutilizado - estacionamento de veículos

EPSG: 29193, SAD69, UTMzone 23S
fonte dos dados:
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/mapas/
<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>
Projeto GAP Anhanguera- Arquivo de SIURB - PMSP

A quadra entre as ruas Frederico Steidel, Ana Cintra, Sebastião Pereira e o Largo do Arouche, e aquela entre as ruas Ana Cintra, Helvétia, Sebastião Pereira e Avenida São João, as quais são hoje divididas devido à presença do Elevado João Goulart, possuem inúmeras questões que justificam uma possível implantação do projeto.

A aproximação a este lugar se deu a partir dos trabalhos desenvolvidos durante os meses de estágio junto à SP Urbanismo, ao longo dos quais desenvolveu-se em conjunto com a equipe da Superintendência de Planejamento da Paisagem Urbana¹⁴ um projeto e estudo para o Parque Minhocão¹⁵.

Apesar do objeto de estudo no projeto lá - Parque Minhocão - ser diferente deste - Equipamento Público - muitas das questões trabalhadas e as metodologias de abordagem do problema e de compreensão do lugar contribuíram para aquela aqui desenvolvida, e aplicadas para o estudo das demais áreas.

As soluções de projeto na Planta Esquemática ao lado foram desenvolvidas junto à equipe¹⁶ e pouco modificadas para um estudo da possível implantação do equipamento aqui desenvolvido. Imaginou-se esta edificação (núcleo apresentado no capítulo anterior) implantada nos lotes demarcados como subutilizados pela presença de galpões vazios e usos como estacionamentos nesta quadra, demarcada como Zona Especial de Interesse Social - ZEIS 3, segundo

mapa de zoneamento da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo¹⁶. Além de não cumprirem suas funções sociais da propriedade, esses lotes murados, assim como a presença do Elevado, do Terminal de Ônibus Amaral Gurgel¹⁷ e a Praça Pública do Metrô Santa Cecília¹⁸ gradeada, são obstáculos que impedem uma apropriação urbana mais permeável.

O maior fluxo de pessoas no local está ligado à presença do Metrô Santa Cecília sendo que os acessos para a estação mais utilizados são aqueles no Largo Santa Cecília e a rampa localizada dentro da quadra em estudo, acessada a partir da Rua Ana Cintra.

Não podendo acessar os espaços arborizados e de estar da Praça do Metrô¹⁹, a população em situação de rua - ali muito presente - concentra-se junto desta, ao longo das calçadas da rua Sebastião Pereira, com camas, colchões, abrigo para seus cachorros, dentre outros objetos que configuram ali seus espaços de permanência. A simples abertura da Praça, no entanto, não resolve a enorme demanda por um abrigo que disponibilize espaços dignos de banho, dormitórios, canil, estacionamento para suas carroças, etc.

A respeito da presença da água, soluções com espelhos d'água e tratamento desta integrando-a ao paisagismo e à programas lúdicos para crianças foram estudadas no projeto para o Parque Minhocão. Isto se associa à presença de pontos com recorrentes alagamentos nas proximidades desta quadra.

14. Superintendência sob a coordenação geral da Arquiteta Regina Monteiro, e equipe técnica que desenvolveu o projeto: Arquiteto José Osvaldo Vilela e Arquiteto André Takiya.

15. Ver projeto completo - "Projeto Parque Municipal Minhocão - Portaria Conjunta Nº 006/2018/ SVMA / SMUL / SMPRT" - em Arquivo da SP Urbanismo - PMSP.

16. Mapeamento disponível em: <https://www.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br>

17. Após os estudos realizados junto à equi-

pe concluiu-se que este Terminal poderia ser desativado por movimentar poucas linhas, e suas paradas de ônibus realocadas em pontos de ônibus no entorno da quadra, liberando seu miolo.

18. Projeto para a Praça do Metrô Santa Cecília, disponível em Arquivo da SP Urbanismo - PMSP.

19. Somando-se as áreas da Praça do Metrô com aquela ocupada pelo Terminal Amaral Gurgel são aproximadamente 22.000 m² de terrenos públicos, hoje subutilizados.



Luz



Planta Esquemática - Luz: **Leitura do lugar**



Planta Esquemática - Luz: **Possibilidades e intenções**

A quadra em frente à Estação da Luz, entre as ruas Washington Luís, Brigadeiro Tobias, Mauá e Avenida Cásper Libero, concentra um grande número de vazios e galpões subutilizados. Além disso, o seu entorno, apesar de passar por períodos do dia em que o local é um bastante ermo, passa por intensos fluxos de pessoas devido à proximidade com a estação da Luz, coincidindo tais momentos com os horários de pico do metrô.

Notou-se uma grande presença de hotéis e pensões na região, também devido à proximidade com a estação da Luz, e ao histórico do lugar, o qual abrigava inúmeras hospedarias destinadas aos imigrantes no final do século XIX²⁰. Algumas dessas pensões, por oferecerem hospedaria a um preço relativamente baixo, atende a algumas das pessoas em situação de rua encontradas ali, que frequentam esses lugares para, por exemplo tomar um banho.

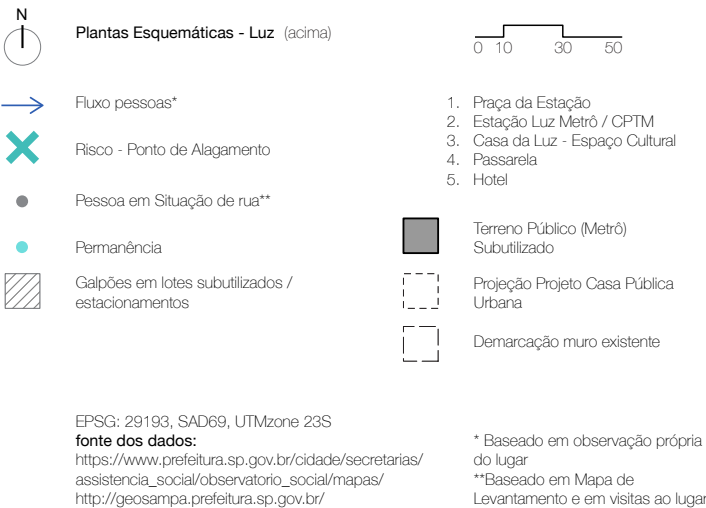
Outro local que atende também essa demanda de programas direcionados à pessoas em situação de rua que possuem dependência química é a Unidade de Atendimento Diário Emergencial, do Programa Redenção (ATENDE)²¹, a algumas quadras dali (identificada como "A" em mapeamento na página ao lado). Esta Unidade é composta por contêineres nos quais

estão distribuídos os programas de: acolhida temporária, banho, banheiro, bagageiro, administrativo, e uma tenda de convivência. Além da grande concentração dessa população e dos vários terrenos subutilizados, chamou a atenção a presença dos dois pontos de risco de alagamento presentes próximos à quadra estudada.

Ao longo do desenvolvimento do projeto para o núcleo descrito no capítulo anterior, uma série de estudos de implantações - principalmente do núcleo do estudo 3 - foram ali experimentadas.

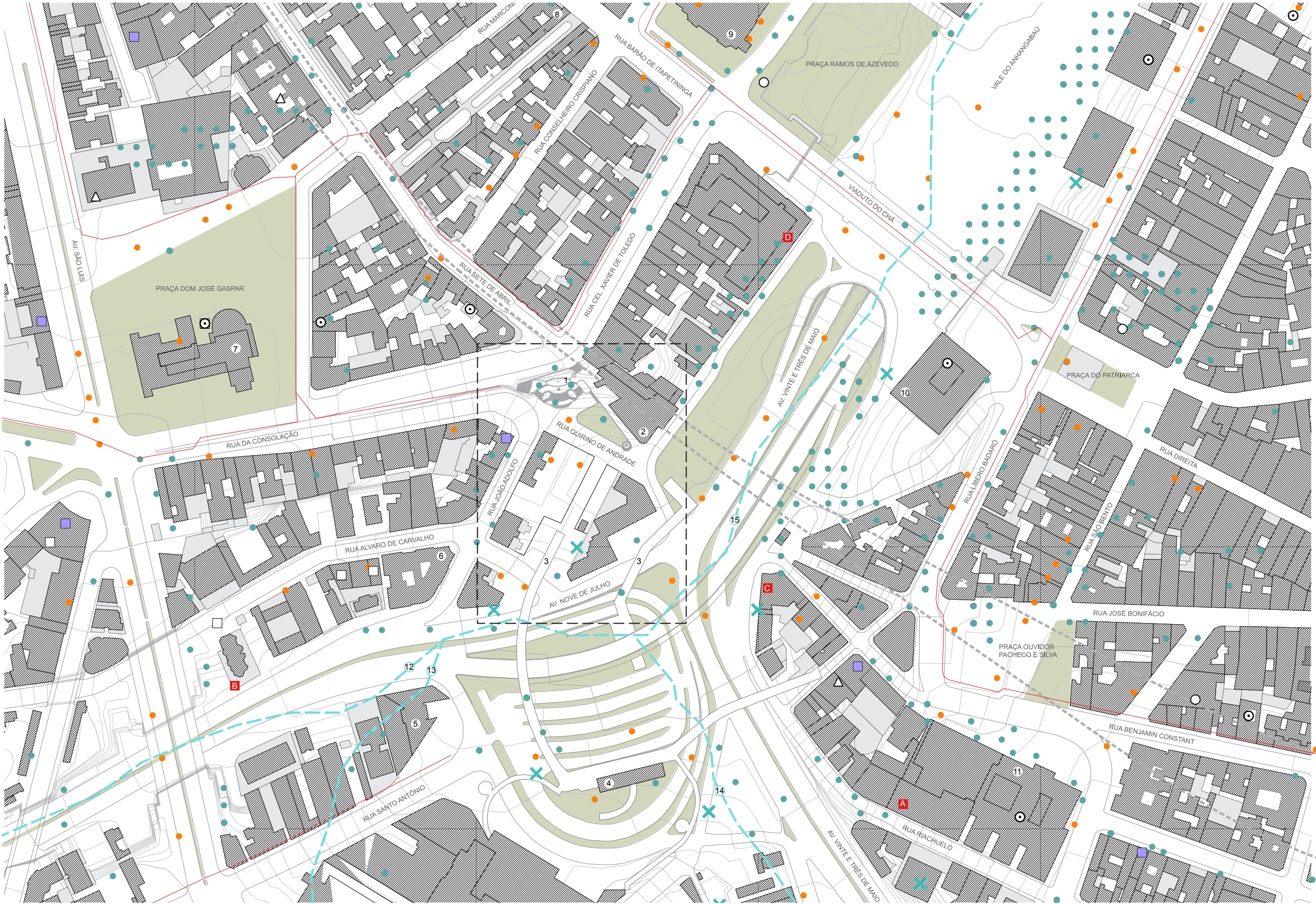
Do estudo da morfologia da quadra e da presença de vazios na mesma estudou-se a possibilidade de implantar o edifício núcleo em 2 lotes vazios voltados para a Rua Brigadeiro Tobias e em 1 lote voltado - ocupados por um estacionamento - para a Avenida Cásper Libero, permitindo uma conexão intraquadra permeável e locais de permanência, conforme Planta Esquemática ao lado.

Assim como na situação anterior, o lote público de propriedade do Metrô encontra-se murado e subutilizado, atualmente utilizado somente para estacionamento de veículos da Polícia Civil.



20. Fonte: <http://museudaimigracao.org.br/hospedaria-de-imigrantes-de-sao-paulo-tudo-comecou-ha-130-anos/>

21. Fonte: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/assistencia_social/index.php?p=248253



Ladeira da Memória
e aproximação ao lugar de projeto

de seus moradores. Quando questionado sobre os Centros de Acolhida e principalmente o CTA muito próximo dali (identificado como “C” no mapa), este respondeu que pela dificuldade de acesso a esse centro - uma vez que precisaria antes ir no CREAS ou CENTRO POP - preferia utilizar os espaços mais livres e flexíveis da cidade.

A respeito da água neste local, por ser próximo ao encontro dos córregos Saracura, Bexiga e Itooró, possui diversos pontos com risco e incidência de alagamento, principalmente ao longo da Avenida Nove de Julho, mas também dentro da própria quadra em estudo. Em visitas ao lugar pude perceber que mesmo em dias sem chuvas, é presente um curso d’água que escoar ao longo da declividade da calçada da rua Quirino de Andrade, e que acompanha a descida da topografia da Ladeira. Parte desta água escoar para dentro das grelhas existentes no piso, parte adentra por entre os muros da quadra em questão. Em dias de chuva, notou-se que tais grelhas transbordam e são insuficientes para escoar toda a água que desce por ali.

Além disso, o elemento água é atualmente presente sob a forma de um espelho d’água na fonte da Ladeira da Memória, próxima ao Obelisco. E, apesar de não ser mais um ponto d’água, o vaso envolto em um espaço de estar circular (Número 3, nas Plantas ao lado) faz referência ao antigo chafariz localizado na parte baixa da ladeira, que abastecia as tropas comerciais e carros de bois que por ali passavam, seguindo o curso do Vale do Anhangabaú no final do século XVIII e início do século XIX²³.

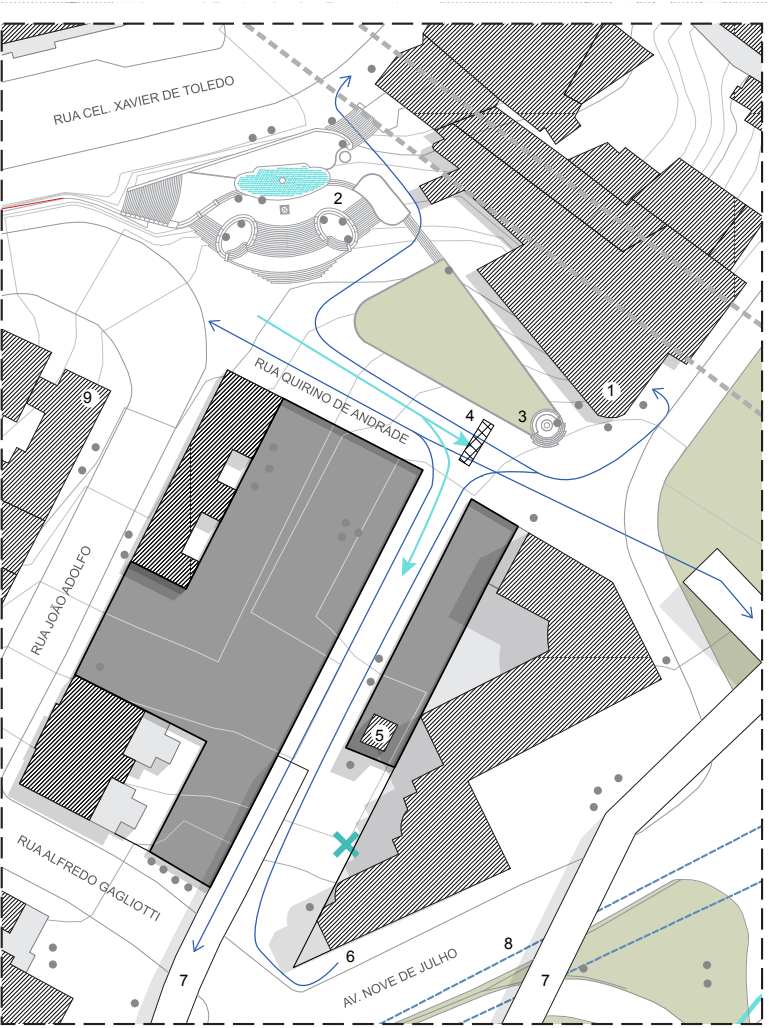
Muito presente neste local, inclusive aparecendo como um problema iminente, a água foi trazida para as questões de projeto como um elemento de lazer, paisagístico, de forma a promover espaços de permanência como uma continuidade da Ladeira, e foram estudadas formas de tratamento e utilização desta como pequenas soluções de microdrenagens ligadas à Galeria de Águas Pluviais Anhangabaú.

O local escolhido para se desenvolver o estudo de implantação deste projeto foi uma quadra em frente a Ladeira da Memória. Entre as ruas Quirino de Andrade, João Adolfo, Alfredo Gagliotti e Avenida Nove de Julho. Essa quadra possui um grande vazio que compreende 3 de suas frentes. Assim como nos dois casos anteriores, esse lote é de propriedade do Metrô e sua morfologia, resultado das obras de construção e desapropriação deste. Encontra-se murado e subutilizado.

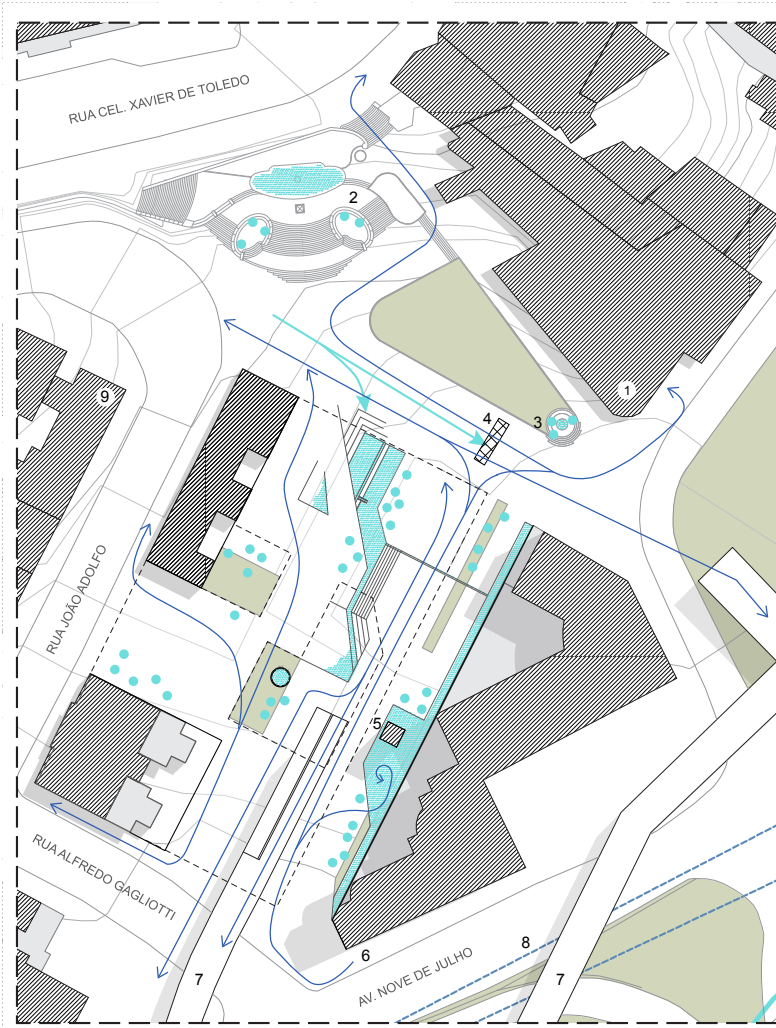
É um local de fluxo de pessoas bastante intenso, que passam por dentro desta quadra - principalmente devido à chegada da Passarela do Piques do Terminal Bandeira - compondo os fluxos entre o Triângulo Histórico e o Centro Expandido, entre o Terminal e a Estação de Metrô Anhangabaú, e quem vem da Avenida Nove de Julho. Essas conexões e passagens ficam, no entanto, limitados aos resquícios da quadra, entre muros.

A Ladeira da Memória, cumpre muito mais um papel de local de passagem do que de permanência e de praça, como previa as intenções do projeto original²². Os seus espaços de permanência configurados pelos bancos curvos são locais de permanência temporária de pessoas em situação de rua, que utilizam esses locais mais resguardados como abrigos. Também foram encontradas pessoas dormindo na própria quadra em estudo - tanto dentro do lote murado, como nos locais de passagem e fluxo intenso de pessoas.

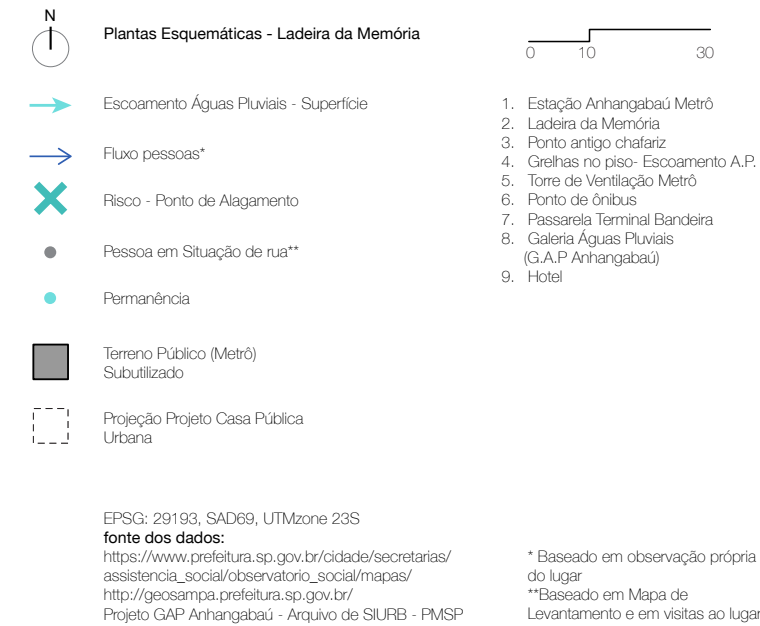
Em conversa com uma pessoa que utilizava os espaços da ladeira como local de abrigo em uma das visitas realizadas, esta afirmou que escolhia esse local para passar os seus dias e noites devido à proximidade com o Núcleo de Convivência para pessoas em Situação de Rua - Chá do Padre (identificado como “A” no mapeamento ao lado) onde são servidas refeições e por ser próximo à Ocupação Hotel Cambridge (número 5 no mapa), local onde este pode tomar banho e utilizar os banheiros, por conhecer alguns



Planta Esquemática - Ladeira da Memória: Leitura do lugar



Planta Esquemática - Ladeira da Memória: Possibilidades e intenções



22. Projeto do começo do Século XX, do arquiteto francês Victor Dubugras. Ver Trabalho Final de Graduação (TFG) “Estratigrafia Urbana e Preservação”, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Realizado em 2018 por Fernanda Bittencourt, sob orientação da Professora Beatriz Mugayar Kühl.

23. Análise da evolução histórica da morfologia urbana da Ladeira da Memória e inclusive da quadra aqui em estudo feita no TFG citado acima.



1



2



3



4



8



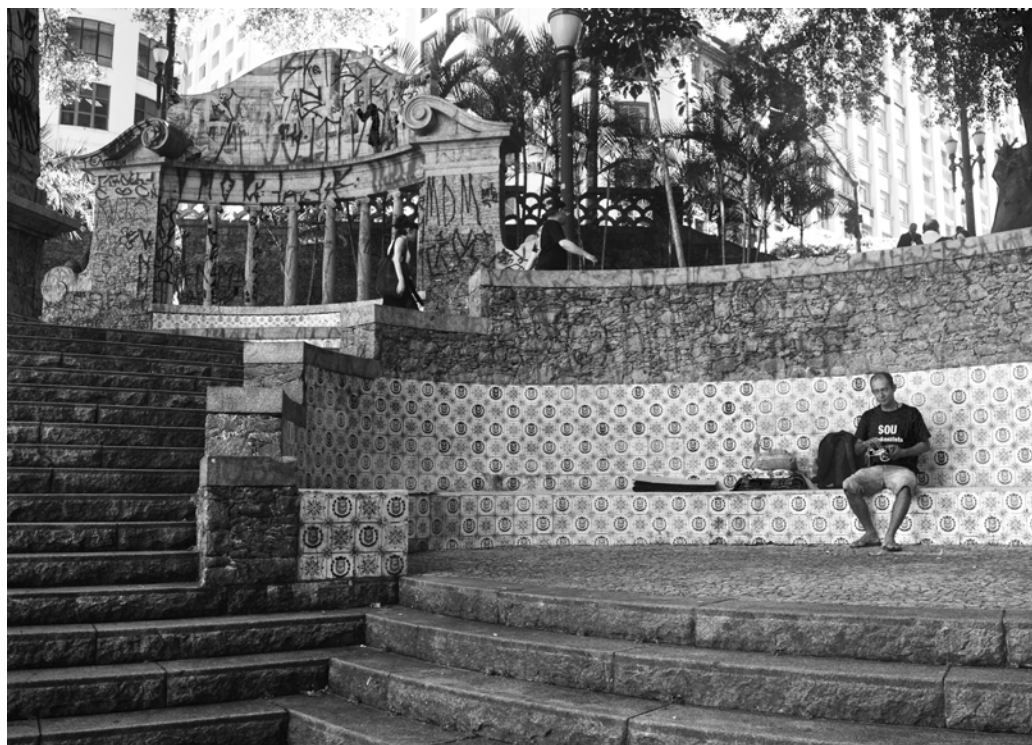
9



10



5



6



7



11



12



13

As fotos estão apresentadas na sequência do percurso realizado durante visitas ao lugar. (Fotos da autora)

1. Vista do alto da Ladeira, na Rua. Cel. Xavier de Toledo para o terreno de projeto.
2. Terreno de projeto.
- 3 e 4. Água escorrendo pela calçada da Rua Quirino de Andrade, e seguindo fluxo para as grelhas no piso, em frente ao terreno de projeto.
5. Ladeira da Memória: Obelisco do Piques, Fonte e espelho d'água e banco.
6. Ladeira da Memória: banco em meio aos degraus.
7. Ulisses, vendedor de balas nos faróis próximos à Ladeira. Utiliza os espaços mais resguardados da Ladeira como local de moradia.
- 8 e 9. Ladeira da Memória: banco utilizado como local para dormir por pessoas em situação de rua.
- 10, 11 e 12. Pé da Ladeira: ponto do antigo chafariz. Local de permanência e abrigo por pessoas em situação de rua. Mureta de canteiro improvisada como banco.
13. Pé da Ladeira: Saída da Estação Anhangabaú do Metrô voltada para a Rua Formosa.



14



15



16



21



22



23



17



18



19



20



24



25



26

14. Vista da saída da Estação do Metrô para o terreno de projeto.

15. Torre de Ventilação do Metrô.

16 e 17. Lote público subutilizado.

18. Trecho entre muros, dentro da quadra de projeto. Passagem e conexão entre os fluxos: Av. 9 de Julho - Metrô - Terminal Bandeira.

19 e 20. Trecho entre muros utilizado como local de moradia por pessoas em situação de rua.

21. Muro da Torre de Ventilação do Metrô. Fluxo x Permanência.

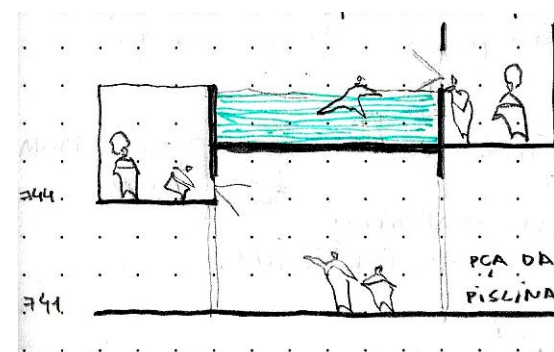
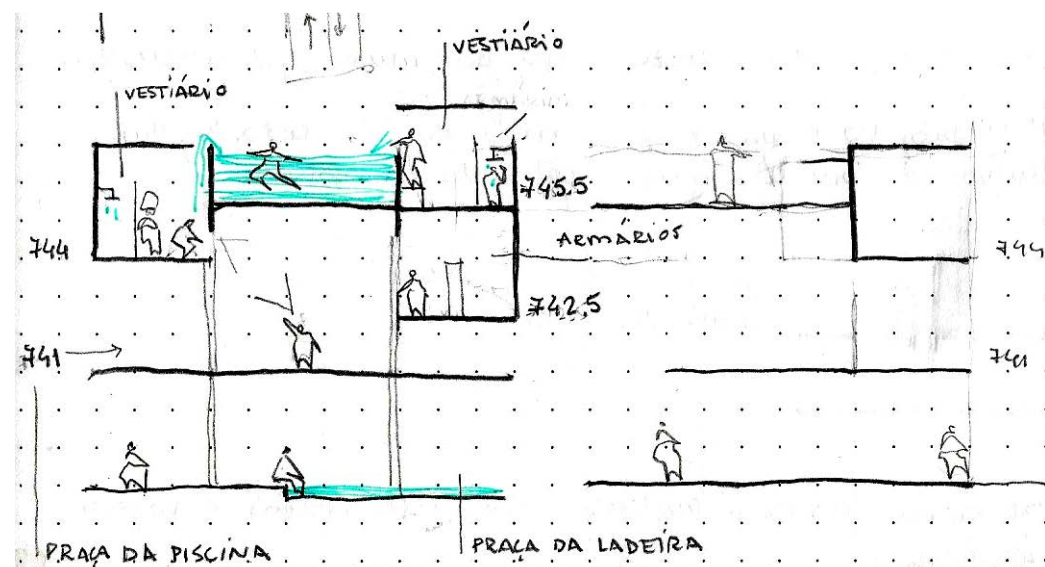
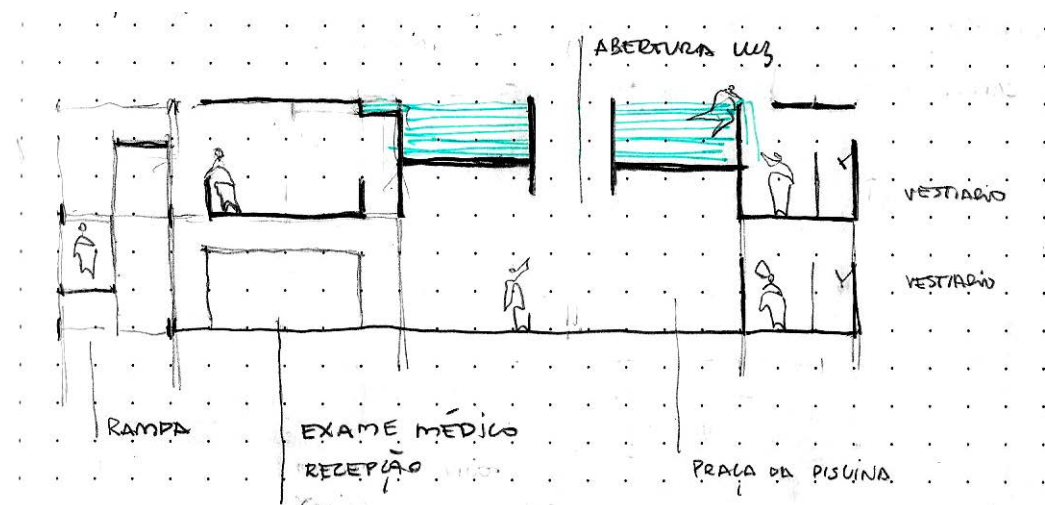
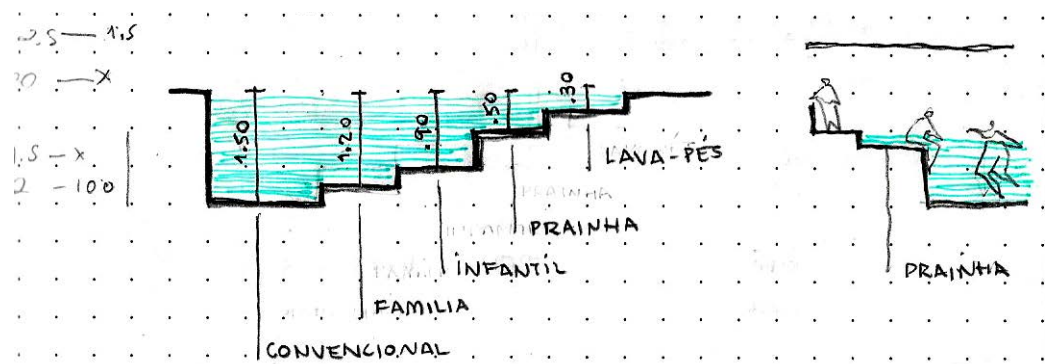
22 a 25. Chegada da Passarela do Piques dentro da quadra em estudo. Rampa fora dos padrões de acessibilidade.

26. Pessoas em situação de rua que utilizam a calçada da Rua Alfredo Gagliotti, sob a Passarela do Piques como local de moradia.

27. Vista dentro do terreno de estudo para chegada da Passarela do Piques.



capítulo cinco projeto



"Um arquiteto é, sobretudo, um construtor de relações; ser arquiteto é tecer redes, de conexões; de vizinhanças; é poder afinar aquilo que cria vínculos entre as pessoas e entre os espaços. Tão grande é esse curso!"

(COUTO, Mía. Trecho da palestra concedida pelo escritor, em evento "Espaços Narrados", realizado na FAUUSP em 2012. Revista Contraste Nº3. São Paulo: USP, FAU, 2014, p.20).

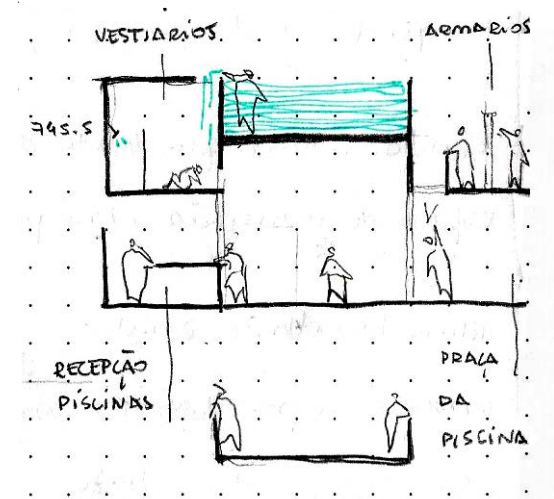
O projeto desenvolvido é resultado da análise aproximada do lugar e do estudo de programas - coletivos em sua essência - realizados e que conduziram ao desenho de 'núcleo tipo' apresentado. Este último - longe de ser um 'edifício carimbo', com uma solução formal acabada - conduziu o processo de implantação do projeto no lugar, adaptando-se e acomodando-se no terreno, por meio da busca de integração do novo ao existente.

Respeitando a escala da quadra, o gabarito e o posicionamento das janelas dos vizinhos, o projeto se insere neste contexto - no qual a principal característica presente é de espaço de passagem e fluxos - garantindo essa condição e demanda atual, mas promovendo aquilo que hoje é ali inexistente: espaços de transição e permanência.

O terreno com topografia inclinada possibilitou mais de um térreo ao projeto, os quais abrem-se para o fluxo já existente de pessoas, garantindo-lhes, também, novas interações espaciais. Ao trajeto, foi adicionada a possibilidade de interação com novos usos e novos caminhos, dessa vez com a gradação dos espaços cobertos de transição. Varandas patamares recebem, portanto, a chegada da Passarela do Piques proporcionando um convite à pausa e ao espaço do intervalo. Este fluxo, assim como aquele que ocorre atualmente no nível do chão por dentro da quadra - entre os níveis 735 (Av. Nove de Julho) e 736 (Rua Quirino de Andrade) - deixa de acontecer nos resquícios do entre muros e passa a ser um acontecimento.

Como em uma relação de parte e o todo, tais interações espaciais da implantação são exploradas dentro do projeto, por meio de pequenas aberturas na laje ou relações de meio nível, que garantem a existência da interação com o outro. Seja esta, interação visual, interação pelo som, pela água, etc, notar a presença do outro e do diferente é trazido aqui como essência do edifício.

Os espaços mais resguardados e que buscam mais o individual e menos o coletivo - no caso, os quartos do albergue - concentram-se nos 8 pavimentos acima dos níveis considerados mais públicos. Esta gradação de público - privado, que diz respeito ao uso e programa mais coletivo e individual, respectivamente, é presente em todo o projeto, desde o térreo até o quarto no pavimento tipo do albergue.

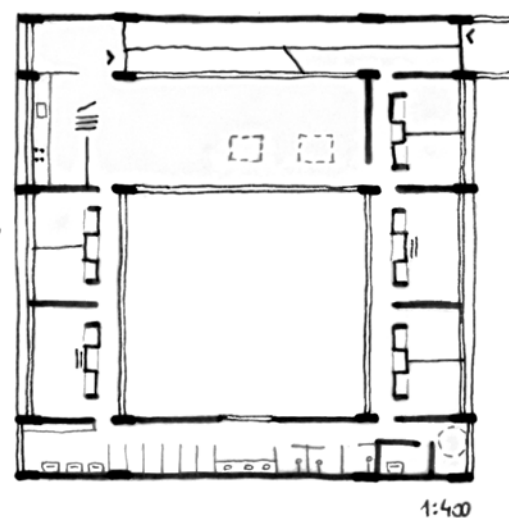


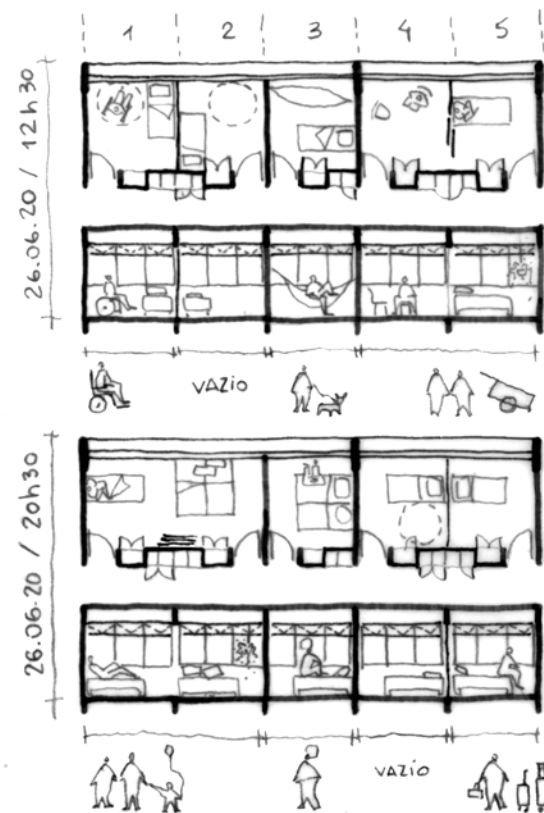
Ao lado, alguns dos croquis do processo de projeto. Estudos das possíveis relações e interações entre as pessoas, os espaços e a água

1. DA ABSTRAÇÃO

AO LUGAR.

A IMPLANTAÇÃO FOI DESENHADA A PARTIR DO PAVIMENTO TIPO. NESSE MOMENTO, A ABSTRAÇÃO DO NÚCLEO É TRAZIDA PARA A ESCALA DO REAL E ADAPTADA ÀS POSSIBILIDADES PROPORCIONADAS PELO LUGAR.





TOTAL DE QUARTOS / PAVIMENTO = 34

TOTAL DE QUARTOS NO PROJETO = 272

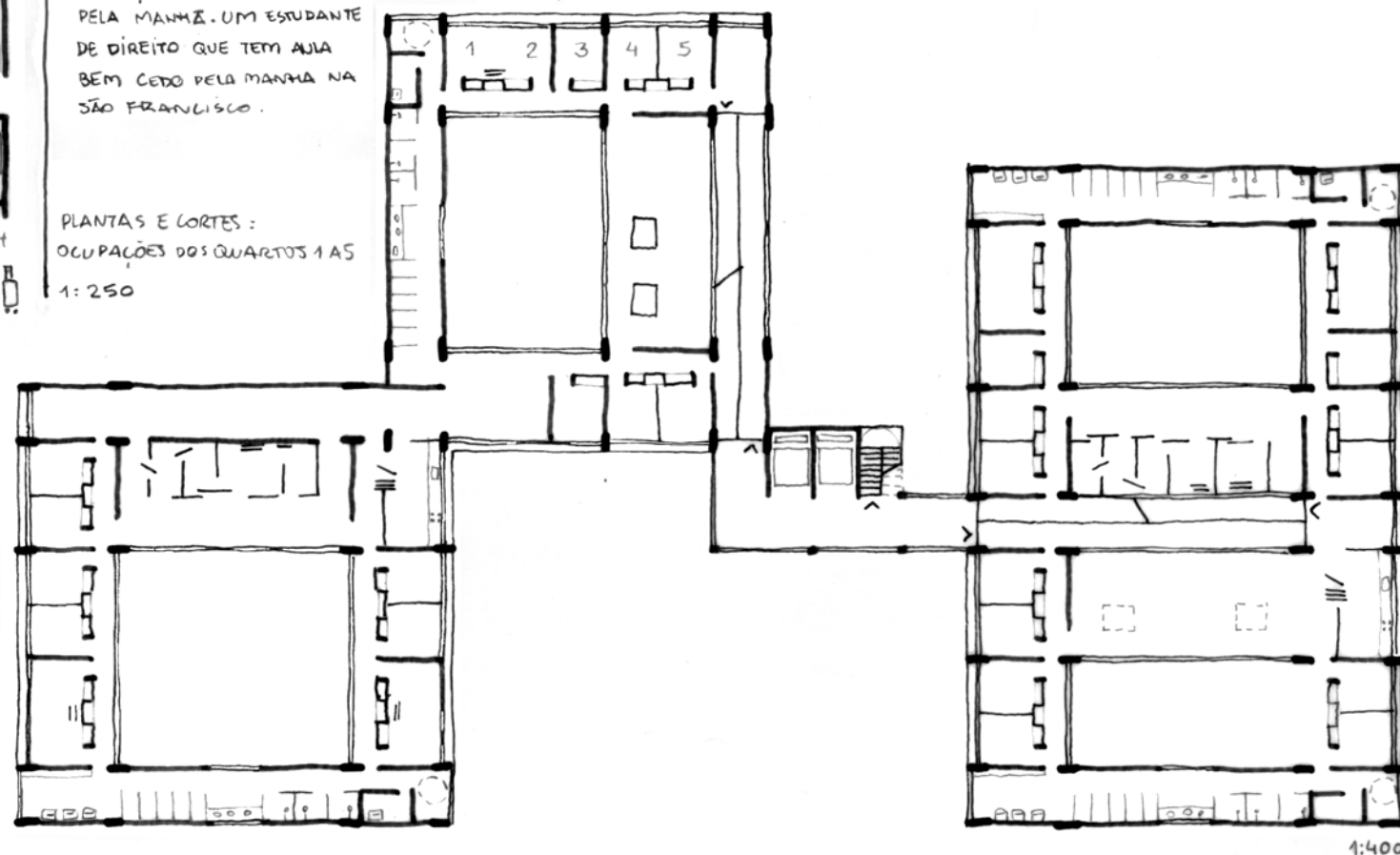
2. QUARTO:

HABITAT TEMPORÁRIO

"MESMO UM QUARTO DE HOTEL ANÔNIMO, DIZ MUITO SOBRE SEU HÓSPEDE DE PASSAGEM NO FIM DE ALGUMAS HORAS." (CERTEAU, MICHEL DE. 2012, p. 204)

OS QUARTOS AQUI FORAM PENSADOS PARA ABRIGAR OS MAIS VARIADOS PERFS DE PESSOAS, POR PERÍODOS DE TEMPO FLEXÍVEIS. UM VIAJANTE QUE CHEGA NO COMEÇO DA NOITE E PARTE PELA MANHÃ. UM ESTUDANTE DE DIREITO QUE TEM AULA BEM Cedo PELA MANHÃ NA SÃO FRANCISCO.

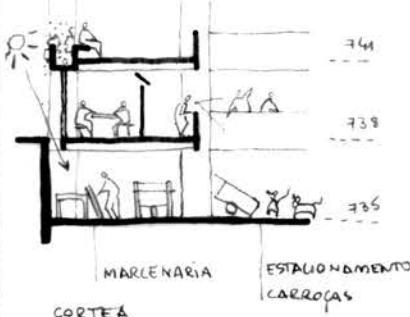
PLANTAS E CORTES:
OCUPAÇÕES DOS QUARTOS 1 A 5
1: 250



3. ASSISTÊNCIA SOCIAL

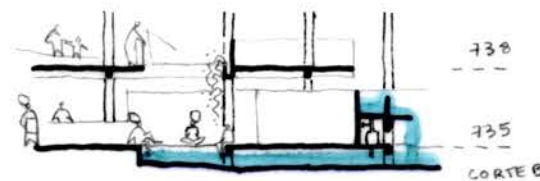
O BALCÃO DE ATENDIMENTO RECEBE QUEM CHEGA PELA CALÇADA DA RUA JOÃO ADOLFO, AQUELES QUE AGUARDAM PELAS ATIVIDADES COLETIVAS E INDIVIDUAIS AVISTAM SUAS CARROÇAS ESTACIONADAS E OS CACHORROS SOLTOS NO PÁTIO DO NÍVEL 735.

R. JOÃO ADOLFO



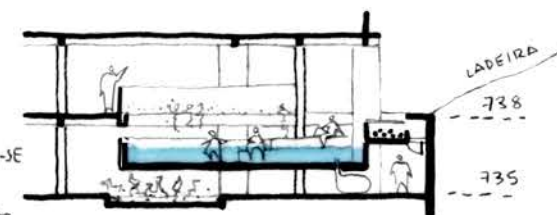
4. PRAÇA REMANSO

A PARTIR DO EIXO DO OBELISCO ADENTRA-SE NA PRAÇA COBERTA. O EIXO DIAGONAL É UM CONVITE A UM NOVO FLUXO, QUE FUGIDAQUELE MAIS ROTINEIRO, PELA ABERTURA NA LAJE PODE-SE OBSERVAR A ÁGUA QUE ALAGA O PLANO INCLINADO DOS BANHOS NO PISO INFERIOR.

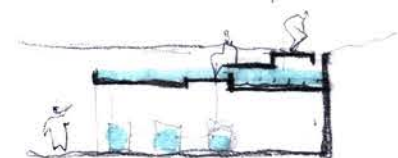


5. PERMANÊNCIA FLUXO

ASSIM COMO OS DA LADEIRA, OS DEGRAUS AQUI ACOMODAM-SE NA TOPOGRAFIA. ENQUANTO ASQUELES RECEBEM O FLUXO DIÁRIO DE PESSOAS, ESTES VOLTAM-SE PARA A ÁGUA CRIANDO POSSIBILIDADES DE PERMANÊNCIA. A ÁGUA DA CHUVA ESCORRE SOB OS DEGRAUS, ONDE É TRATADA ANTES DE AFLORAR EM UM ESPELHO D'ÁGUA. POR UMA GARGULA SEGUIR SEU FLUXO PARA O ESPELHO D'ÁGUA NO PISO DOS BANHOS.

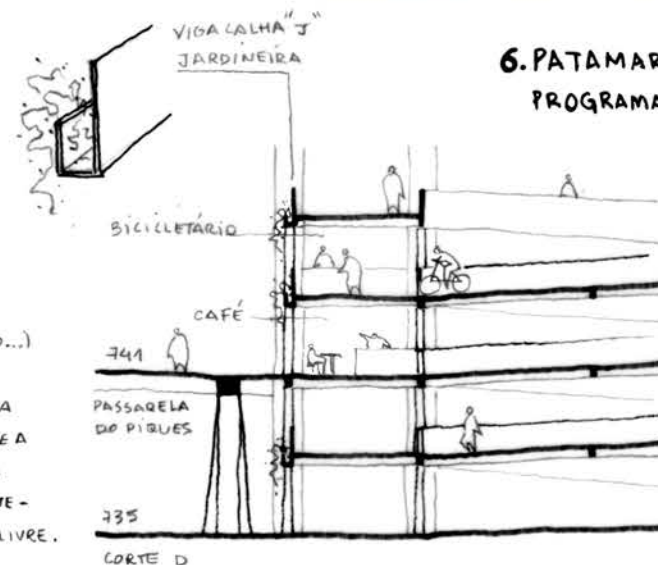


SEPARADORA DE SÓLIDOS:
DRENAGEM AD



6. PATAMAR PROGRAMA

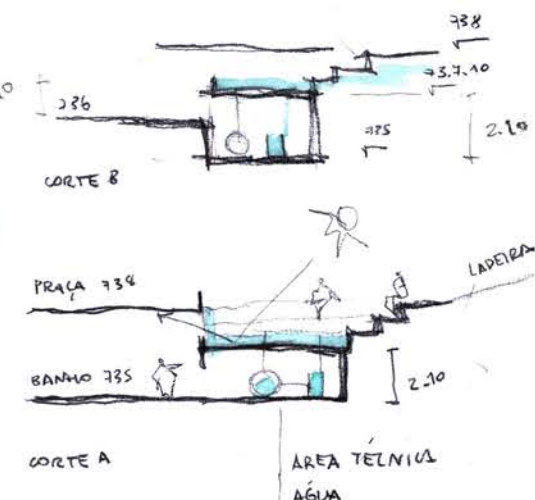
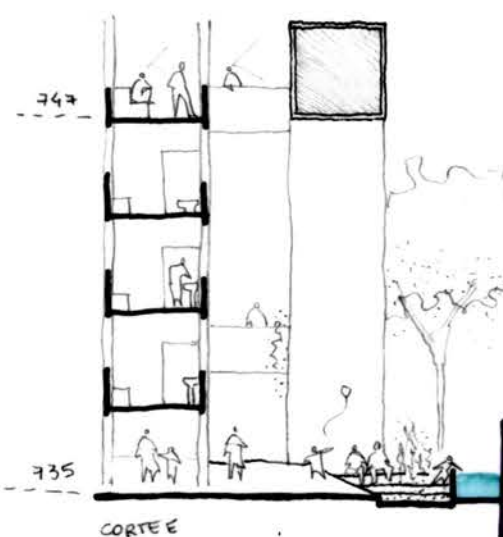
NA EXTENSÃO DO PATAMAR DA RAMPA ESTÃO O RESTAURANTE REFETÓRIO (742.5) E O ESPAÇO DAS ORÇUNAS (739.5). NESTE ÚLTIMO, PAINÉIS MÓVEIS CONFIGURAM UM LUGAR DE ATIVIDADES, CRIAÇÃO E ACONTECIMENTOS. PARA QUEM VEM PELA PASSARELA DO PIQUES, CHEGA NO ESPAÇO DO CAFÉ, AO LADO DA COZINHA ABERTA. CONTINUANDO A SUBIDA, CHEGA-SE NO BICICLETÁRIO, ESPAÇO COM VESTIÁRIO, TANGUÊS E ARMÁRIOS.

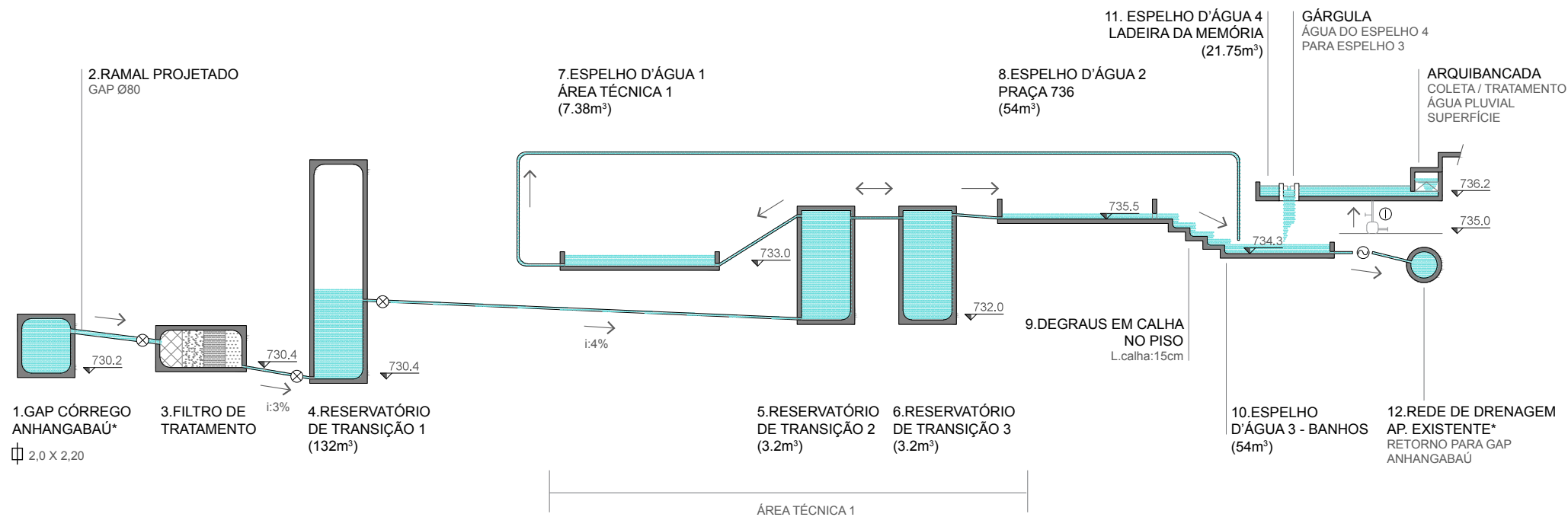


7. PRAÇA PERCURSO

A PARTIR DA CALÇADA DA R. ALFREDO SAGLIOTTI, QUEM VEM DA AV. 9 DE JULHO PODE SEGUIR CAMINHO POR DENTRO DA QUADRA. POR UM PLANO SUAVE (3-1) SOBE ATÉ A CALÇADA DA R. QUIRINO. O CAMINHO É ANIMADO PELAS CRIANÇAS QUE BRINCAM JUNTO AO ESPELHO D'ÁGUA. OS PAIS SENTAM-SE NOS DEGRAUS QUE ACOMPANHAM A SUBIDA DO PERCURSO. OS ESPAÇOS DA PRAÇA-ORA SOMBREADA PELA PROTEÇÃO

DO EDIFÍCIO, ORA PELA COPA DAS ÁRVORES - FORAM PENSADOS PARA SEREM APROPRIADOS LIVREMENTE PELAS PESSOAS (GRUPOS DE YOGA/ DANÇA/ TAI CHI; A FEIRA AOS DOMINGOS; O FORRÓ DE SÁBADO...) A TORRE DE VENTILAÇÃO DO METRÔ É INCLuíDA NA PRAÇA TIRANDO-SE OS MUROS QUE A CERCAM. NO NÍVEL 747, SUAS EMPENAS RECEBEM A PROTEÇÃO DO CINEMA AO AR LIVRE.



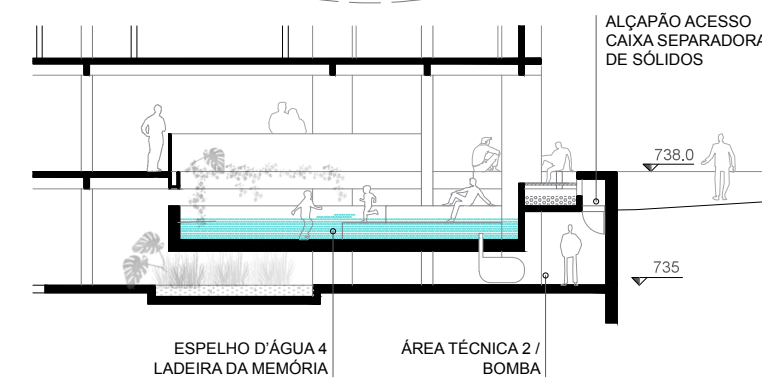
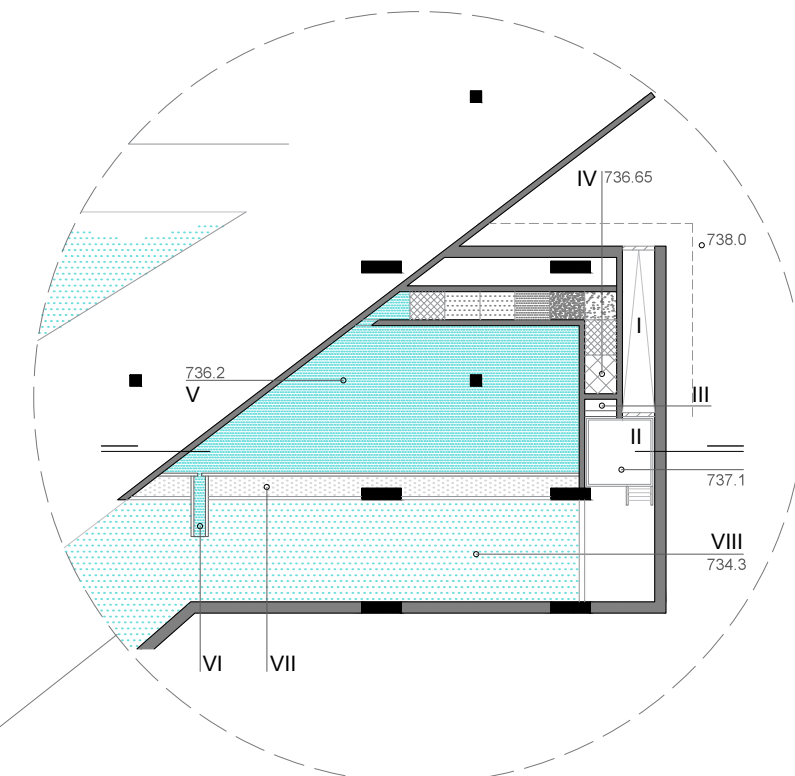


FLUXOGRAMA PERCURSO ÁGUA
SEM ESCALA

LEGENDA

- ⊗ VÁLVULA DE RETENÇÃO
- ⊙ SIFÃO LADRÃO
- Ⓢ BOMBA
- SENTIDO FLUXO DA ÁGUA

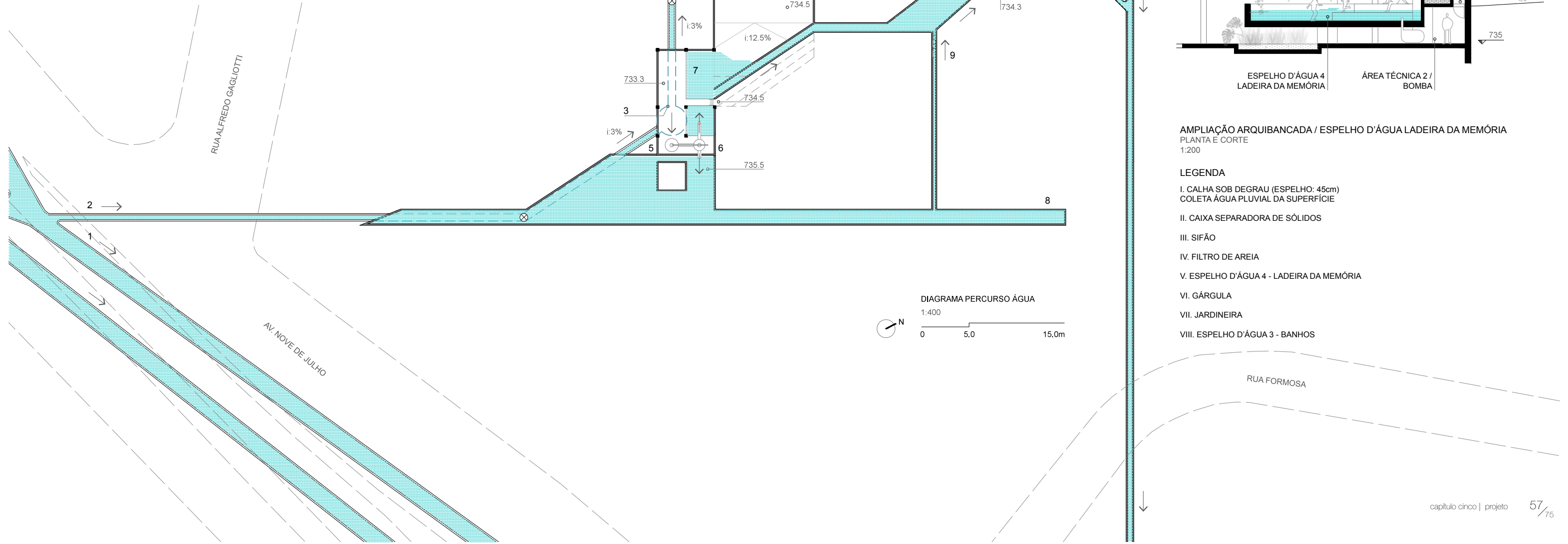
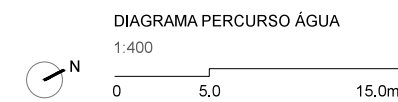
*conforme projeto de drenagem pluvial da bacia do anhangabaú, 1977 - PMSP, arquivo de SIURB

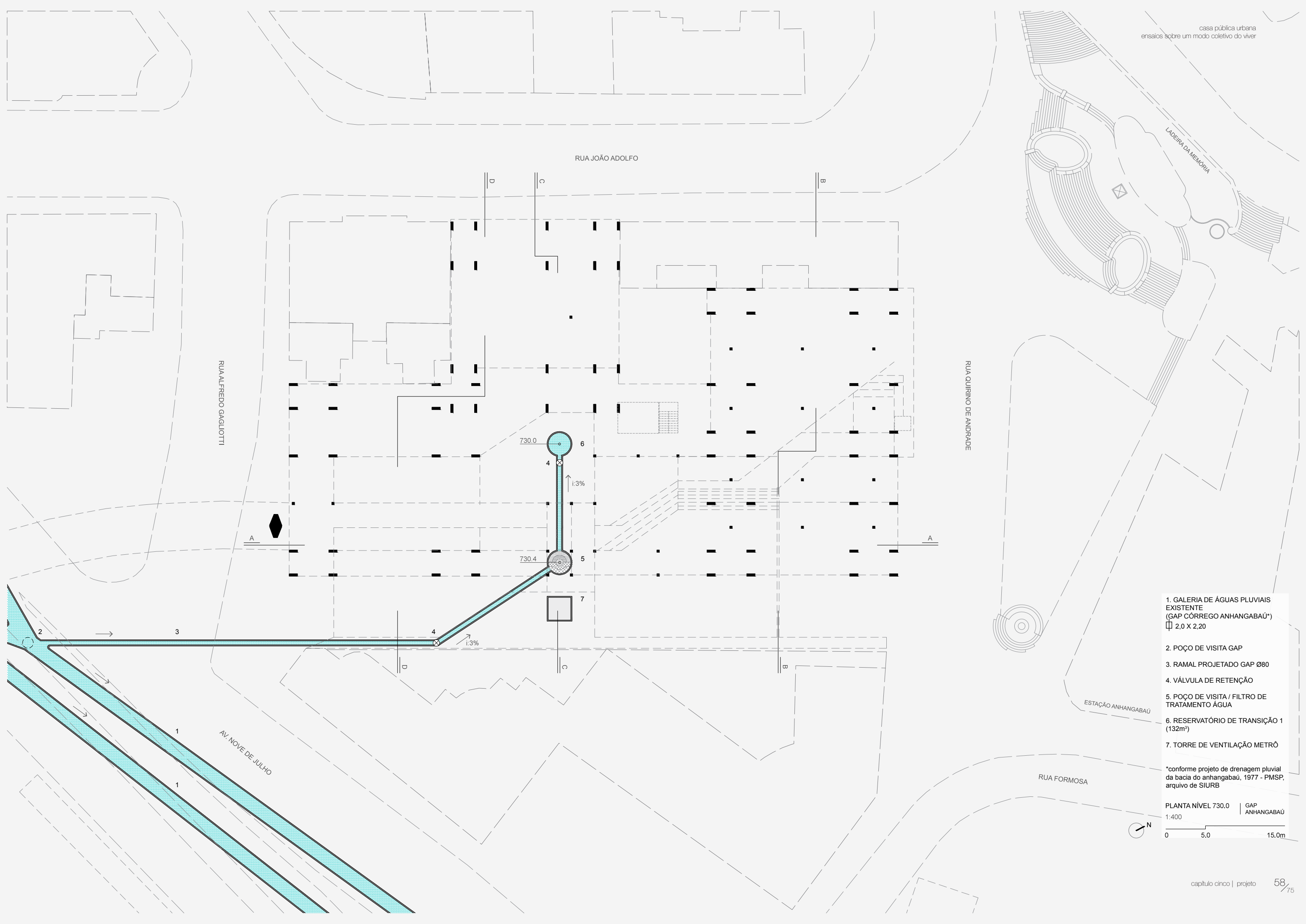


AMPLIAÇÃO ARQUIBANCADA / ESPELHO D'ÁGUA LADEIRA DA MEMÓRIA
PLANTA E CORTE
1:200

LEGENDA

- I. CALHA SOB DEGRAU (ESPELHO: 45cm)
COLETA ÁGUA PLUVIAL DA SUPERFÍCIE
- II. CAIXA SEPARADORA DE SÓLIDOS
- III. SIFÃO
- IV. FILTRO DE AREIA
- V. ESPELHO D'ÁGUA 4 - LADEIRA DA MEMÓRIA
- VI. GÁRGULA
- VII. JARDINEIRA
- VIII. ESPELHO D'ÁGUA 3 - BANHOS





casa pública urbana
ensaios sobre um modo coletivo do viver

LADDEIRA DA MEMÓRIA

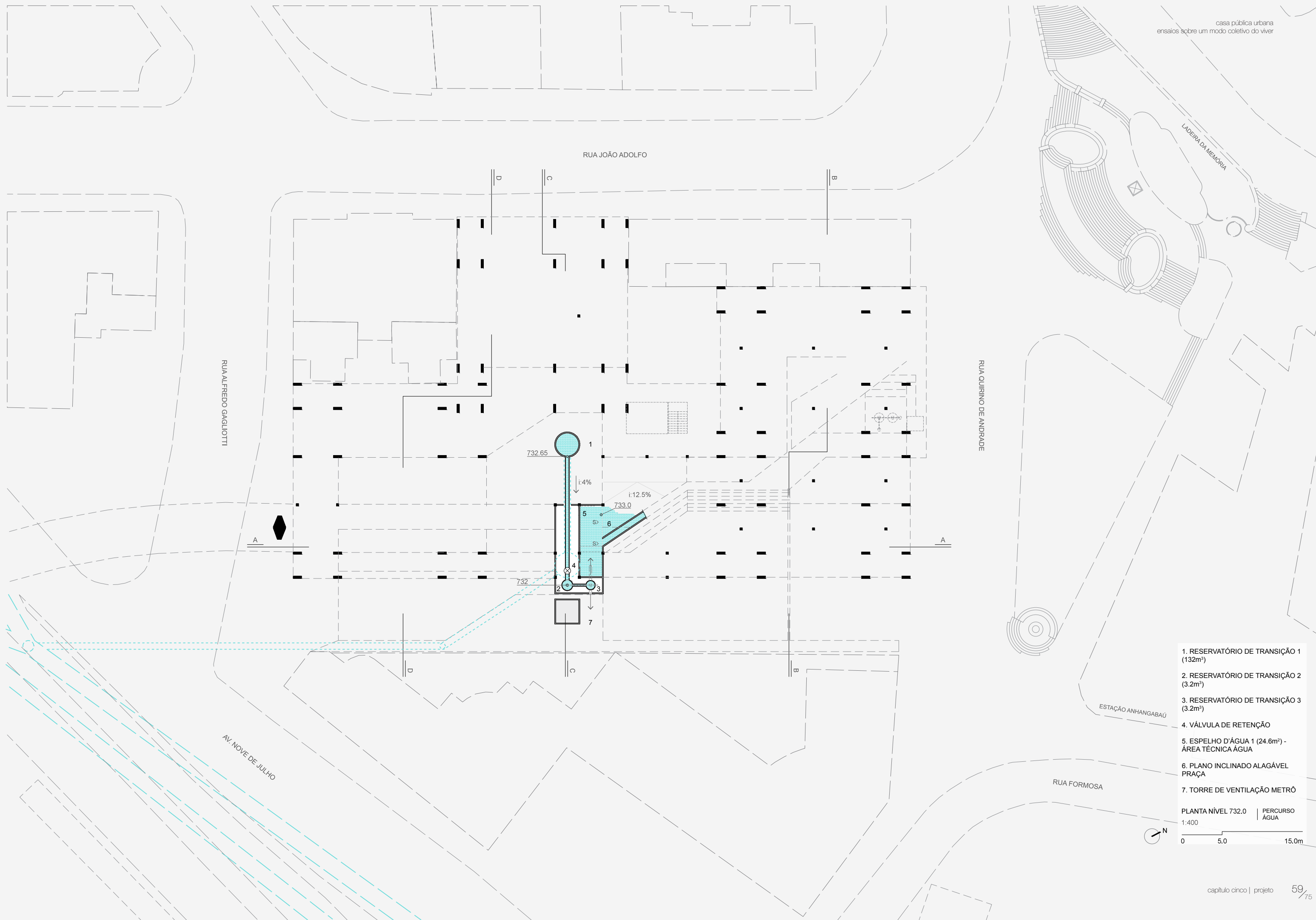
- 1. GALERIA DE ÁGUAS PLUVIAIS EXISTENTE (GAP CÔRREGO ANHANGABAÚ*)
□ 2,0 X 2,20
- 2. POÇO DE VISITA GAP
- 3. RAMAL PROJETADO GAP Ø80
- 4. VÁLVULA DE RETENÇÃO
- 5. POÇO DE VISITA / FILTRO DE TRATAMENTO ÁGUA
- 6. RESERVATÓRIO DE TRANSIÇÃO 1 (132m³)
- 7. TORRE DE VENTILAÇÃO METRÔ

*conforme projeto de drenagem pluvial da bacia do anhangabaú, 1977 - PMSP, arquivo de SIURB

PLANTA NÍVEL 730.0 | GAP ANHANGABAÚ
1:400



0 5.0 15.0m



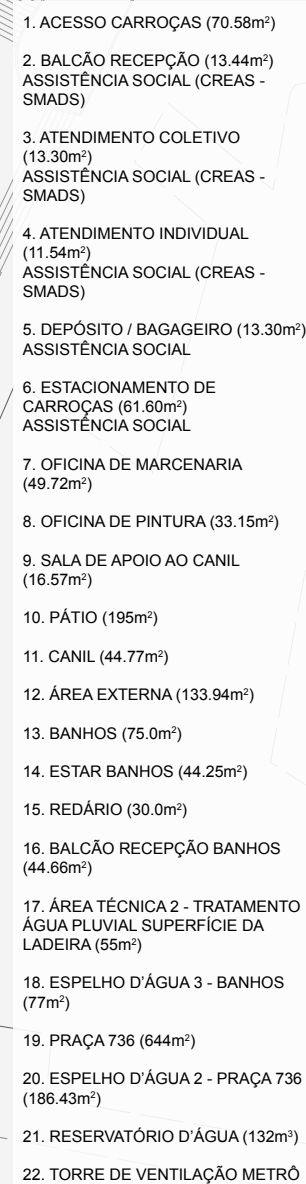


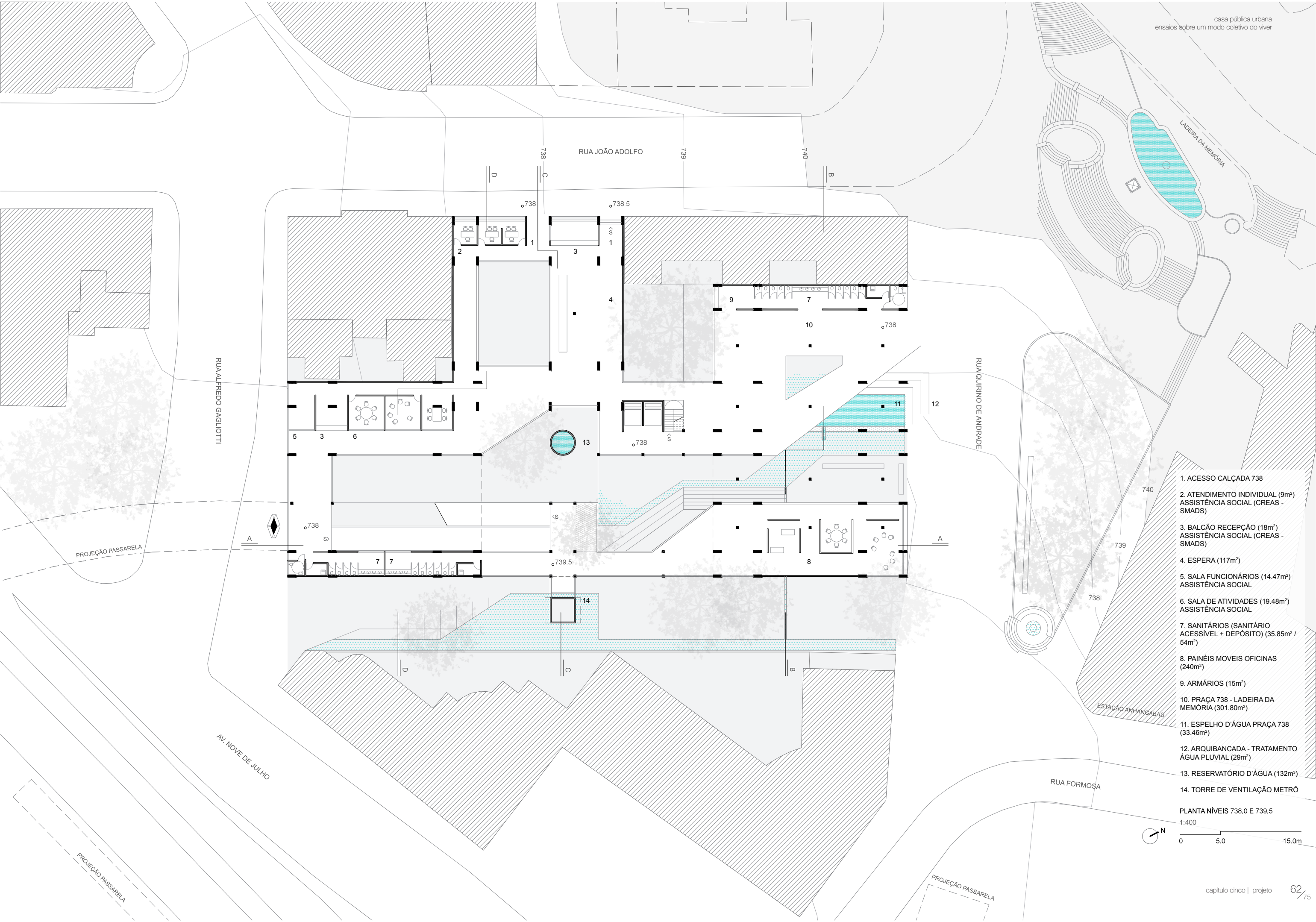
- 1. RESERVATÓRIO DE TRANSIÇÃO 1 (132m³)
- 2. RESERVATÓRIO DE TRANSIÇÃO 2 (3.2m³)
- 3. RESERVATÓRIO DE TRANSIÇÃO 3 (3.2m³)
- 4. ESPELHO D'ÁGUA 1 (24.6m²) - ÁREA TÉCNICA ÁGUA
- 5. PLANO INCLINADO ALAGÁVEL PRAÇA
- 6. ACESSO ÁREA TÉCNICA 1 - TRATAMENTO ÁGUA CÔRREGO
- 7. ESPELHO D'ÁGUA 2 - BANHOS (77m²)
- 8. PLANO INCLINADO ALAGÁVEL BANHOS
- 9. SIFÃO LADRÃO
- 10. REDE DE DRENAGEM AP EXISTENTE*
- 11. TORRE DE VENTILAÇÃO METRÔ

*conforme projeto de drenagem pluvial da bacia do anhangabaú, 1977 - PMSP, arquivo de SIURB

PLANTA NÍVEL 734.5 | PERCURSO ÁGUA
1:400
0 5.0 15.0m





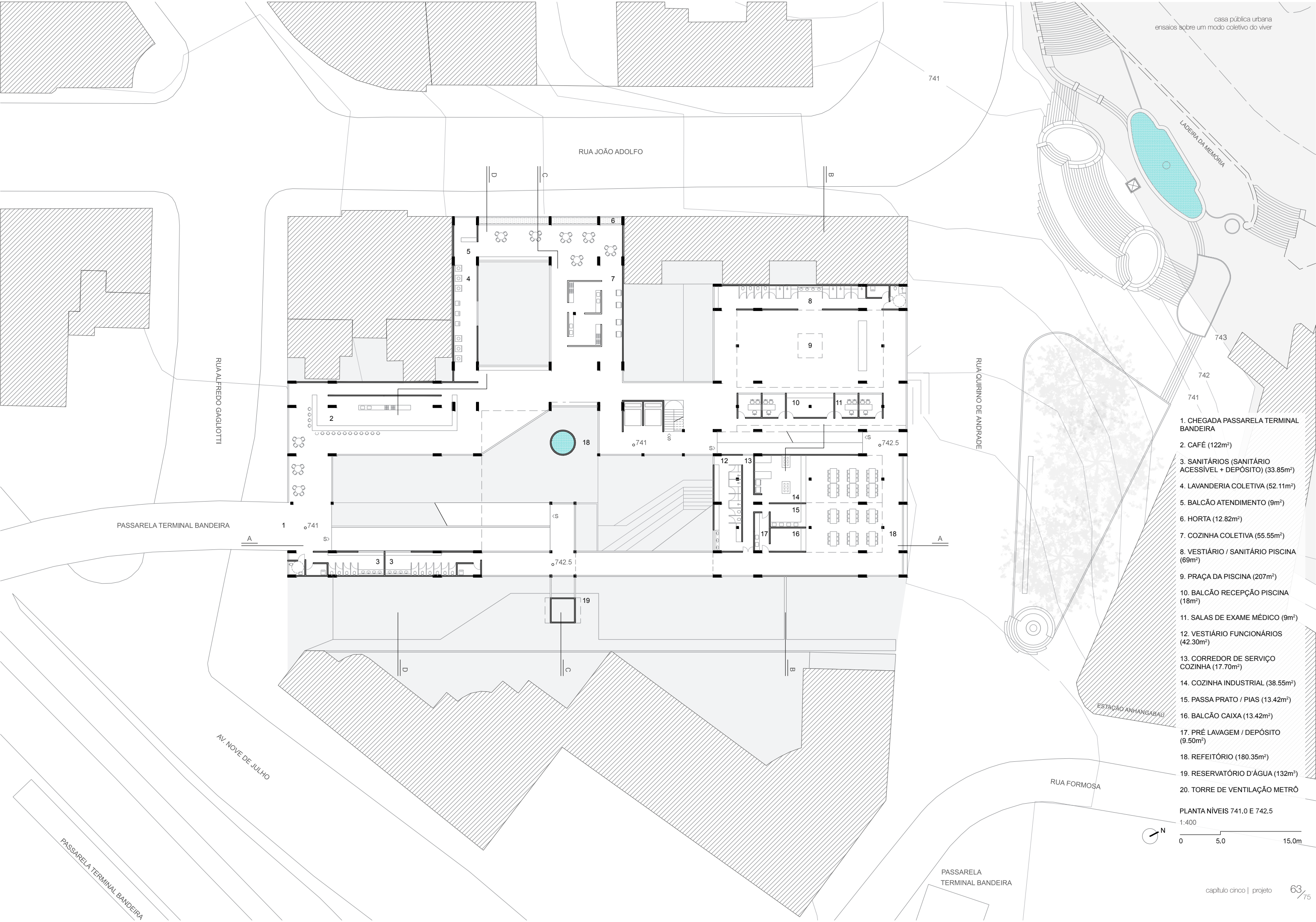


- 1. ACESSO CALÇADA 738
- 2. ATENDIMENTO INDIVIDUAL (9m²)
ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS - SMADS)
- 3. BALCÃO RECEPÇÃO (18m²)
ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS - SMADS)
- 4. ESPERA (117m²)
- 5. SALA FUNCIONÁRIOS (14.47m²)
ASSISTÊNCIA SOCIAL
- 6. SALA DE ATIVIDADES (19.48m²)
ASSISTÊNCIA SOCIAL
- 7. SANITÁRIOS (SANITÁRIO
ACESSÍVEL + DEPÓSITO) (35.85m² / 54m²)
- 8. PAINÉIS MOVEIS OFICINAS (240m²)
- 9. ARMÁRIOS (15m²)
- 10. PRAÇA 738 - LADEIRA DA MEMÓRIA (301.80m²)
- 11. ESPELHO D'ÁGUA PRAÇA 738 (33.46m²)
- 12. ARQUIBANCADA - TRATAMENTO ÁGUA PLUVIAL (29m²)
- 13. RESERVATÓRIO D'ÁGUA (132m³)
- 14. TORRE DE VENTILAÇÃO METRÔ

PLANTA NÍVEIS 738.0 E 739.5

1:400

0 5.0 15.0m



casa pública urbana
ensaios sobre um modo coletivo do viver

LADEIRA DA MEMÓRIA

- 1. CHEGADA PASSARELA TERMINAL BANDEIRA
- 2. CAFÉ (122m²)
- 3. SANITÁRIOS (SANITÁRIO ACESSÍVEL + DEPÓSITO) (33.85m²)
- 4. LAVANDERIA COLETIVA (52.11m²)
- 5. BALCÃO ATENDIMENTO (9m²)
- 6. HORTA (12.82m²)
- 7. COZINHA COLETIVA (55.55m²)
- 8. VESTIÁRIO / SANITÁRIO PISCINA (69m²)
- 9. PRAÇA DA PISCINA (207m²)
- 10. BALCÃO RECEPÇÃO PISCINA (18m²)
- 11. SALAS DE EXAME MÉDICO (9m²)
- 12. VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS (42.30m²)
- 13. CORREDOR DE SERVIÇO COZINHA (17.70m²)
- 14. COZINHA INDUSTRIAL (38.55m²)
- 15. PASSA PRATO / PIAS (13.42m²)
- 16. BALCÃO CAIXA (13.42m²)
- 17. PRÉ LAVAGEM / DEPÓSITO (9.50m²)
- 18. REFEITÓRIO (180.35m²)
- 19. RESERVATÓRIO D'ÁGUA (132m³)
- 20. TORRE DE VENTILAÇÃO METRÔ

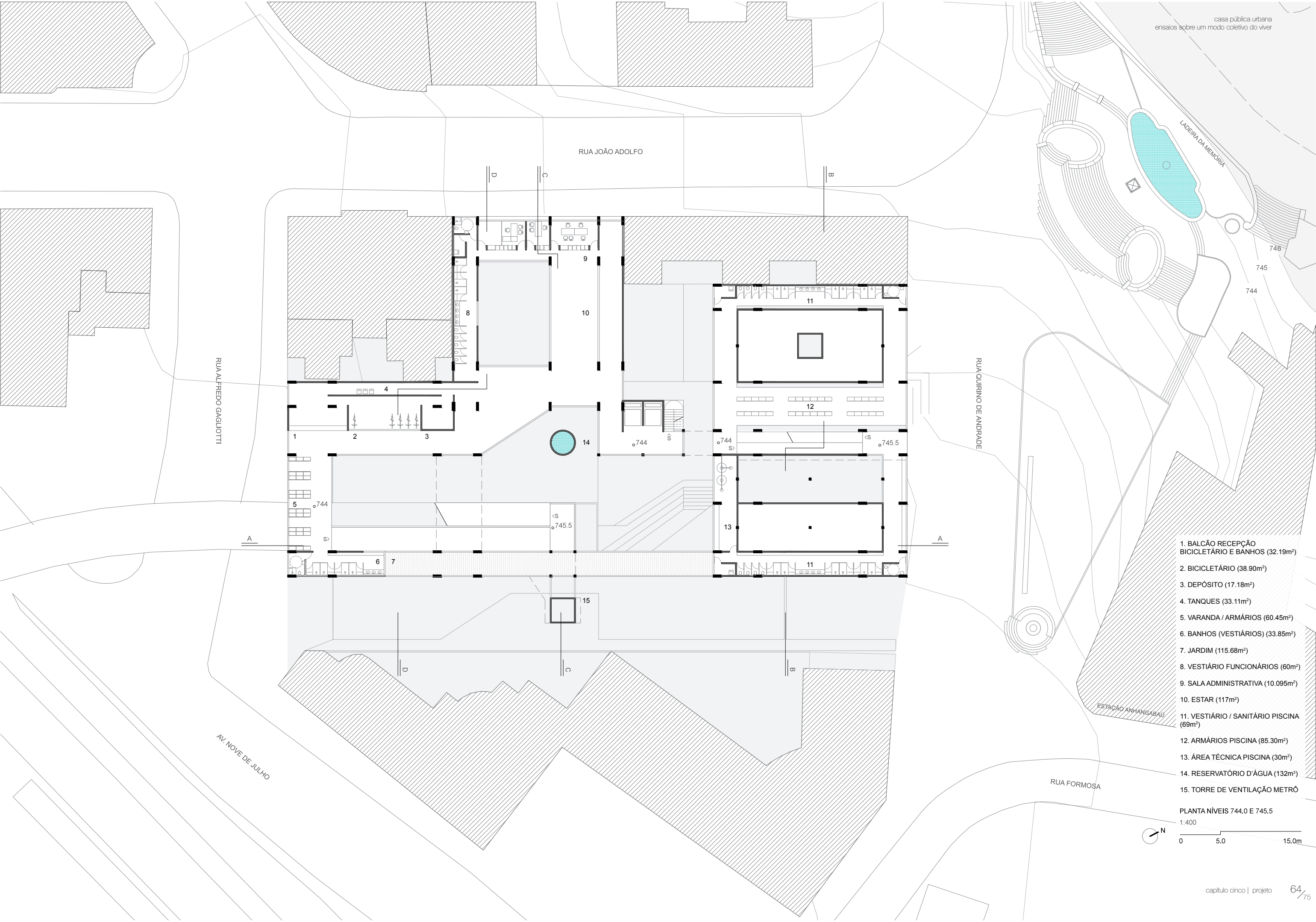
PLANTA NÍVEIS 741.0 E 742.5

1:400



0 5.0 15.0m

PASSARELA
TERMINAL BANDEIRA



casa pública urbana
ensaios sobre um modo coletivo do viver

LADERA DA MEMÓRIA

746
745
744

RUA QUIRINO DE ANDRADE

RUA ALFREDO GAGLIOTTI

RUA JOÃO ADOLFO

ESTÇÃO ANHANGABAU

RUA FORMOSA

AV. NOVE DE JULHO

- 1. BALCÃO RECEPÇÃO
BICICLETÁRIO E BANHOS (32.19m²)
- 2. BICICLETÁRIO (38.90m²)
- 3. DEPÓSITO (17.18m²)
- 4. TANQUES (33.11m²)
- 5. VARANDA / ARMÁRIOS (60.45m²)
- 6. BANHOS (VESTIÁRIOS) (33.85m²)
- 7. JARDIM (115.68m²)
- 8. VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS (60m²)
- 9. SALA ADMINISTRATIVA (10.095m²)
- 10. ESTAR (117m²)
- 11. VESTIÁRIO / SANITÁRIO PISCINA
(69m²)
- 12. ARMÁRIOS PISCINA (85.30m²)
- 13. ÁREA TÉCNICA PISCINA (30m²)
- 14. RESERVATÓRIO D'ÁGUA (132m³)
- 15. TORRE DE VENTILAÇÃO METRÔ

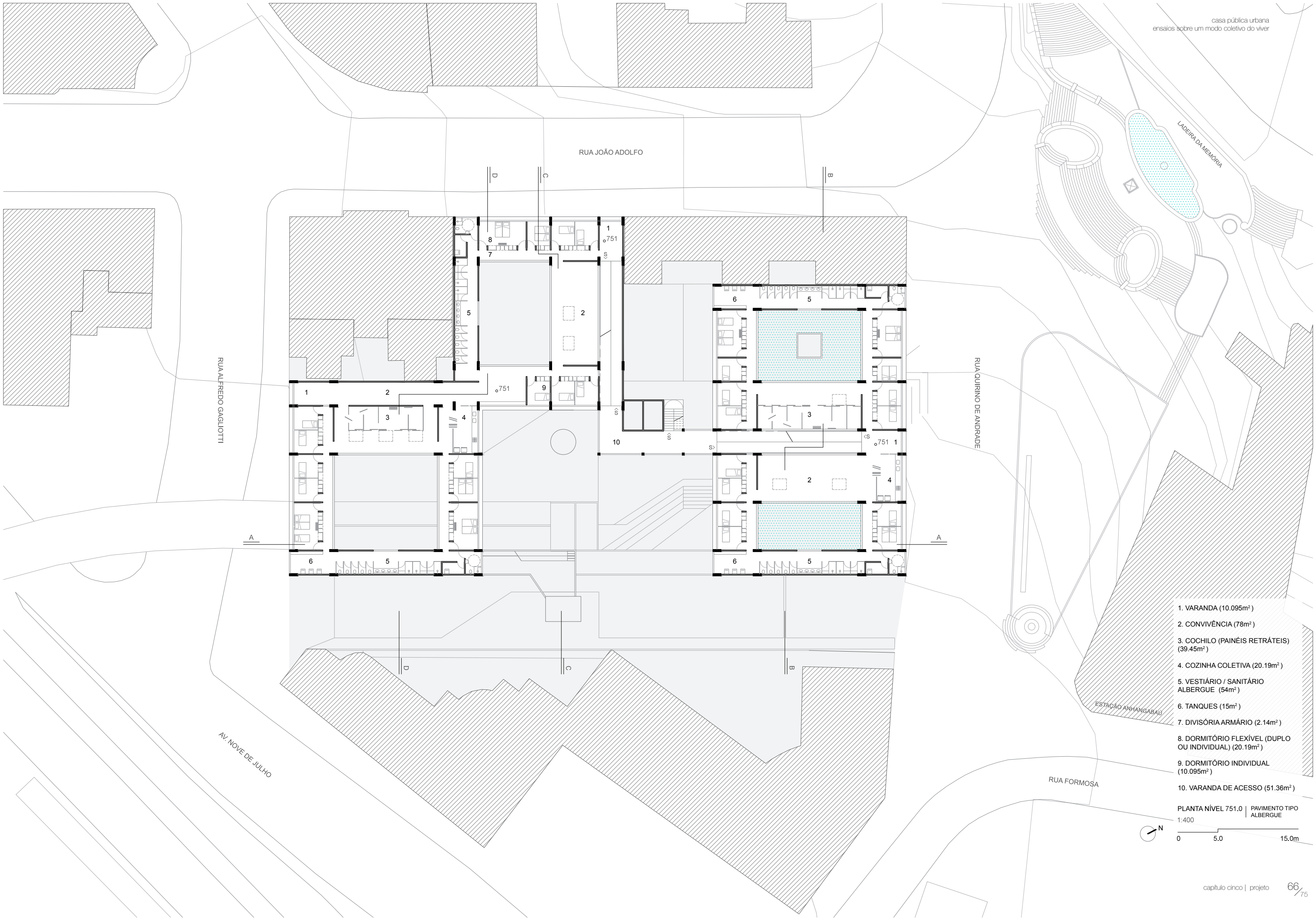
PLANTA NÍVEIS 744.0 E 745.5

1:400



0 5.0 15.0m



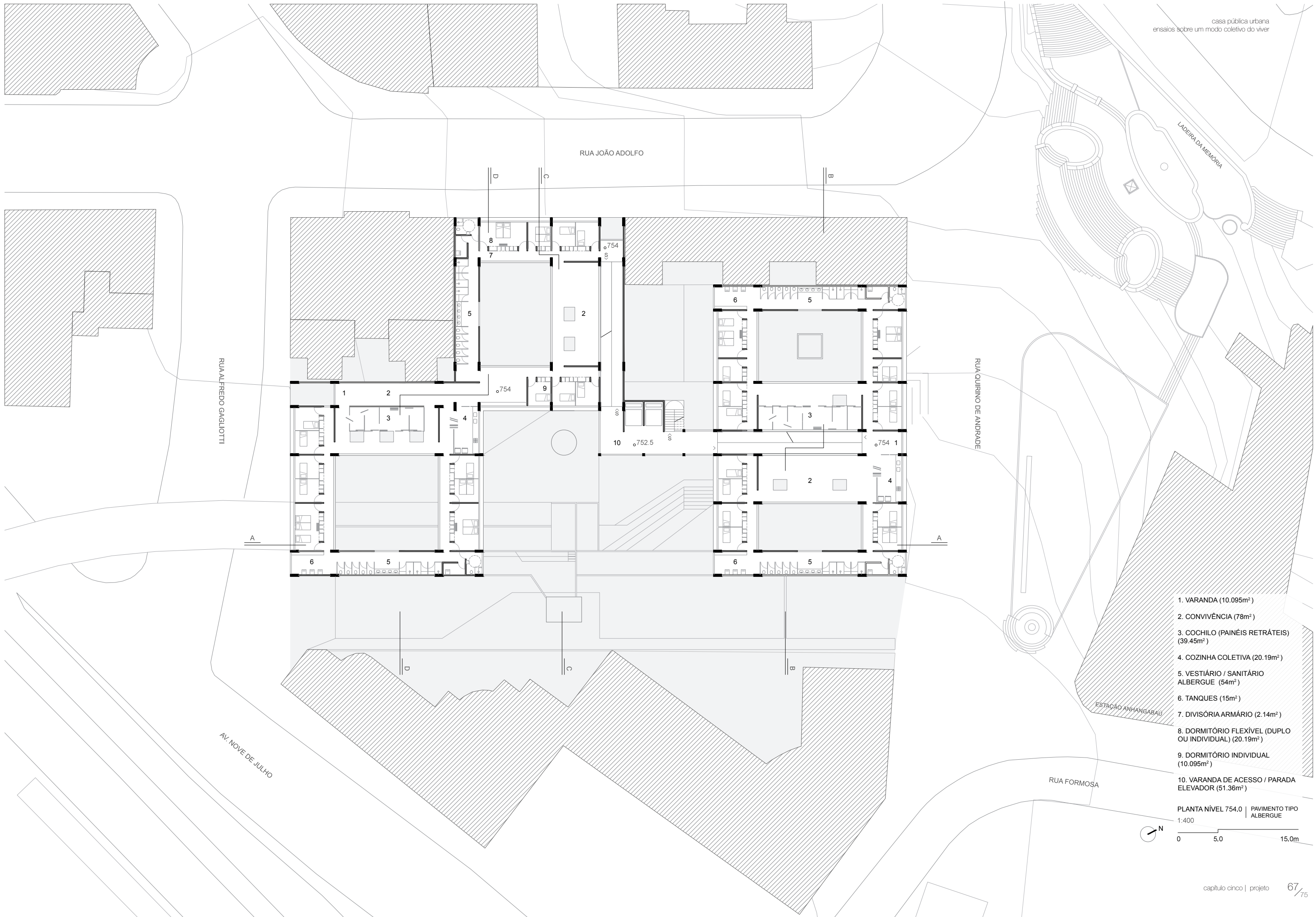


- 1. VARANDA (10.095m²)
- 2. CONVIVÊNCIA (78m²)
- 3. COCHOLO (PAINÉIS RETRÂTEIS) (39.45m²)
- 4. COZINHA COLETIVA (20.19m²)
- 5. VESTIÁRIO / SANITÁRIO ALBERGUE (54m²)
- 6. TANQUES (15m²)
- 7. DIVISÓRIA ARMÁRIO (2.14m²)
- 8. DORMITÓRIO FLEXÍVEL (DUPLO OU INDIVIDUAL) (20.19m²)
- 9. DORMITÓRIO INDIVIDUAL (10.095m²)
- 10. VARANDA DE ACESSO (51.36m²)

PLANTA NÍVEL 751.0 | PAVIMENTO TIPO ALBERGUE

1:400

0 5.0 15.0m

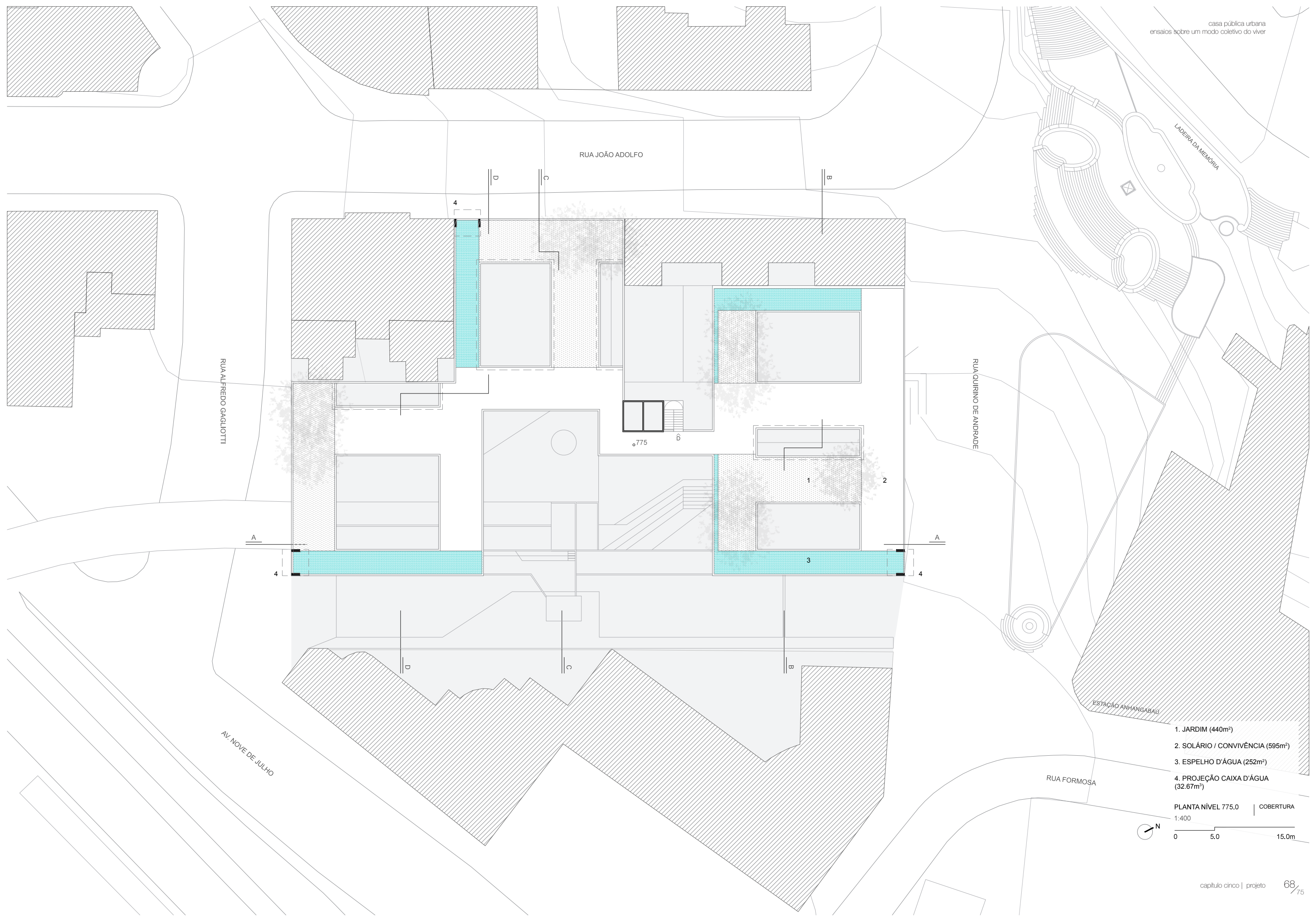


1. VARANDA (10.095m²)
2. CONVIVÊNCIA (78m²)
3. COCHOILO (PAINÉIS RETRÁTEIS) (39.45m²)
4. COZINHA COLETIVA (20.19m²)
5. VESTIÁRIO / SANITÁRIO ALBERGUE (54m²)
6. TANQUES (15m²)
7. DIVISÓRIA ARMÁRIO (2.14m²)
8. DORMITÓRIO FLEXÍVEL (DUPLO OU INDIVIDUAL) (20.19m²)
9. DORMITÓRIO INDIVIDUAL (10.095m²)
10. VARANDA DE ACESSO / PARADA ELEVADOR (51.36m²)

PLANTA NÍVEL 754.0 | PAVIMENTO TIPO ALBERGUE
1:400

0 5.0 15.0m



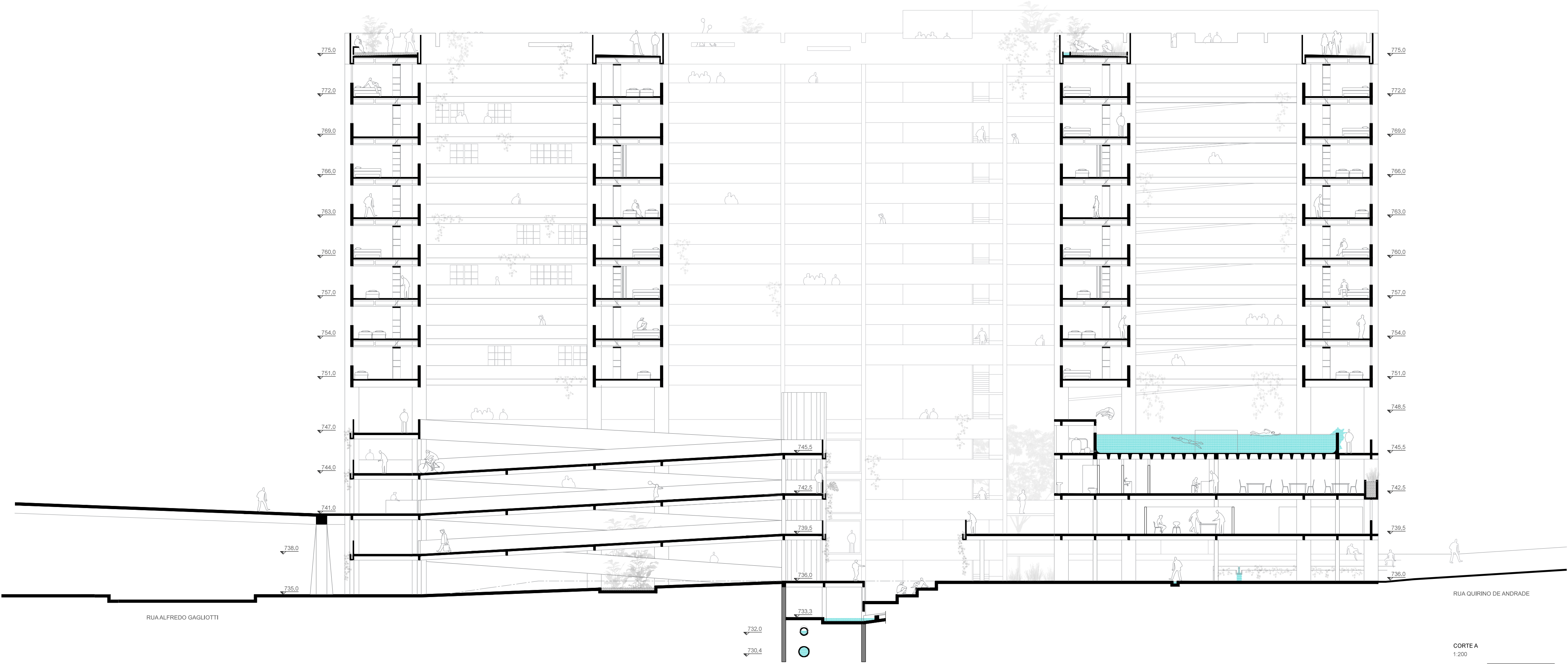


- 1. JARDIM (440m²)
- 2. SOLÁRIO / CONVIVÊNCIA (595m²)
- 3. ESPELHO D'ÁGUA (252m²)
- 4. PROJEÇÃO CAIXA D'ÁGUA (32.67m²)

PLANTA NÍVEL 775.0 | COBERTURA
1:400

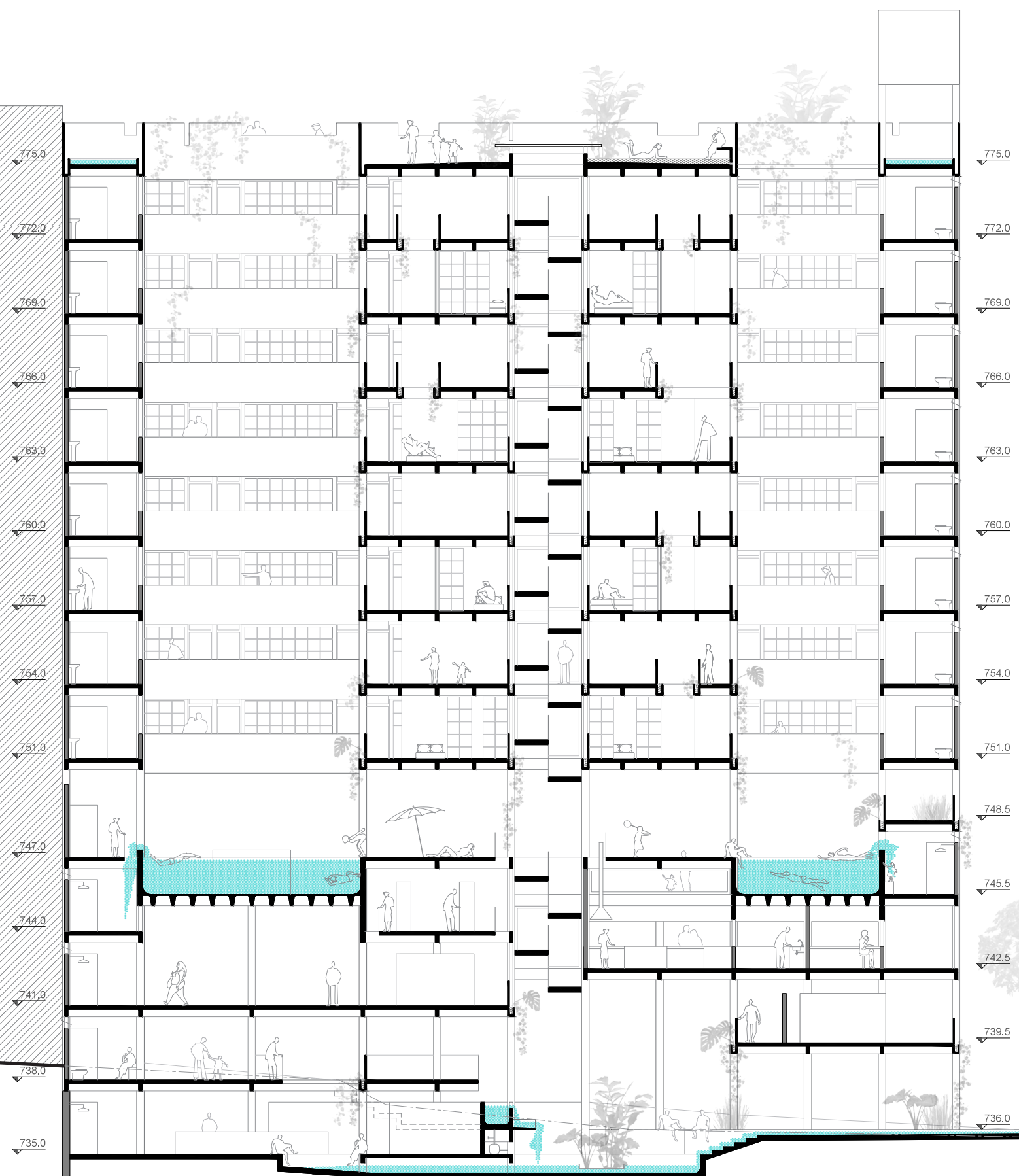
0 5.0 15.0m





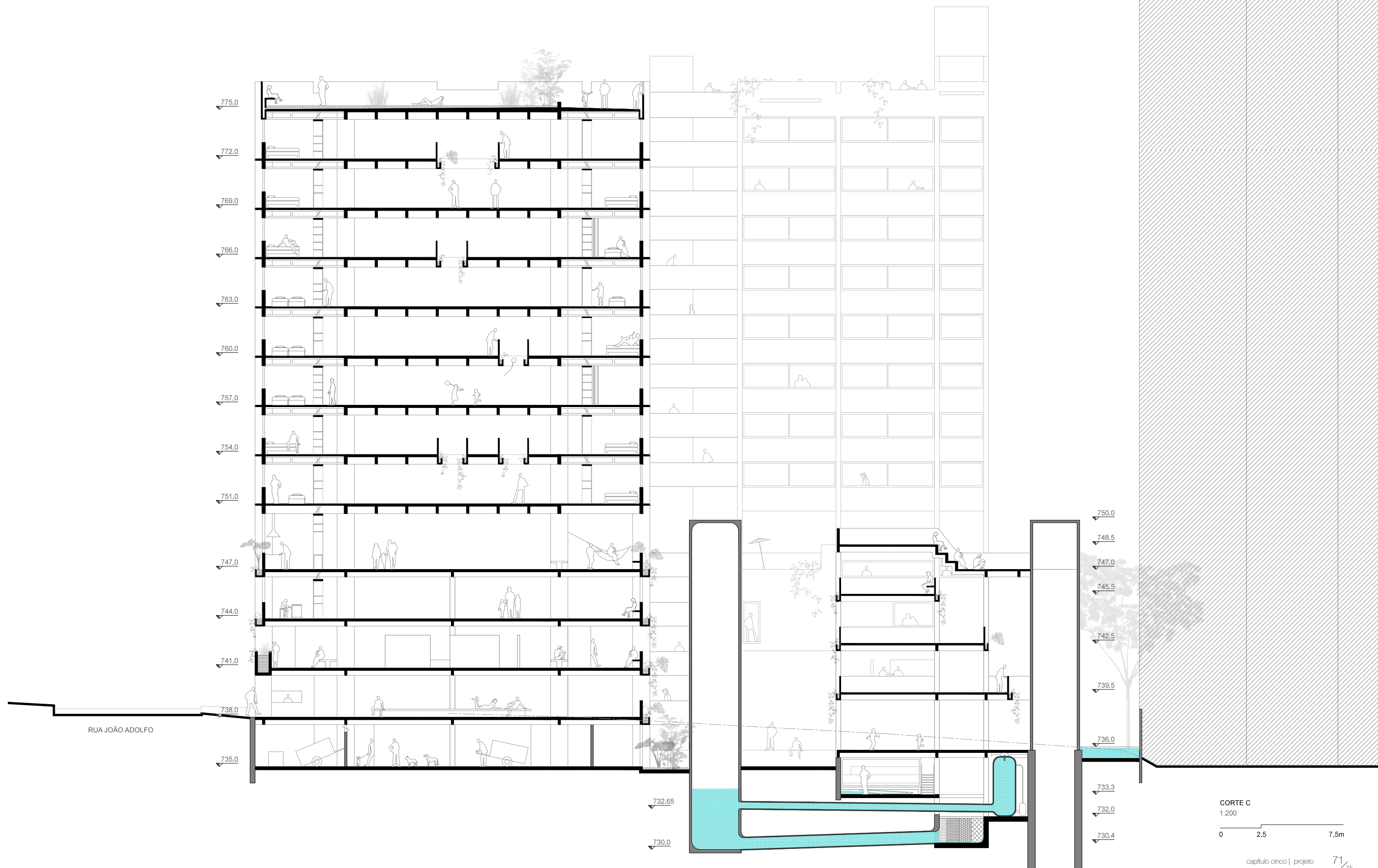
CORTE A
1:200
0 2.5 7.5m

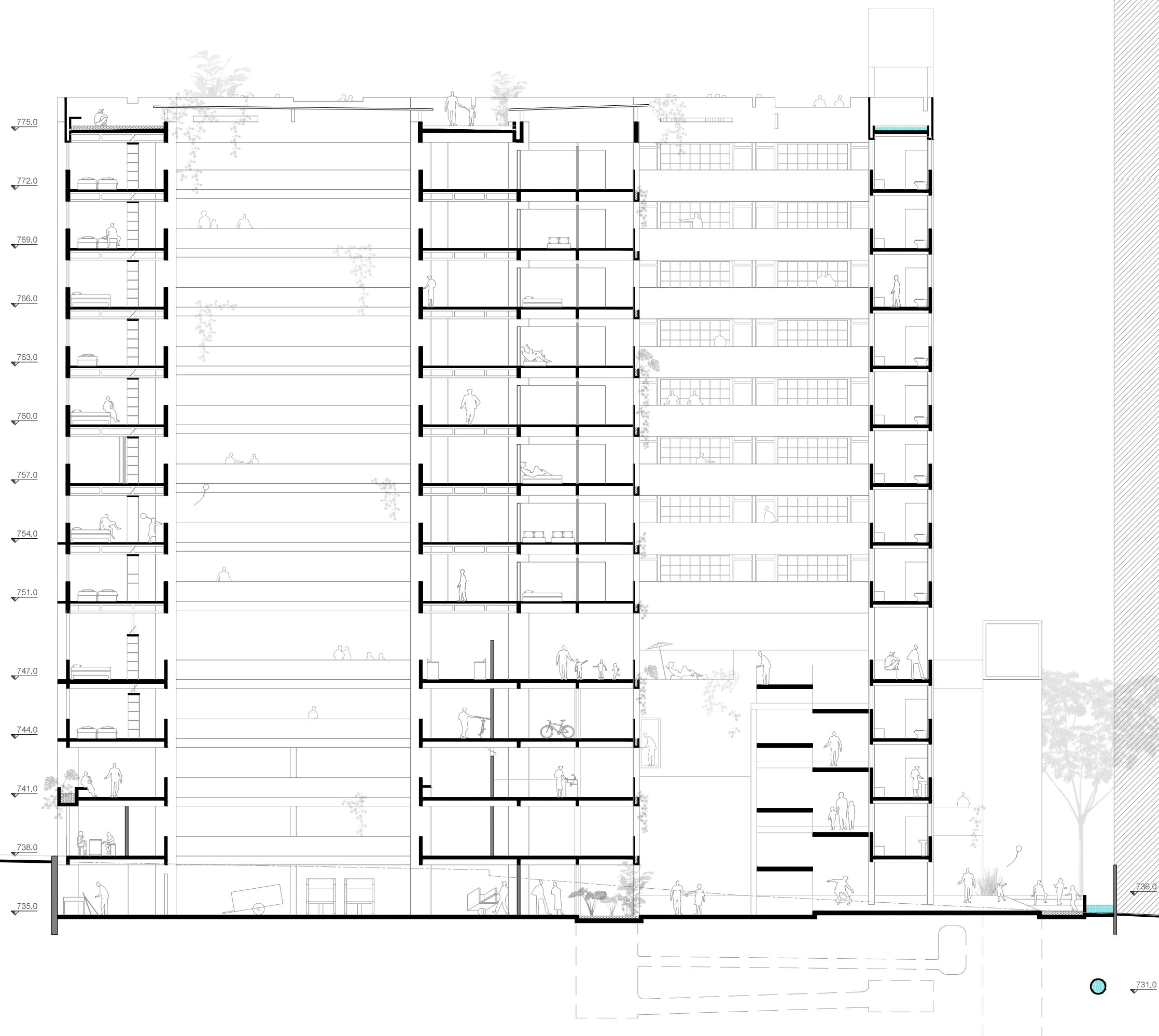
RUA JOÃO ADOLFO



CORTE B
1:200

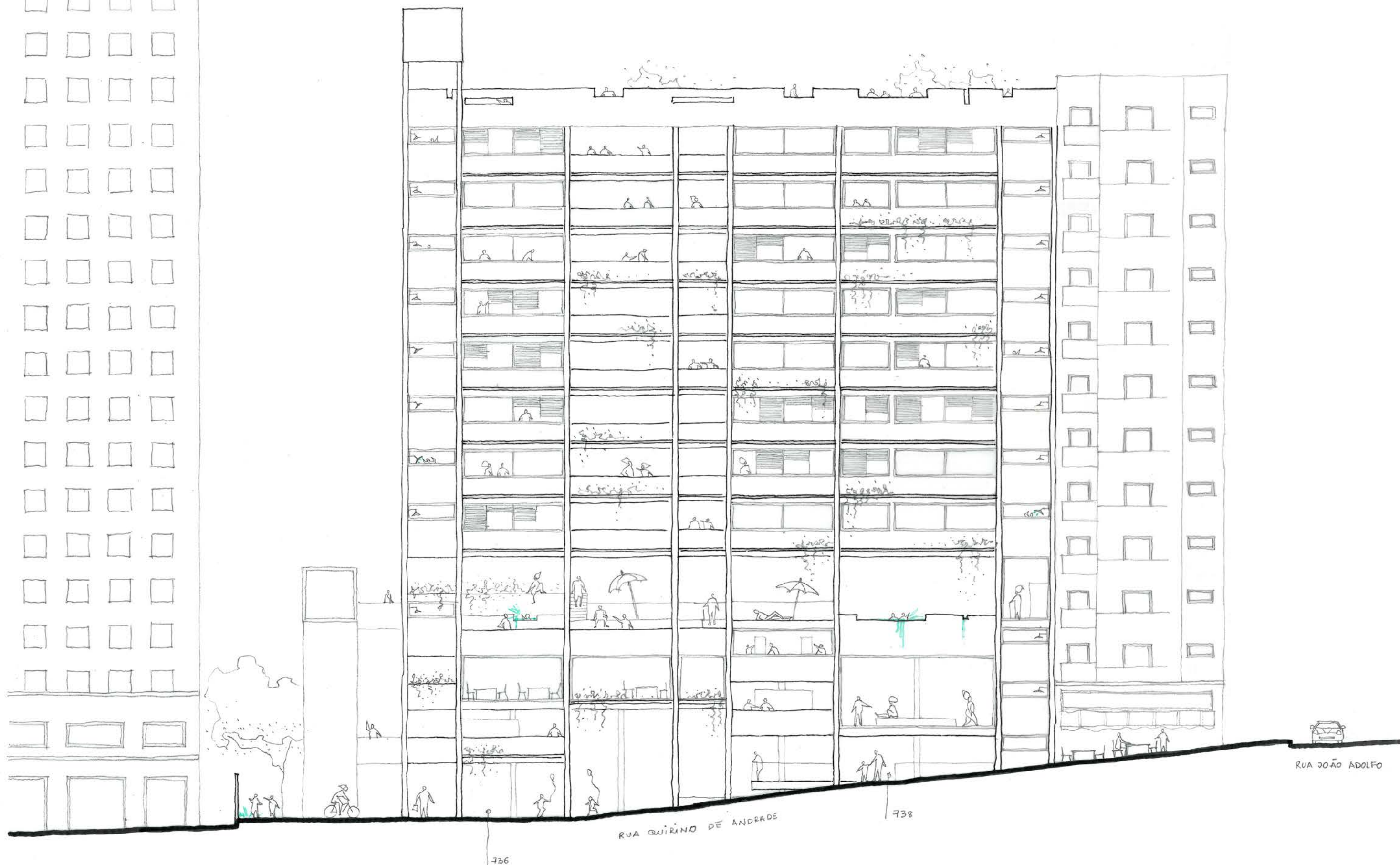
0 2,5 7,5m





CORTE D
1:200

0 2,5 7,5m



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:200

0 2.5 7.5m

referências bibliográficas		
tfgs	sites	bibliografia
<p>BITTENCOURT, Fernanda. Ladeira da Memória: es- tratigrafia Urbana e Preservação. Trabalho final de Graduação. Orientação Beatriz Mugayar Kühl. FAU USP, 2018.</p>	<p><i>Dados geoprocessados de levantamento de popu- lação em situação de rua, equipamentos públicos SMADS - PMSP, e Censo População em Situação de Rua 2015:</i></p> <p>https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/ assistencia_social/observatorio_social/mapas/index. php?p=2012</p> <p><i>Listagem resumida dos Serviços SMADS - PMSP:</i> https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/ assistencia_social/noticias/?p=228566</p> <p><i>Endereços e descrição dos Serviços SMADS - PMSP:</i></p> <p>http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/familia-e-assis- tencia-social/centros-de-acolhida/adultos-24-horas</p> <p><i>Portaria 46/2010 - Tipificação nacional de serviços socioassistenciais:</i></p> <p>https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/ upload/assistencia_social/arquivos/portarias/porta- ria_46-2010.pdf</p>	<p>ARANTES, Otília Beatriz Fiori. O lugar da arquitetura depois dos modernos. 3. ed. São Paulo : EDUSP, 2015.</p> <p>ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha : pro- jetos 1957-1999; textos de Paulo Mendes da Rocha; memoriais dos projetos por Guilherme Wisnik, 3.ed. rev. - São Paulo: Cosac & Naify, 2006.</p> <p>BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradu- ção Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo : Mar- tins Fontes, 2012.</p> <p>BANHAM, Reiner. The new brutalism: ethic or aesthe- tic?. London : Architectural P., 1966.</p> <p>BARONE, Ana Cláudia Castilho. Team 10 : arquitetura como crítica. São Paulo : Annablume, 2002.</p> <p>CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, 1 : artes de fazer / Michel de Certeau ; nova edição, estabele- cida e apresentada por Luce Giard ; tradução Ephraim Ferreira Alves. 19. ed. Petrópolis : Vozes, 2012.</p> <p>CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, 2 : mo- rar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol ; tradução de Ephraim F. Alves, Lúcia Endlich Orth. 11. ed. Petrópolis : Vozes, 2012.</p> <p>HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. [Trad] Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2018.</p> <p>KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Editora Terra e Paz, 1980.</p> <p>LUDZIK, Alejandro Ferraz-Leite El proyecto arquitec- tónico como acto de comprensión : Aldo van Eyck / Hans-Georg Gadamer. Uruguay : Universidad de la República, 2017.</p> <p>PENTEADO: Fábio. Fábio Penteado : ensaios de ar- quitetura. São Paulo : Empresa das Artes, 1998.</p> <p>REVISTA CONTRASTE, Nº 3. São Paulo : USP, FAU, 2014.</p> <p>REVISTA MONOLITO. São Paulo: Editora Monolito, Nº 33, 2016. Edição SESC-SP: Arquitetura.</p> <p>STRAUVEN, Francis. Aldo van Eyck : the shape of relativity. Amsterdam : Architectura & Natura, 1998.</p>
<p>Projeto Parque Municipal Minhocão - Portaria Conjun- ta Nº 006/2018/ SVMA / SMUL / SMPR. SPU - SP Urbanismo - SMUL, PMSP, 2019. Fonte: Arquivo da SP Urbanismo - PMSP.</p> <p>Projeto Sistema de Drenagem Pluvial da Bacia do Anhangabaú - Galeria Existente: Planta e Perfil. Folha 552/Nº13. Escala 1:500. PMSP, 1977. Fonte: Arquivo de SIURB - PMSP.</p> <p>Projeto Passarelas Terminal Bandeira. Passarela 1 (9 de Julho) - Impermeabilização. Projeto Executivo. Có- digo Folha: RA-PB-AQ01-DE027. Revisão 0. Escala 1:40- 1:125. EMURB, PMSP, 1988. Fonte: Arquivo da SP Urbanismo - PMSP.</p>		

fonte das imagens

Capítulo dois:

Página 9:

Imagens 5 e 6.
 Fonte: <http://www.arquiteturabrutalista.com.br/>

Imagens 7 e 8.
 Fonte: <http://celulaf5.blogspot.com/2008/05/snozzi.html>

Imagem 9.
 Fonte:<https://www.archdaily.com.br/br/785156/classicos-da-arquitetura-pavilhao-suico-le-corbusier>

Página 10:

Imagem 10. Obs: As cores da imagem original foram modificadas.
 Fonte: <http://www.maisondubresil.org/pt-br/o-edificio/visita-virtual/>

Imagens 11. Obs: As cores da imagem original foram modificadas.
 Fonte:<https://www.archdaily.com.br/br/871125/classicos-da-arquitetura-maison-du-bresil-le-corbusier>

Imagens 12, 13 e 14. Obs: As cores das imagens originais foram modificadas.
 Fonte: <http://www.maisondubresil.org/pt-br/o-edificio/visita-virtual/>

Imagem 15.
 Fonte: BANHAM, Reiner. The new brutalism: ethic or aesthetic?. London : Architectural P., 1966. Pág. 154.

Imagem 16.
 Fonte: BANHAM, Reiner. The new brutalism: ethic or aesthetic?. London : Architectural P., 1966. Pág. 156.

Imagens 17 e 18.
 Fonte: <https://www.architectural-review.com/buildings/1961-may-psychiatric-institute-milan-by-vittorio-vigano/8630028.article>

Página 11:

Imagens 19, 20 e 21.
 Fonte: Paulo Mendes da Rocha : projetos 1957-1999 / organização de Rosa Artigas ; textos de Paulo Mendes da Rocha ; memoriais dos projetos por Guilherme Wisnik , 3.ed. rev. - São Paulo: Cosac & Naify, 2006. Pág. 192.

Imagens 22 e 23.
 Fonte: BANHAM, Reiner. The new brutalism: ethic or

aesthetic?. London : Architectural P., 1966. Pág. 65.

Imagens 24, 25, 26.
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-36195/classicos-da-arquitetura-nakagin-capsule-tower-kisho-kurokawa>

Página 13:

Imagens 28, 30 e 31.
 Fonte: BANHAM, Reiner. The new brutalism: ethic or aesthetic?. London : Architectural P., 1966. Pág. 158, 162 e 163.

Imagens 29 e 32.
 Fonte: STRAUVEN, Francis. Aldo van Eyck : the shape of relativity. Amsterdam : Architectura & Natura, 1998. Pág. 294.

Página 15:

Obs: As cores da imagem original foram modificadas.

Imagens 36, 37 e 38.
 Fonte: REVISTA MONOLITO. São Paulo: Editora Monolito, Nº 33, 2016. Edição SESC-SP: Arquitetura.

Imagem 39.
 Fonte: FERRAZ, Marcelo (org.). Sesc Ffábrica da Pompeia = : Sesc Pompeia Factory : São Paulo, Brasil : 1977-1986/. São Paulo : Ed. SESC SP, 2015.

Imagem 40.
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766894/exposicao-lina-bo-bardi-together-e-inaugurada-na-graham-foundation>

Página 16:

Obs: As cores da imagem original foram modificadas.

Imagens 41, 42 e 43.
 Fonte: www.rudasfurdo.hu
 Imagem 44.
 Fonte: <http://arquiscopio.com/archivo/2012/12/05/termas-de-vals-en-grisomes/?lang=pt>

Imagem 45.
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br>

Imagem 46.
 Fonte: <http://inicio.fundacionrogeliosalmona.org/rogelio-salmona>

Imagens 47 e 48.
 Fonte: www.luiscalejas.com

Página 17:

Imagem 49.
 Fonte: FERRAZ, Marcelo (org.). Sesc Ffábrica da Pompeia = : Sesc Pompeia Factory : São Paulo, Brasil : 1977-1986/. São Paulo : Ed. SESC SP, 2015.

Imagens 50 e 51.
 Fonte: PENTEADO: Fábio. Fábio Penteado : ensaios de arquitetura. São Paulo : Empresa das Artes, 1998.

Imagem 52.
 Fonte: <http://fundacion.arquia.es/>

Imagens 53 e 54.
 Fonte: BANHAM, Reiner. The new brutalism: ethic or aesthetic?. London : Architectural P., 1966.

Página 21:

Imagens 55 a 60.
 Fonte: <http://www.loebcapote.com/projetos/>

Imagem 61.
 Fonte: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-inaugura-centro-temporario-de-acolhimento-cta-para-pessoas-em-situacao-de-rua-na-vila-mariana>

Páginas 22 e 23:

Imagens 62 e 63.
 Fonte: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=237779.

OBS. Todas as demais imagens, que não estão aqui listadas, são de autoria própria.